

UNIVERSIDADE FEEVALE

LEOCÁDIA RIOS PINTO COSTA

A AVENTURA DE CRIAR: 50 ANOS DA ESCOLINHA DE ARTE DO RS

Novo Hamburgo
2011

LEOCÁDIA RIOS PINTO COSTA

A AVENTURA DE CRIAR: 50 ANOS DA ESCOLINHA DE ARTE DO RS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
a obtenção do Grau de Especialista
em Arte/Educação pela
Universidade FEEVALE.

Orientador:

Prof. Me. Clóvis Vergara de Almeida Martins Costa

Novo Hamburgo

2011

LEOCÁDIA RIOS PINTO COSTA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Especialização em Arte/Educação: Arte, Ensino e Linguagens Contemporâneas, **“A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS”**, submetido ao corpo docente da Universidade FEEVALE, como requisito necessário para obtenção do Grau de Especialista.

Aprovado por:

Prof. Me. Clóvis Vergara de Almeida Martins Costa – FEEVALE / Orientador

Profª. Esp. Silvana Maranzana da Silva – FEEVALE/ Banca Examinadora

Novo Hamburgo, 12 de janeiro de 2011.

**Dedicatória à
Pablo Picasso**

Tudo o que você pode imaginar é real.

Agradecimentos

A terra, a água, ao fogo e ao ar.
Ao mar e os rios.
Aos animais.
As árvores.
A vida.

Aos amigos que encontrei nesses dois anos vivenciados na arte-educação.
Aos mestres que sempre chegam quando estamos preparados.
Aos ensinamentos que nem sempre chegam quando estamos preparados.
A descoberta constante e renovadora da vida.
Aos processos de morte, vida e criação.

Aos meus pais por me presentarem com música, afeto e vida.
A minha irmã por todas as vivências compartilhadas.
Aos amores por nutrirem meu corpo e minha alma.
A Deus que está em tudo regendo esse universo que nos aconchega.

Epígrafe

O que for da profundidade do teu ser, assim será teu desejo.
O que for teu desejo, assim será a tua vontade.
O que for tua vontade, assim serão teus atos.
O que forem teus atos, assim será teu destino.

(Brihadaranyaka, Upanishad IV, 4.5).

RESUMO

A ideia de que somos interligados, numa rede de aprendizados, conhecimentos e descobertas está presente nesse trabalho. Ao contarmos a história de um grupo comprometido com a educação e o criar – no caso a Escolinha de Arte do RS - estamos resgatando a memória de muitos grupos semelhantes que existiram ou ainda permanecem perseverantes na construção de um mundo mais harmonioso, pacífico e integrado através da educação pela arte. A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS, traz um panorama geral da história da arte-educação mostrando a troca constante das experiências da Escolinha de Arte do Brasil que difundiu a viabilidade de uma educação criadora possível, com a Escolinha de Arte da UFRGS, que no RS tornou-se referência, dentro do Movimento de Escolinhas de Arte, não somente como exemplo filosófico, mas também como responsável direto pelo intercâmbio, formação e ampliação dessa proposta na região sul do país. O relato registrado nessa pesquisa atinge o âmbito da contemporaneidade através da memória viva dos participantes da Escolinha de Arte que estão presentes na revista e no filme-documentário comemorativos aos 50 anos de existência da Escolinha de Arte do RS, completados em 15 de setembro de 2010.

Palavras-chaves: arte-educação, memória, história, arte, acervo, escolinha de arte, revista e filme-documentário.

ABSTRACT

The concept that we are interconnected in a net of learning experiences, knowledge and findings is present in this project. Telling the story of a group which is committed to education and creation – the School of Art of RS – we are rekindling the memory of a lot of other similar groups which existed or continue persevering in the construction of a more harmonious, pacific and integrated world through art education. The adventure of creation: 50 years of the School of Art of RS conveys a general perspective of the history of art education showing the constant exchange of experiences at the School of Art of Brazil. It diffuses the feasibility of creative education, with the School of Art of RS, which has become a reference in RS, within the Movement of Schools of Art not only as a philosophical example but also as responsible for the exchange, formation and spreading of this proposal in the South Region of Brazil. The report recorded on this research reaches the scope of contemporaneity through the living memory of the participants of the School of Art who are present in the magazine and in the documentary film which commemorates the 50 years of the School of Art of RS, celebrated on September 15, 2010.

Key words: Art Education, memory, history, art, collection, school of art, magazine and documentary film.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 A AVENTURA DE VIVER: EXPERENCIAR PARA CRIAR.....	11
3 A AVENTURA DE CRIAR: A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL.....	44
4 A AVENTURA DE CRIAR: 50 ANOS DA ESCOLINHA DE ARTE DO RS.....	63
4.1 A aventura de criar: a memória da Escolinha de Arte do RS.....	90
5 CONCLUSÃO.....	103
6 REFERÊNCIAS.....	106
7 ANEXOS.....	113

1. INTRODUÇÃO

Iniciar é um verbo que está condicionado à ação diretamente. Por isso grande parte do início de uma história requer uma boa dose de aventura, pois o movimento pressupõe risco e imprevistos, sendo cada passo construído diariamente.

Geralmente o início de uma história é conhecido por todos: sabemos os nomes dos personagens principais, suas funções e as primeiras realizações obtidas. Dentro da história da arte-educação brasileira a *Escolinha de Arte do RS* é um dos principais grupos atuantes nos últimos 50 anos de arte e educação. Entenda-se *Escolinha de Arte do RS* como a reconhecida *Escolinha de Arte da UFRGS*.

Depois de conhecer o grupo da Escolinha de Arte do RS em 2008/2009 me lancei na aventura da descoberta dessa criação em todos os níveis possíveis. Parti da criação burocrática do Instituto de Arte (IA), o início da estruturação do espaço físico onde ela foi desenvolvida no Estado, até sua relação direta com a origem da proposta em solo brasileiro, apresentada por Augusto Rodrigues em 1948, no Rio de Janeiro.

Nessa aventura a criação esteve presente todo o tempo, porque apesar de terem se passado 50 anos os registros sobre a Escolinha de Arte do RS são raros e escassos, em contrapartida ao interesse que esse trabalho desperta nas pessoas envolvidas ou não com arte. Por isso descobrir quem são as pessoas que fizeram a Escolinha de Arte do RS, seus pensamentos e ideias sobre arte-educação, suas relações estabelecidas entre vida e Escolinha foram objetivos desafiadores na construção desse material.

Por causa da guarda conflituada do Acervo da Escolinha de Arte do RS (de 2009 até hoje) tivemos um acesso restrito a esse material. Entretanto contei com o apoio dos professores, ex-alunos e ex-professores que em prol dos 50 anos ajudaram na nutrição dos dados históricos e através da memória viva dos seus depoimentos.

A construção desse trabalho não foi linear. O filme e a revista foram realizados a partir da minha relação com a Escolinha de Arte do RS, como ex- aluna e voluntária, durante o preparo das comemorações do cinquentenário. O trabalho aqui apresentado visou registrar esse processo de maneira total fechando um ciclo de informações no sentido de valorizarmos a história, a memória, o acervo e principalmente, as pessoas que possibilitaram a existência desse grupo atuante e significativo na arte-educação brasileira.

2. A AVENTURA DE VIVER: EXPERENCIAR PARA CRIAR

Iniciar um texto, a construção de uma imagem ou uma fala em público sempre representou para mim, de maneira intrínseca, um desafio criativo. Remexer em memórias guardadas e na história pessoal gerou em mim muitos questionamentos que, pouco a pouco, foram sendo respondidos com o *experenciar*¹ extraído da aprendizagem que tive com a convivência com meus colegas de turma da FEEVALE² e a troca constante com amigos arte-educadores que através das suas histórias de vida, segundo Bolívar: possibilitam a construção de sentido do projeto de uma vida dedicada à docência a partir da ordenação da bagagem de acontecimentos, vivências e aprendizagens ao longo da vida. (BOLÍVAR, 2007, p.13)



Fotografia 1 - Turma de Arte-Educação/2009-2010.

¹ *Experenciar* é um termo muito utilizado pela autora. No dicionário da língua portuguesa essa palavra não consta catalogada, mas na minha interpretação pessoal assume significado da união de duas palavras: *experenciar* (oriunda de *experiência*) e *vivenciar* (oriunda de *vivência*). Essas palavras são extremamente importantes, porque se complementam, ajudando o indivíduo a refletir melhor sobre seus processos de vida.

² Fotografia da Turma de Especialização em Arte-Educação, FEEVALE (2009-2010). Da esquerda para direita (em pé): Rejane, Elen, Mioki, Prof. Convidado Carlos Greib, Tita, Guadalupe, Pablina e Elisete. (sentados): Rosana, Leocádia, Josy, Adriana e Isafas. Falta na foto a colega: Daiana.

Curioso notar que o ser humano limitou-se a descobrir - ou a reproduzir - os modelos concebidos por outras espécies que habitam ou habitaram o mundo. Inspirado em suas observações da natureza e de suas estranhas criaturas, o homem sobreviveu, organizou-se e, a partir de então, inventou o tempo e a narrativa. Jean Piaget (PIAGET, 1978) através de seus estudos demonstra que *“assim como uma sucessão de notas não forma uma música, a sucessão de instantes só adquire sentido em uma continuidade que chamamos duração. A duração é algo subjetivo, ligada a nossas experiências e desejos. Segundo Fichtner e Brose (2009, pg.41-42): Narrar permite conectar o tempo cronológico com a experiência sensível do tempo interior.*

A retomada de alguns momentos de construção da minha vida e a conclusão da especialização merecia ser investigada para pontuar o que levou uma publicitária por formação, uma produtora cultural por vocação, uma artista por descoberta, e uma geminiana de nascimento a ingressar nesse universo tão cheio de correlações e desafios constantes que é a Arte-Educação.

Sendo assim apresento, no capítulo primeiro do meu trabalho de conclusão de curso, as minhas memórias, elegendo os fatos mais marcantes e carregados de significação. Partindo de Greimas mesmo que num primeiro momento a significação aprisione o homem, neste caso de busca ela gera sentido, como afirma Eric Landowski (1973): *“a única coisa que, sob uma forma ou outra, poderia nos estar presente, é o `sentido.` Nunca estamos presentes na insignificância.”* Esses fatos significantes formaram uma mulher interessada em comunicar aos coletivos sociais e culturais existentes, formas de expressão, através da arte e da educação.

Deve compreender-se desde o começo que o que tenho presente não é simplesmente a `educação artística´ como tal, que deveria denominar-se mais apropriadamente educação visual ou plástica: a teoria que enunciarei abarca todos os modos de expressão individual, literária e poética (verbal) não menos que musical ou auditiva, e forma um enfoque integral da realidade que deveria denominar-se educação estética, a educação desses sentidos sobre os quais se fundam a consciência e, em última instância, a inteligência e o juízo do indivíduo humano. Somente na medida em que esses sentidos estabelecem uma relação harmoniosa e habitual com o mundo exterior, se constrói uma personalidade integrada. (DUARTE, 1983, p.76).

Desde muito pequena gostava de escutar histórias e não sei muito bem com quem essa suave inclinação a literatura começou, mas arrisco que na minha *Escolinha de Arte* familiar o ambiente foi muito propício. Como dizem as educadoras Fichtner e Brose (2009, p.41): *O tempo da infância é um tempo diverso do tempo abstrato e métrico, recriado pelos manuais escolares da sociedade das máquinas com suas fábricas e chaminés. Quando se é pequeno os acontecimentos do mundo todo cabem dentro da miniatura do brinquedo infantil. (...) Por isso na infância é importante brincar, por muito tempo, de 'era uma vez'... Nós somos feitos de imagens, de matéria e de tempo, mas, como as sombras, o tempo é imaterial.*

Era uma vez... Uma menina que nasceu em 04 de junho de 1973, no bairro Bom Fim, no Hospital Moinhos de Vento e recebeu o nome de Leocádia Rios Pinto Costa. Filha mais velha do pianista (formado em arquitetura/UFRGS) Marcelo Costa e da cantora lírica (que trabalhou nos Recursos Humanos da empresa Olivetti e atuou como modelo manequim na Boutique de suas tias *Savoir Porter*) Anita Rios Pinto.



Fotografias 2 e 3 - Leocádia com os pais em casa (1974) e na Redenção 1973, Porto Alegre- RS.



Fotografias 4 e 5 - Porto Alegre (Vista aérea, Postal Casa do Amador, 1960) e, em Santa Catarina, com a irmã Carolina (Veraneio/1982).

Ambos se conheceram num Seminário de Música em Porto Alegre. Ambos migraram de suas cidades natais: Sant'Anna do Livramento (paterno) e Pelotas (materno), na fase da adolescência entre os 16 e 18 anos, para estudar na capital do RS – Porto Alegre. Ambos moraram com seus tios que habitavam no Centro da capital. Conheceram-se, casaram-se e resolveram ter filhos: Leocádia e Carolina.



Fotografias 6, 7 e 8– Anita Rios Pinto dançando, cantando (Pelotas- RS, 1951/58) e desfilando (Porto Alegre, RS- 1962).



Fotografias 9 e 10 – Marcelo Fernandes Costa na primeira apresentação musical (Santana do Livramento- RS, 1955) e no Seminário em Porto Alegre (1962) no Coral, ele (primeiro da esquerda) e Anita Rios Pinto (primeira da esquerda).

Cresci em meio a cantorias realizadas nas casas de amigos, concertos intimistas na residência deles, música tocando nas vitrolas pelos LP's da época. Posso dizer que meus primeiros anos de vida foram cercados de sonoridades. John Cage³, disse: “Os sons que a gente ouve são. Música”.

Quando nasci além de ser segunda filha do casal (porque a primeira gravidez de minha mãe foi interrompida por um aborto espontâneo), também fui a primeira neta de meus avós maternos: Córa Rios Pinto (1916-1991) e Alfredo Lhullier Pinto (1904-1977) que residiam em Pelotas. Quem definiu o nome do bebê foi minha mãe que na sua infância acompanhou a história de *Anita Leocádia* (1936), filha dos comunistas Luís Carlos Prestes (1898-1990) e Olga Benário (1908-1942), nascida num campo de concentração na Alemanha e pertencente à mesma geração da minha mãe. Este nome foi ficando leve com a passagem do tempo, pois quando criança denotava admiração e causava surpresa em grande parte das pessoas por toda a representação histórica que ele carrega.

³ Fala extraída da matéria vinculada no suplemento Folhinha, Folha de São Paulo, 08/02/87.



Fotografias 11, 12 e 13 – Avós Córa e Hedy (Porto Alegre- RS, 1978) e o encontro com Luiz Carlos Prestes Filho ⁴ (Porto Alegre- RS, 2004).

Morei nos primeiros meses de vida no bairro Bom Fim (na Rua Felipe Camarão, num prédio com pastilhas azuis entre a Avenida Vasco da Gama e a Rua Castro Alves) sendo a Redenção o grande pátio onde dei meus primeiros passos. Comumente quando estamos em meio ao fluxo da memória, recordamos de pontos significativos onde a vida se concentrou e a Redenção é um desses locais.



Fotografias 14, 15 e 16 – Primeira residência Felipe Camarão (fora e dentro) – Porto Alegre, 1973 e cartão de visitas (com desenho de Leocádia - 1974).

Um pouco depois do meu nascimento nos mudamos para o Centro da cidade, e moramos na Rua Fernando Machado até os meus 25 anos. Hoje resido no Centro Histórico, na Rua Duque de Caxias, mas penso em morar no Bom Fim, porque adoro esse bairro com ar cosmopolita e a proximidade com o parque.

⁴ Fotografias 01 até 53: acervo Leocádia Costa.



Fotografias 17, 18 e 19 – Primeiros passos Leocádia no Parque Farrroupilha - Redenção. (Porto Alegre- RS, 1974) e Primeiro transporte de metal, em duas rodas, testado na Rua Fernando Machado (fundos da Curia Metropolitana) no Centro Histórico (Porto Alegre- RS, 1976).

Meus pais tinham amigos em comum por causa da música e todos adoravam cantar: *Agnes Bakes* e *Teresinha Steffens* (já falecidas), *Zeno Steffens* (marido da Teresinha) e *José Miranda da Silva* (o Zé Miranda que reencontrei há muitos anos num shopping e continuava cantando no Coral Porto Alegre). Eles se reuniam na casa dos meus pais para cantar à noite porque todos trabalhavam durante o dia. Vivenciei esses encontros por muitas vezes e era muito bonito vê-los cantar músicas de todas as nacionalidades e gêneros, em coro ou à capela. Vez em quando batucavam os dedos nos móveis de madeira e, poucas vezes, tinham auxílio do piano de armário de meu pai. No início desses encontros somente eles cantavam, depois com o decorrer dos anos, os filhos foram encorpando o coro e cantávamos todos até altas horas da noite. Eu tenho saudade desses sons, dessas vozes, risos e choros que entremeavam as canções e da presença amiga do piano:

A casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas também preciosas, que não tem preço. Nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto perdido de valor inestimável que, se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele. (NOVAES, 1988, p.112)



Fotografias 20, 21 e 22 – Agnes à esquerda em visita à Teresinha (Bom Princípio - RS, 1984), Livro de Partituras da minha mãe e Cantorias: Zé Miranda, Zeno e Teresinha (Porto Alegre - RS, 1980).

Quando não aconteciam reuniões de cantoria, meus pais nos ofereciam quase que diariamente concertos com repertório erudito *ao vivo*. Minha mãe cantava algumas árias italianas⁵ e meu pai estudava sempre o mesmo repertório ao piano em sua maioria de compositores alemães. Por muitas vezes, eu e minha irmã, ficamos embaixo do piano escutando as músicas. Noutras, dormíamos ao som dessas sonoridades. Mesmo com tanta música em casa, nenhuma de nós estudou um instrumento, apesar de na adolescência eu ter tido algumas noções de violão e cantar junto com os LP's.

Minhas tias avós *Marina* e *Maria Lhullier Pinto* foram as tias guardiãs da minha mãe em Porto Alegre até ela casar e são figuras muito importantes na minha infância. Foi com elas que vivenciei minha primeira *Escolinha de Arte* e recebi muitos ensinamentos estéticos. Minhas tias-avós não casaram por opção, envelheceram solteiras e atentas aos sobrinhos. Moravam juntas num apartamento de dois quartos, na Rua Jerônimo Coelho, no antigo Edifício Monroe (com amplas escadas em pedra que escorregavam nos dias chuvosos exigindo cautela dos transeuntes mais desavisados). A casa delas era mágica: A criança muito pequena pode ignorar que seu lar pertence a um mundo mais vasto. O espaço que ela vivencia como os dos primitivos, é mítico, heterogêneo, habitado por influências mágicas e isso se

⁵ Que constavam no livro de partituras *Arias Antiguas* repleto de composições italianas para piano e voz.

relaciona com o social na vida adulta. Me lembro até hoje dos tons de luz do ambiente e dos cheiros (dos perfumes e dos aromas das comidas).



Fotografias 23 e 24 – Tias-avós maternas (Pelotas- RS). [s.d]

Perto delas, na Rua Duque de Caxias morava a prima da minha mãe, Tia Suzana que tinha duas filhas pequenas com idades próximas a minha e de minha irmã, chamadas Cristina e Beatriz Abuchaim⁶.



Fotografia 25 – Primas, irmã e amigos de infância. (Porto Alegre- RS, 1980).

⁶ Fotografia 25 da esquerda para a direita: Beatriz Abuchaim, Leocádia e Carolina Costa, Cristina Abuchaim, Alexandre e Daniela Steffens.

Com frequência eu ia visitá-las e lá também tive muitas vivências que me recordo até hoje: as brincadeiras do tapete mágico, o papai Noel riscando o céu no Natal de 1977, o esconde-esconde no armário do corredor com venezianas, os lanches com guaraná Charrua, sacolé e salame bem fininho, o cheiro do cachimbo que impregnava o escritório do Tio Antônio, a guitarra do primo Renato, os rabo-de-cavalo e maria-chiquinhas feitas pela Lucy que nos deixavam com os olhos repuxados e o trajeto pelo Viaduto da Borges (pela escadaria) quando voltava para a minha casa nos finais de tarde. Era uma casa molto carina, Senza soffitto, senza cucina. No si poteva entrarci dentro, Perché non c'era il pavimento. Non si poteva andare a letto, In quella casa non c'era il tetto. Non si poteva fare pipi, Perché non c'era vasino li. Ma era bella, bella davvero, In Via dei Matti, numero zero.⁷ (BARDOTTI; ENDRIGO, 1974)

Disse antes que minhas tias- avós moravam num lugar mágico e explico o porquê dessa magia.⁸ O espaço era dividido entre a sala, dois quartos, banheiro, cozinha e uma micro área de serviço em formato precipício. Na sala havia muitos objetos antigos que estavam sempre expostos que de certa forma tornaram-se com o tempo biográficos, representando uma experiências vividas e a quem pertenciam.



Fotografia 26 – Escolinha-Casa das tias-avós (I).

⁷ Canção que marcou minha infância: A Casa, de Vinicius de Moraes, 1980 - Era uma casa muito engraçada. Não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela, não. Porque na casa não tinha chão. Ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede. Ninguém podia fazer pipi, porque pinico não tinha ali. Mas era feita com muito esmero. Na rua dos bobos, número zero.

⁸ Fotografias de família: Objetos que herdamos das tias-avós. Acervo Leocádia Costa



Fotografia 27 – Escolinha-Casa das tias-avós (II).

Na mesa do centro da sala (em madeira com pés de palito e tom claro ficava o pote alaranjado e um vaso acinzentado com flores), no canto esquerdo era o lugar da vitrine grande com vidros de correr onde tudo que estava dentro era pequeno e com forte afetividade (os biscuits, as penas para os chapéus, os óculos em metal, louças pequeninas, cartões-postais de viagem, vidros e xícaras em formato de bibelô, livro de orações, fotografias, bengalas, etc). Tudo o que estava dentro da vitrine não podia ser tocado. Conforme diz Giovani (MONTAGU, 1986, p.18) no prefácio do estudo sobre o significado humano da pele: *“Eu sei que tocar foi, ainda é e sempre será a verdadeira revolução.”* De acordo com Merleau Ponty:

As relações entre ver e ser visto mostram-se tatilizadas, percebidas, sentidas, significativas e impregnadas no corpo, pelos quatro sentidos – visão, gosto, olfato e audição -, todos eles se reencontrando no tato, o mais profundo de todos os sentidos, por encerrar a conjugação total entre sujeito e objeto. (FRANGE, 2001, p.22-23).

A parede acima da vitrine era repleta de quadros emoldurados e outros em gesso, um relógio grande marcava as horas e seu som nas horas pares era solene, lembrava o som de

uma catedral. No canto direito bem acima do sofá havia um estandarte com o **mapa dos correios francês** que não podia ser tocado, porque era um antigo lenço que tinha sido emoldurado para ser preservado.



**Fotografias 28, 29 e 30 – Objetos da Escolinha-Casa das tias-avós (detalhe): bolsinha e álbum.
Tias-avós com a Bisavó Materna Ginuca – ao centro (Pelotas, RS – 1951).**

Me recordo que pacientemente a Tia Marina retirava as peças da vitrine e contava as histórias de cada objeto, peça por peça: estes óculos eram do vovô Bapthista, a **bolsinha em malha de aço** da Vovó Ginuca, este cartão foi enviado pelo Tio Rodrigo a sua esposa Amélia, este jogo de chá Marina e eu brincávamos quando crianças, nesta xícara pequeninha a tua mãe tomava leite condensado quando tinha a tua idade, e assim por diante. Algumas dessas histórias eram intermediadas pela voz da Tia Maria que por vezes ficava sentada na cadeira de balanço, acompanhando o momento da contação de histórias. Se eu tivesse cuidado podia pegar alguns objetos, mas sempre sob a observação constante das duas e depois de muitas garantias. Muitas vezes após toda a história da vitrine elas me mostravam um imenso **álbum**

de fotografias do século XIX que eram do pai delas, o Vovô Bapthista – já adulta, vim saber que ele é um dos fotógrafos pioneiros do que se fixou com estúdio profissional em Pelotas e Bagé. Estas fotos eram relíquias que elas conservavam guardadas na prateleira da mesinha preta junto com os dois conjuntos de chá da **Vovó Ginuca**, intermediada por duas cadeiras solenes Luís XV.

Eu adorava ficar na sala com elas, porque ao meio-dia e ao entardecer entrava uma luz muito bonita pela janela basculante de vidro e deixava a atmosfera ainda mais mágica. Na mesa da sala eu me sentava para desenhar também. Elas me davam papel e lápis de cor, giz de cera e ali eu ficava horas pintando imagens, desenhando. Nunca nenhum desenho meu foi colocado na parede das casas delas, e recentemente, me lembro da expressão da Tia Marina quando via os desenhos pendurados em molduras na casa dos meus pais com certa reprovação. Hoje entendo o porquê.



Fotografia 31 – Reprodução do desenho de Leocádia com lápis de cor, tamanho a4, 1978.

Fixar uma fase de expressão da criança como a melhor, a mais bonita digna de receber um local de destaque na parede da casa pode bloquear o seu desenvolvimento natural expressivo. O que os arte-educadores indicam é colocar os trabalhos (desenhos, pinturas,

colagens, etc) em uma moldura que possibilite a troca dos mesmos. Assim, durante um período terão sido expostos variados trabalhos e todos eles terão valor, porque retratam um momento de construção da sua individualidade artística.

Nas suas etapas de crescimento, toda a criança percorre uma sequência de formas de expressão com características ao mesmo tempo pessoais e universais. Em qualquer cultura e em qualquer tempo, com certeza, e sucessivamente, ela vai rabiscar e elaborar formas que, enriquecidas, falarão de si mesmas, do seu processo, do seu ritmo e do mundo que a cerca. (REVISTA EA 50 ANOS, 2010)

Minhas tias tinham uma empregada que ficou com elas até ficar muito velhinha, a Tetê. Ela era uma senhora mulata, com cabelo preto, curto e crespo, quase sempre em coque, que cozinhava muito bem e falava pouco. Eu adorava a comida da Tetê: as sopas, o espaguete com guizadinho e as gelatinas coloridas em potinhos. Além das habilidades culinárias, a Tetê me deixava brincar com as panelas.

Os baldes, bacias e panelas da casa eram outro foco de interesse e brincadeira: eu montava baterias. Mais tarde, um colega de escola trouxe das férias uma flauta de bambu. Não sosseguei enquanto não tirei som dela e comecei a tocar e a fazer flautas. (MENTZ, 2008-2009)

A infância é algo precioso. Eu acho que, se a humanidade tem futuro, ela vai retomar por aí, pela infância. E isso não é impossível, nem difícil, porque a infância está guardada dentro de cada um. Eu acho que a grande revolução está aí. Fico muito feliz de ver que o Brasil tem tudo pra isso, tem muita cultura popular ainda. A cultura popular é uma segunda infância. Um alemão extraordinário, Friedrich Schiller, diz que o homem só é inteiro quando brinca, e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra homem. O brincar é algo espiritual. E não estou falando de religião, não. Não é nada disso. É algo ainda mais profundo, que tem a ver com a alma do homem. (HORTÉLIO, 2008)

Na cozinha havia um armário branco com muitas portas e muitas panelas de variados tamanhos. Quando eu chegava de manhã para visitá-las ia direto para a cozinha e retirava todas as panelas do lugar para organizar a minha *Sinfonia Metálica*. Com a presença da minha mãe a Sinfonia, passava por algumas interrupções por causa do barulho ensurdecido causado. Algumas vezes terminava antes do segundo movimento. Entretanto quando eu já

estava no apartamento somente com minhas tias e a Tetê a música fluía até os limites do corpo ou do cansaço ou da hora do almoço chegar. Ninguém me interrompia, somente os sorrisos da Tetê que batia as palmas, sacudindo levemente a cabeça de contentamento pela “traquinagem” sonora.

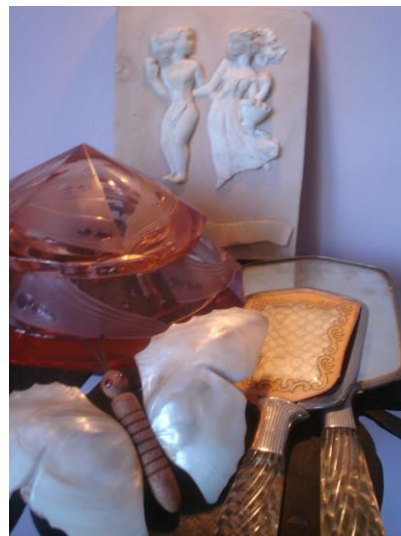
(...) O que a lavadeira faz com as roupas no tanque. O que o guarda noturno faz com seu apito. O que os dentes fazem com as batatas chips dentro da cabeça. O que fazem a chuva, o mar, a televisão, os passos, o piano, as panelas, os relógios. Tic tac tic tac. O coração. Bom bom bom bom. Uma música que não é brasileira, nem americana, nem africana, nem de nenhuma parte do planeta porque é. Do planeta todo. Fechando os olhos fica mais fácil a gente escutar. Ela. (ANTUNES; BANDEIRA, 2000, p.39)

Os quartos das minhas tias-avós eram espaços lúdicos. A Tia Maria era mais clean nos móveis e objetos, sendo assim o que me chamava mais atenção eram os objetos expostos na penteadeira (porta-retrato, paninhos bordados, orações emolduradas de São Francisco de Assis e ensinamentos orientais), as cartas de tarô num paninho e as palavras cruzadas que ela fazia vorazmente e empilhava as revistas utilizadas num cantinho do quarto. Nesse quarto eu podia me pentear e depois era “removida” para a sala, porque ela queria descansar.



Fotografia 32 – Objetos pertencentes à Tia Maria.

No quarto da Tia Marina a entrada era liberada, com restrição somente a caixa de costuras, por causa do agulheiro. Nesse quarto ficava a minha cama improvisada: uma chaise-longue bordô que possibilitava que eu me deitasse bem espichada, mas levemente inclinada que nem uma dama antiga. Nesse móvel antigo eu deixava a minha sacolinha de papelão, com o travesseirinho e a Dadá (minha boneca vermelha de plástico).



Fotografias 33 e 34 – Objetos pertencentes à Tia Marina.

O quarto da Tia Marina tinha um pechichet (um móvel com um espelho comprido no meio, ladeado por duas colunas de gavetas com espaço para bibelôs). Além disso, um armário muito grande (desses da gente caber dentro) guardava em suas gavetas uma infinidade de sapatos número 34 que eu colocava e desfilava pela casa vestida de mocinha. Essa brincadeira durava horas.

A janela do quarto tinha uma sacadinha estreita, sempre encoberta por uma fina cortina de renda que com o vento oscilava iluminando e escurecendo o ambiente. Na parede da entrada lateral esquerda, os quadros eram todos de artistas plásticos, alguns com obras de amigos que pintavam ou desenhavam e, outros com as reproduções do *Degas* (suas bailarinas no backstage), de *Augusto Rodrigues* (as três meninas), peças em porcelana (borboleta) e a

imagem fotográfica emoldurada com uma inscrição - Gehör - com uma jovem menina escutando algo⁹.



Fotografia 35 – Da esquerda para a direita: Tia Maria, Leocádia, Tia Marina e Carolina (Porto Alegre, RS – 1982).

Passei muitos dias da minha infância nessa casa, até os quatro anos de idade, porque nessa idade minha irmã nasceu e um tempo depois meu pai ficou doente, sendo mais fácil para minha mãe dividir meu tempo entre a Escola e a Casa das minhas tias-avós e primas.

*O Pato Donald*¹⁰ (a minha segunda Escolinha ficava numa casa muito grande, com pátio de terra e árvores copadas nos cantos junto com um viveiro que até um Tucano abrigava).

⁹ Cresci olhando essas imagens e aos poucos identificando os artistas. O quadro de *Augusto Rodrigues* foi uma descoberta em 2008 quando o conheci como educador, cartunista, pintor e poeta (1913-1933). É provável que minhas tias tenham conhecido Augusto porque iam com frequência ao Rio de Janeiro e mantinham amizades com artistas da época. Augusto participou da fundação da INSEA, em Paris, em 1954. Ele era contra a escola do monólogo e da repetição e dizia que só a prática contínua das artes transformaria as escolas num espaço para o desenvolvimento da solidariedade humana e da paz. (FRANGE, 2001, p.31).

¹⁰ Fotografia 36: pátio da Escolinha Pato Donald, onde estudei de 1975 a 1979 (detalhe da Casa em madeira).



Fotografia 36 – Leocádia, com seu traje de Festa Junina (Porto Alegre, RS – 1975).

Era situada na Rua Demétrio Ribeiro, ao lado da garagem Bolinha e educava seus alunos dentro do método Montessori¹¹ que dizia: *Para ser eficaz, uma atividade pedagógica deve consistir em ajudar as crianças a avançar no caminho da independência.* (MAFRA, 2005, p.56). Neste espaço estudei entre os dois anos e meio até os seis anos e meio de idade quando sai para uma escola maior para cursar a primeira série do primeiro grau (hoje ensino fundamental). Tenho consciência de que essa Escolinha, aliado à educação repassada por meus pais e a convivência com as minhas tias-avós foram meus principais formadores estéticos e, até hoje, são referências que acompanham minhas escolhas de vida.

(...) O desenvolvimento universal da maravilhosa linguagem das mãos não virá de uma `escola de desenho`, mas de uma `escola do novo homem`, que fará essa linguagem brotar espontaneamente como água de uma fonte inesgotável. Para conferir o dom do desenho, devemos criar um olhar que veja, uma mão que obedeça, uma alma que sinte; e para esta tarefa a vida toda deve colaborar. Neste sentido, a própria vida é apenas preparação para o desenho. Se estivermos vivos, a centelha interior da vida fará o resto. (READ, 1963, p.126)

¹¹ O método Montessori tem uma abordagem científica em relação à pedagogia.

Muitos anos depois, na fase adulta, li um livro sobre a experiência de 30 anos em *Reggio Emilia*, relacionada à primeira infância enquanto eu procurava numa pesquisa de campo por trabalhos dirigidos às crianças em ateliers de arte. Nesta obra, descobri o papel do atelierista e a relação histórica do método desenvolvido por Maria Montessori nas “Casa dei Bambini”¹² que fazem parte do processo de construção de uma educação infantil especializada evoluída culminando por outros caminhos na experiência de Reggio Emilia. Percebo as correlações entre Maria Montessori, Loris Malaguzzi e Rudolf Steiner em minha vida e a importância que suas pesquisas e abordagens têm na pedagogia enxergando a criança sobre o ponto de vista científico, sensível e espiritual.

Loris Malaguzzi (1920-1994), um jovem pedagogo muito curioso, se interessou pela experiência e decidiu desenvolvê-la conceitualmente. Foi ele quem introduziu o trabalho com diversas linguagens. Há uma dimensão social muito forte nas escolas de Reggio Emilia e o princípio fundamental é valorizar a criança como construtora de conhecimento: cada uma individualmente e não em termos gerais. (GIACOPINNI, 2006)

No *Pato* eu era convidada a *experenciar* os gostos, os hábitos humanos e dos animais, as festas e os ambientes (porque a aula não acontecia somente naquele ambiente da escola – nós transitávamos em lugares não habituais como na TV Piratini, nos espetáculos de teatro, nas idas à casa da professora para dar comida às galinhas, nos parques para conhecer as árvores e ver as plantas, os animais), enfim andávamos pela cidade e conhecíamos aprendendo - um lema exercitado na prática por adultos e crianças, ampliando assim a nossa imaginação e a criatividade. Estes ambientes se complementavam, dialogavam, se multiplicavam em mim. Por isso, quando minha mãe relata por escrito que no primeiro dia de aula eu me despedi dela e nem olhei para trás (e ela ficou chorando, enquanto eu fui de mãos dadas feliz da vida, com a responsável pela chegada das crianças na Escolinha) percebo o

¹² A primeira *Casa das Crianças* foi fundada por Maria Montessori, em janeiro de 1907. Houve cerca de 400 *Casa das Crianças* na Itália. Outros países também receberam o método Montessori, tais como: França, Argentina, EUA e Suíça.

quanto minha vida era naturalmente integrada, sincronizada, e por causa disso, a Escola¹³ foi um ambiente acolhedor e mágico tal como a minha casa e a casa das minhas tias.



Fotografia 37 – Viaduto da Borges, Porto Alegre-RS (Postal Casa do Amador, 1945).

Estes trajetos entre minha casa, a casa das minhas tias avós, a casa das minhas primas e a minha Escola de Educação Infantil são itinerários inesquecíveis¹⁴. O viaduto da Borges de Medeiros era o ponto que dividia minha casa e a casa das minhas tias-avós. Por ele, Tia

¹³ Leocádia se adaptou muito bem na escolinha. No primeiro dia ficou das 14.00 às 16.30 horas e até sexta-feira das 14h às 16 horas, para se habituar bem. A títia (a professora chama-se Marcia Palmira), fez os melhores elogios para ela nesta primeira semana, disse que é bem comportada, já sabe o andamento das aulas, que na hora da merenda dá gosto como senta na mezinha, arruma o guardanapo e come toda a merenda, muito decidida, disse que é uma verdadeira senhorita.

No primeiro dia uma das crianças começou a chorar chamando pela mãe, na hora da merenda, então ela também chorou um pouco, decerto nesta hora se lembrou que também tinha mãe. Então a Márcia disse que não faltava muito para eu ir buscá-la, assim logo parou de chorar. Desde este fato, não chorou mais.

Fica feliz quando me vê, na hora de ir buscá-la, me abraça e encosta o rostinho no meu, demonstrando que estava com saudades, mas quando vou levá-la nem olha para trás quando deixo-a com a moça – que recebe as crianças na porta.

Trouxe desenho feito por ela para o Marcelo, pelo dia dos pais, e a professora me disse que já está pintando e fazendo colagens. Como este mês é dedicado aos papais, hoje levou uma fotografia do Marcelo para ser colocado num painel junto com os pais de todas as coleguinhas.

Ainda não contou o que faz na escolinha, responde sim ou não o que se pergunta.

Bem esta é estréia da Leocádia no colégio, Deus permita que continue sempre assim.

P.A. 12.08.75

¹⁴ Esse é o mapa afetivo da infância de Leocádia, em Porto Alegre.

Marina e eu, íamos vagorosamente conversando, a caminho do mundo mágico, em meio a transeuntes, buzinas, portinhas das lojas com sons diversos, os paradores de ônibus. Nele as histórias começavam a ser contadas através das esculturas que estão ali resistentes ao tempo e ao descaso público. Até hoje quando passo por ali me lembro carinhosamente emocionada desses momentos.

A Astrologia entrou na minha vida junto com a adolescência através das revistas femininas que eu comprava, por exemplo, a *Capricho*. Depois vieram os livros que raramente eram adquiridos em função da escassez e do preço. Entretanto, a Astrologia se instalou em minhas crenças e, após anos de leituras, consegui entender que a existência desse conhecimento ajuda muito na compreensão da vida humana e da natureza. Tudo que é vivo passa por ciclos, tudo está interligado e muito do que percebemos nos outros faz parte da gente também. Essa ferramenta me ajudou na adolescência a identificar amigos e a me conhecer um pouco mais. Aprendi a ter foco já que por arquétipo os mercurianos são sempre acusados injustamente como dispersivos e superficiais em suas trajetórias. Na minha história de vida constatei a ausência dessas características em mim. Entendi que uma pessoa carrega em si, um universo que é particular.

Em 2004 fiz um curso de Astrologia e conheci minha terapeuta junguiana, Maria da Paz¹⁵. Jung um dos referenciais da terapia contemporânea fez uso do tarô e dos astros para construir seus arquétipos. Encontrei a Astrologia, depois Jung e, mais tarde, vislumbrei a união das ideias de ambos na arte-educação. Maria da Paz é uma arqueira sagaz que aos poucos direcionou encontros e intuiu caminhos sintonizados com o meu experienciar.

¹⁵ Maria da Paz é terapeuta junguiana e atende seus pacientes em Porto Alegre. Ela esteve presente em outubro/2008 – na cantoria de Maria Beatriz Noll.



Fotografia 38 – Maria da Paz (à direita), Porto Alegre- RS/2008.

Uma das maiores pensadoras sobre o inconsciente, Dra. Nise da Silveira - a quem admiro e respeito muito - teve inúmeros encontros com Jung, que conheceu a iniciativa dela em relação aos estudos das imagens do inconsciente com pessoas internadas em centros psiquiátricos no Rio de Janeiro. Não somente a Dra. Nise da Silveira assim como os estudos que ela presidiu estiveram presentes na formação do núcleo central da *Escolinha de Arte do Brasil*, e atuaram de forma direta na formação de uma das figuras de maior renome da Escolinha de Arte do Recife, Dona Noêmia Varella que soube reconhecer a importância da arte na vida: (...) *Encontrar experiências que confirmavam aquilo que Herbert Read dizia: que Arte é fundamental a existência do homem, a sua forma de dizer e a sua forma de se realizar.* (VARELA, 2007)

Em uma entrevista célebre da Dra. Nise da Silveira sobre Antonion Artaud e Carl Gustav Jung publicada, originalmente, na revista *Rádice*, em 1976 e 1977 há um conjunto de respostas sobre a individuação de Jung que está sincronizada e dialoga com a importância dos processos de criação e mais, precisamente, com a força transformadora que eles podem atingir no contexto social e político.

(...) Toda a psicologia junguiana tem um eixo que é a individuação. Então jamais a psicologia junguiana poderá ser utilizada para massificar. (...) O ser humano está metido dentro de um sistema que o castra, o apara, um verdadeiro leito de Procusto,

pra se usar a imagem mitológica. Por isso o ser humano tem muitas dificuldades para se completar, para realizar seu *pattern* individual, para usar essa palavra que é difícil de traduzir. O Guimarães Rosa, sem estar metido com nada disso, usou a expressão, que eu uso habitualmente: rascunho. Cada indivíduo tem o seu rascunho individual para se completar, como tem sua impressão digital, específica e única. Cada ser humano tende a se tornar um indivíduo único. Não há ditadura que queira saber disso. (...) O inconsciente coletivo e o individual, ego, tudo isso está compreendido na totalidade, forma o indivíduo total que é único e específico, não há outro igual a ele. (...) Mas o sujeito individuado é isso, não é nenhum bicho de sete cabeças não. É um indivíduo que está de acordo consigo próprio: assim como pensa, age. (MELLO, 2009, p.62-64).

No período entre os 18 e 20 anos (de 1991 a 1993) frequentei o *Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre*, para desenhar e modelar. Nestes anos tive aula com a artista plástica e professora, Teresa Poester e com o artista plástico e professor, Cláudio Ely. A partir desse contato, além de *experenciar novas* forma de expressão quis conhecer mais as artes plásticas e tentei dois vestibulares consecutivos para o IA/UFRGS, mas em nenhum deles consegui aprovação por causa das exatas (matemática e química) e do teste de seleção que pedia a reprodução exata em argila de uma banana e de um pimentão (natureza morta), entretanto, nunca perdi a admiração pelas Artes em geral, sem cruzar com a academia. Optei por cursar Comunicação Social, mais precisamente, Publicidade e Propaganda (1993/1997).

Na faculdade minha visão integrada entre as Artes e sua força comercial sempre estiveram presentes, nos trabalhos acadêmicos e nos concursos oferecidos na PUCRS. Lá apresentei dois trabalhos marcantes: a peça em cerâmica no *Espaço de Criatividade*¹⁶ e o audiovisual em slides sobre a *Loucura* (envolvendo correlações entre criatividade e o inconsciente: “*O inconsciente abstração real, o inconsciente abstração real*”), apresentado no 8º SET Universitário da FAMECOS.

No decorrer do curso me identifiquei muito com a linguagem publicitária da Benetton, criada pelo fotógrafo italiano Oliviero Toscani que conheci anos mais tarde, em 2003, no Festival de Publicidade de Gramado. Toscani lançou um livro que continha o título “*A publicidade é um cadáver que sorri*” ressaltando os aspectos de uma sociedade

¹⁶ Peça em cerâmica: concebida, queimada e finalizada (com tecido e colagem) no Atelier com Claudio Ely.

contemporânea frente aos processos criativos exibidos nas campanhas da *Benetton* de repercussão mundial.

A *Benetton*¹⁷ gerou tanta polêmica e discussão entre as bordas que cercam a arte e a propaganda que se transformou naturalmente num pólo de criação, através da formação de novos talentos na *Fabrica* – que mescla o ensino da arte, design e comunicação totalmente integrados. Assumindo riscos, a *Benetton* associou seu nome a uma fotografia intensa, controvertida, às vezes política e sempre encantadora, que entende promover a compreensão entre as diferentes culturas do mundo. Os artistas conhecidos ou não se manifestaram em relação às propagandas da *Benetton*, Roy Liechtenstein (TOSCANI, 1996, p. 140) comenta que: *Essa gente é a vanguarda em matéria de arte publicitária*. E Ben (TOSCANI, 1996, p.161) enfatiza: *Os cartazes da Benetton nunca me chocaram*.



Fotografias 39 e 40 – anúncio *Benetton* e Oliviero Toscani no Festival de Gramado-RS/2003.

Tão logo terminei o curso de comunicação em 1997, coordenei por três meses a agência de publicidade da minha professora de mídia, Maria da Graça Dhuá Celente, conhecida no meio publicitário como Gagá. Após esses meses, migrei para uma área que pudesse agregar cultura e publicidade. Optei por trabalhar com eventos e criei inspirada em Toscani a *Fábrica de Eventos* – que existiu de 1998 a 1999 em sociedade com uma colega da comunicação.

¹⁷ Reprodução de anúncio da *Benetton* e fotografia de Oliviero Toscani por Leocádia Costa.

Neste período conheci muitas pessoas da área cultural, entre elas, a atriz e poeta, Elisa Lucinda¹⁸. Aprendi a fazer projetos para as Leis de Incentivo a Cultura nos âmbitos estadual (LIC) e federal (Rouanet) sendo esse um serviço que faço até os dias de hoje na aprata¹⁹.



Fotografias 41 – Espetáculo “O Semelhante” de Elisa Lucinda, Teatro Crowne Plaza, São Paulo/1998.

Com a extinção da *Fábrica de Eventos*, meu foco foi dirigido para a área cultural. A partir de 1999 até 2004 produzi exposições fotográficas, artes plásticas, teatro, shows, publicações, cursos, oficinas, dança, cinema, conteúdos de multimídia, CDs, etc. Nestes anos produzi, agenciei e divulguei artistas locais e alguns profissionais estrangeiros, como produtora cultural autônoma.

¹⁸ Tive a honra de trabalhar com Elisa Lucinda em 2009 que participou especialmente da *Coleção Mario Quintana para a Infância* gravando alguns poemas de Quintana e um depoimento sobre o projeto. Esse reencontro aconteceu 11 anos após nosso primeiro contato em São Paulo.

¹⁹ A Prata que assumiu grafia aprata em 2010, nasceu em 2004 com a sociedade entre as irmãs Carolina e Leocádia Costa. aprata contempla propostas relacionadas às áreas da educação, inclusão, cultura e arte. Em nossos projetos participamos de todas as etapas desde a concepção/criação de cada proposta até a fase de pós-produção e prestação de contas. Os trabalhos mais significativos de 2004 até 2010 são: *"Percussivé ou a prece do louva-a-deus, de Felipe Azevedo"* (CD de música brasileira-investidor Petrobras Cultural 2004/2005- Lei Rouanet), *"Acervo Elis Regina"* (criação do espaço para exibição e guarda de acervo da cantora na CCMQ-investidor Urbano- LIC/2005, parceiro AACCMQ), *"Acervo Mario Quintana"* (reforma do acervo existente-investidor - Grupo CEEE- LIC/2006, parceiro AACCMQ), *"Mario Quintana Poeta Gaúcho e Universal, de Armindo Trevisan"* (livro bio-bibliográfico-investidor Grupo CEEE - SIMLIC 2006), *"Poesia Completa de Mario Quintana"* (obra completa publicado pela Editora Nova Aguilar - investidor REFAP- 2006), *"A Rua dos Cataventos"* (kit com livro em BRAILLE, ampliado e CD de áudio- investidor Wal-Mart SIMLIC-2007), *"Coleção Mario Quintana para a Infância"* (kit com livros em BRAILLE, ampliados, CDs de áudio e DVD - investidor Grupo CEEE - SIMLIC-2009/2010), *" A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS"* (revista e DVD - Associação dos Ex-Alunos do Instituto de Artes do RS, Cinema Santander e apoiadores/ 2010).

Nesse período conheci por indicação da minha primeira astróloga Cecília Schiavon, o trabalho da euritmista, *Margrethe Skou Larsen*²⁰ que estava retornando ao Brasil, vinda da Alemanha. Ela queria implementar em Porto Alegre (sua cidade natal) um espaço destinado a divulgação da Antroposofia, divulgada no mundo pelo austríaco Rudolf Steiner. Participei da criação do espaço chamado *Espaço Vivo* inaugurado em abril de 2001 e, existente até hoje, graças o empenho e a dedicação da Margrethe. Em 2009 essa filosofia de vida baseada na ciência espiritual antroposófica desdobrou-se para a *Casa Ametista* que trabalha diretamente com a Pedagogia Waldorf focada na educação infantil.

PEDAGOGIA WALDORF – educação para a PAZ se baseia na Ciência Espiritual Antroposófica (do grego: Antropos = ser humano; Sofia = sabedoria), elaborada pelo grande pensador e cientista austríaco Rudolf Steiner, que estuda o ser humano em seus três aspectos: corpo, alma e espírito. A primeira Escola Waldorf surgiu em 1919 junto à fábrica Waldorf Astoria em Stuttgart, Alemanha, através do pedido de seus operários e a iniciativa do seu proprietário Emil Molt. Hoje existem Escolas Waldorf nos cinco continentes do nosso planeta, inclusive no Brasil. A UNESCO a considera como a pedagogia modelo para os nossos tempos. (LARSEN, s.d)

A Antroposofia é uma área que requer muito estudo e dedicação, sendo assim, desde 2000 leio a obra de Rudolf Steiner e já participei de alguns cursos como aluna interessada no *Espaço Vivo*. Percebo que entre a educação espiritual da criança de Steiner e a *educação para a paz* de Augusto Rodrigues há muitas semelhanças. Ambos priorizam a criança através do zelo da sua essência. Ambos respeitam a expressão única de cada ser e vêem seus educadores como orientadores atentos, porém discretos no processo de aprendizagem. Ambos sabem que o foco está na criança perpassada pela questão do sensível. Ambos sabem a importância da fluidez das etapas e dos momentos de aprendizagem.

²⁰ **Margrethe Skou Larsen**, formada em Eritmia em Hamburg e em Pedagogia Waldorf em Stuttgart, Alemanha. Pós-graduação em Eritmia em New York, EUA. Professora de Eritmia na Freie Waldorfschule Bremen e docente na Formação de Eritmia em Hamburg, Alemanha. Trabalho artístico na Europa e nos EUA. Desde 1998 trabalha como profissional liberal dando cursos nos EUA, Brasil e Europa (inclusive no Goetheanum em Dornach, Suíça). Vive em Porto Alegre desde 2000, onde criou o Espaço Vivo, um espaço artístico para conhecer e estudar Antroposofia através da vivência. Co-fundadora da Casa Ametista - Espaço de Convivência Infantil – Proposta Waldorf.



Fotografia 42 – Piquenique de Carnaval da Casa Ametista, Redenção, Porto Alegre- RS/ 2009.

A Escola deveria ser a oficina de construção da paz e só o será quando aberta ao diálogo, aos sentimentos de solidariedade, ao invés de escola de monólogo e competição. Por outro lado, para que essa escola atenda de fato ao às necessidades básicas da criança, será imprescindível que, a exemplo de Gandhi, possa levá-la, pela palavra e ação, a refletir sobre si mesma e sobre o outro, mesmo quando esse outro não estiver ao seu lado. (RODRIGUES, 1971, p.7)

Na medida em que minha vida ia avançando no tempo e espaço todo o panorama que relato, brevemente, aqui se tornava cheio de significado. Em 2004 conheci num curso de Astrologia minha terapeuta, Maria da Paz. Ela estava no curso por ter convivido com o astrólogo Antônio Carlos “Bola” Harres²¹ na sua passagem pela casa da astróloga alemã, Emmy Costet de Mascheville²² (Dona Emmy). Ele seguiu na Astrologia e ela se dedicou a estudar a obra de Jung, tornando-se assim uma terapeuta junguiana perspicaz e certa. Somente dois anos após conhecer Maria da Paz é que ingressei nas sessões junguianas que transformaram a minha vida, desde então.

²¹ “Bola” é astrólogo, jornalista e produtor musical, foi discípulo de Emma Costet de Mascheville. Atua no aconselhamento e no ensino de Astrologia há quase uma revolução de Saturno e já proferiu cursos e palestras na Europa e na América do Norte. (GUEDES, 2001)

²² Emmy nasceu na Alemanha em 1903 e veio para o Brasil em 1925. Em meados da década de 30, junto com seu marido, o ocultista francês Albert Costet de Mascheville, radicou-se em Porto Alegre, onde faleceu em 1981. A professora Emmy estudou e testou seus conhecimentos de Astrologia ao longo de 56 anos de prática, nos quais calculou e interpretou mais de 10.000 mapas astrais individuais. Publicou pela Editora Teosófica, a obra *Luz e Sombra – elementos básicos de Astrologia*, onde a autora apresenta a relação dos 12 signos com os 12 apóstolos da Santa Ceia de Leonardo da Vinci e realiza um estudo comparativo de cada signo com seu oposto. (COSTA, 2003) e (MASCHEVILLE, 1997)

No segundo semestre de 2008 por indicação da Maria da Paz conheci outra Maria, a *Maria Beatriz Noll* (minha professora de canto). Neste ano posso dizer com toda certeza que minha vida foi transformada mais uma vez, mas desta pela música. Com as aulas de voz/canto reencontrei muitas conexões perdidas nos tempos da adolescência e restabeleci com mais veracidade meus projetos de vida. Através da Bia, fiquei sabendo da existência de um grupo que atuava na arte-educação há 48 anos: a Escolinha de Arte da UFRGS, onde ela era professora de música há mais de 30 anos. Mas permaneci cantando quinzenalmente com a Bia: *Eu fico/ Com a pureza/ Da resposta das crianças/ É a vida, é bonita/ E é bonita.../ Viver!// E não ter a vergonha/ De ser feliz/ Cantar e cantar e cantar/ A beleza de ser/ Um eterno aprendiz.* (GONZAGUINHA, 1982).

Em novembro de 2008, receitaram que eu deveria desenvolver qualquer trabalho voluntário dirigido a crianças carentes. Encontrei então o *Grupo de Ação Voluntária Francisco de Assis*²³, situado no Morro Santana, em Porto Alegre. Lá estavam reunidas 54 crianças e jovens, com faixa etária entre 06 e 14 anos, em contra turno escolar. A instituição não dispunha de um espaço para aulas de arte, propus então a criação de um atelier de arte, no espaço físico do depósito.²⁴



Fotografias 43, 44 e 45 – Atelier GAVFA, abril a agosto, Porto Alegre- RS/2009.

²³ A Associação *Grupo Ação Voluntária Francisco de Assis (GAVFA)*, fundada em 12 de março de 2002, é uma entidade sem fins lucrativos ou políticos, de caráter beneficente, com objetivo de prestar serviço comunitário na cidade de Porto Alegre, RS, com sede na Av. Dr. Alberto Vianna Rosa, número 246, Bairro Morro Santana, zona Leste da cidade. Disponível em: <http://ong.portoweb.com.br/grupofranciscocodeassis>

²⁴ Fotografias do depósito recebendo as primeiras doações e, posteriormente, transformado em Atelier com as atividades acontecendo, duas vezes por semana (manhã e tarde) e o Abacateiro.



Fotografias 46, 47 e 48 – Atelier GAVFA, atividades de abril a agosto, Porto Alegre - RS/2009.

Minha vontade em criar esse espaço foi tão grande, mas meu experienciar como educadora era tão inexpressivo que precisei me aperfeiçoar para realizar aquele trabalho voluntário.

Embaixo do abacateiro bem no canteiro de entrada do *Grupo Ação Voluntária Francisco de Assis* realizamos os primeiros encontros de arte-educação com 22 crianças em plena quinta-feira. A data exata foi **26 de março de 2009**, com a benção de **São Jorge** e o apoio do signo de **Áries**. Dançamos em roda, entoando a canção do folclore brasileiro “**Cirandeiro**” e estabelecemos assim nosso primeiro contato visual, cercado por risos, dança e histórias.²⁵

Foi então que soube por intermédio de Maria Beatriz Noll do *Curso Intensivo de Arte-Educação* (realizado pela *Escolinha de Arte da UFRGS* em parceria com o *Centro de Desenvolvimento da Expressão – CDE*)²⁶ marcado para janeiro de 2009. Fui apresentada a Diretora do CDE *Maria Lúcia Varnieri* que me ofereceu uma bolsa integral para eu cursar o CIAE. Me matriculei e mergulhei no Curso, encontrando novos pontos de conexão, entre as minhas crenças e os meus sonhos.

²⁵ COSTA, Leocádia, Lembranças de Assis - anotações, 2010. (grifo meu)

²⁶ Os *Centros de Desenvolvimento da Expressão* são instituições de natureza educativa, artística e cultural, voltadas para a realização de cursos e oficinas destinadas ao público infantil, juvenil e adulto. Orientados por professores e especialistas em arte-educação, neles, os alunos vivenciam a expressão artística por meio de diferentes técnicas de artes plásticas, música e teatro.

Tive a alegria de aplicar ainda em 2009 meu experienciar do CIAE no *Atelier de Arte Educação do Grupo Ação Voluntária Francisco de Assis* onde fiquei trabalhando de março a agosto de 2009 e pude proporcionar a viabilização de um filme com a história da instituição e os relatos de dirigentes, professores, pais e alunos.



Fotografias 49 e 50 – CIAE 2009 no CDE/ Porto Alegre - RS, janeiro.

Em fevereiro de 2009, soube pela Maria Beatriz Noll que a FEEVALE estava com inscrições abertas para a terceira edição do *Curso de Arte-Educação/Especialização* que iniciaria em abril de 2009. O perfil dos candidatos fechava com o meu histórico acadêmico e de vida. Mais um mergulho seria iniciado para adquirir um conhecimento maior e uma formação mais profunda, visando descobrir como acontece a atuação dos arte-educadores a partir das relações entre arte, ensino e linguagens contemporâneas.

Durante o curso houve vários momentos em que a criação se colocou como um desafio interno, que me lembravam da frase de minha predileção do artista Henri Matisse: *Criar é expressar o que se tem dentro de si. Todo esforço autêntico de criação é interior.*²⁷ Destaco dois trabalhos realizados nesse período: *O Livro de Dentro* e *LUDERE*.

²⁷ Klee, Paul. Diários: Editora Martins Fontes, 1990.



**Fotografias 51 (capa) e 52 (detalhe) – O Livro de Dentro –
Disciplina *Processos de Criação e Percepção* com Rosana Krug – FEEVALE/2009.**

Ambos me ajudaram a desvendar os pontos de partida na *questão do olhar*²⁸ tão pesquisados em trabalhos realizados pela aprata de 2005 a 2010. As propostas dialogam com o provérbio chinês que diz: “*Ver é um sentido. Enxergar um dom.*”

²⁸ As obras citadas são de autoria de Leocádia Costa (copyright) a partir de pesquisas em relação à cegueira, baixa visão e vidência, experienciadas e iniciadas nos projetos da aprata: “*A Rua dos Cataventos*” (SIMLIC/2007) e, posteriormente, desenvolvida na “*Coleção Mario Quintana para a Infância*” (SIMLIC/2009/2010). O Livro de Dentro é um livro de artista: “*Por sua condição de objeto, o livro de artista não restringe o olhar à virtualidade da imagem, embora possa ou não estar repleto delas: livros são também acúmulos matéricos, aproximando pela sedução sensorial. Sendo uma espécie de “carne onde tatuamos idéias”, os livros unem corpo-espírito; são registros condensados, que marcam passagens, e, portanto, ajudam a afirmar a consciência de existir. Sua concepção vinda de uma carga cultural anterior pode devolver à memória as primeiras apropriações espaciais íntimas: os cadernos, diários e álbuns, tornados cúmplices por uma espécie de espelhamento de idéias e afetos. Livros possuem silêncio e ruído; são ordenações pessoais que só revelam-se ao observador paciente.*” Fotografias Acervo Leocádia Costa.

A proposta LUDERE consiste em exibir através de imagens, som e objeto uma proposta inclusiva que reúne BRAILLE, poesia, música e artes visuais. Esta proposta tem referencial no aspecto prático da arte-educação relacionada à maneira de apresentar o BRAILLE à crianças em fase de alfabetização que freqüentam instituições mistas, ou sejam, com crianças cegas (com visão parcial ou cegueira total) e crianças que não possuem limitações visuais. É também uma contribuição pedagógica de caráter lúdico-artístico que possibilita ao docente uma aproximação do conteúdo com em ambiente escolar. Fotografia por Maria Lúcia Strappazon, em 04/12/2009- Pinacoteca FEEVALE.



Fotografias 53 – LUDERE, projeção e caixa-interativa –

Disciplina *Tridimensional* com Clóvis Martins Costa – FEEVALE/2009.

No início de 2009, participei de maneira voluntária, do trabalho coletivo da comissão organizadora das comemorações dos 50 anos da *Escolinha de Arte da UFRGS*. Pensamos em oferecer a todas as pessoas que fazem parte da Escolinha um registro de parte da memória viva, da história e da filosofia que está impregnada nas pessoas e no trabalho desenvolvido em 50 anos de arte e vida, na data de seu aniversário em 15 de setembro de 2010 - e conseguimos alcançar as metas.²⁹ A 15 de setembro de 1960, Alice Soares fundou em Porto Alegre, mais uma Escolinha de Arte inspirada pelo Movimento de Educação através da Arte iniciado por Augusto Rodrigues. Iara Rodrigues conta como começou sua história com a Escolinha de Arte:

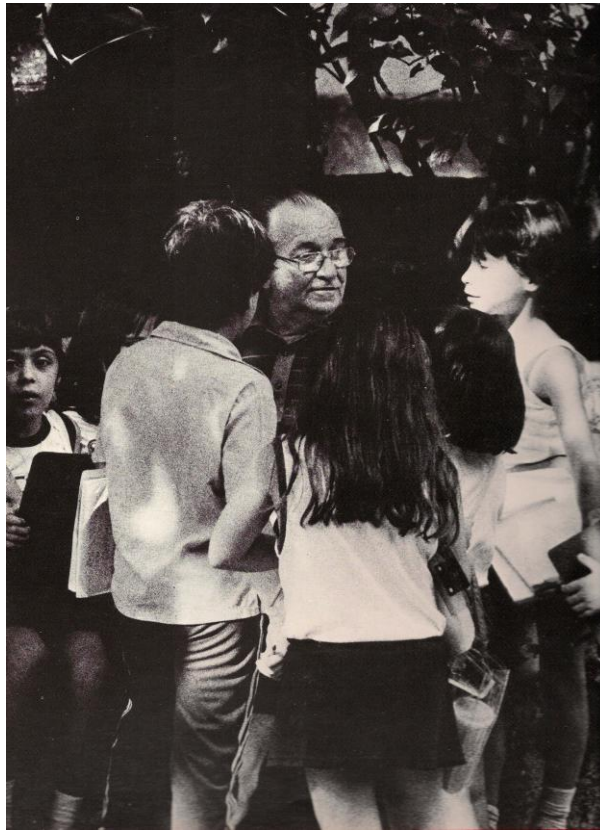
(...) Foi Alice Soares quem me fez conhecer a Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, e, por conseqüência, Augusto Rodrigues. Ela era Vice-Presidente da Associação Cultural dos ex-Alunos deste Instituto (IA/UFRGS), que acabara de ser fundada, e pretendia criar uma Escolinha de Arte aqui. (...) Foi incrível constatar que naquele espaço se traçava a aventura do criar, a nível de essência, na busca de cada um e no sentido de seu próprio crescimento. (UFRGS, 1997)

²⁹ Todo o trabalho desenvolvido por Leocádia na *Escolinha de Arte do RS* em 2009/2010 é voluntário.

A ideia coletiva da realização de um filme-documentário: “*A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS*” junto à publicação da tradicional *Revista Comemorativa da Escolinha de Arte*, oportunizou que um pouco da história da Arte-Educação existente no Estado do RS fosse registrada por quem a construiu: alunos, professores, ex-professores, idealizadores todos responsáveis por essa memória viva cinquentenária que descobriremos a seguir.

3. A AVENTURA DE CRIAR: A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Eu acredito que é da natureza humana fazer-se, fazendo. E não foi por outra razão, acreditando no homem, que eu criei Escolinhas de Arte como abertura para o fazer-se fazendo. O fazer um simples desenho é começo para a descoberta do mundo. (RODRIGUES, 1983)³⁰



Fotografia 54 Jacob Klintowitz – A.R e crianças no Largo do Boticário- Rio de Janeiro/1970.

(...) Depois de viver na terra dos homens. Augusto navegou para a terra das crianças. (...) De repente, na intimidade das crianças, entre mãos miúdas que faziam sapos de asas e elefantes mais leves que borboletas, sentiu que tinha descoberto o maravilhoso. Voltaria a ouvir as arquivadas vozes dos bichos, como na época em que os bichos falavam. E voltava a encontrar velhos e perdidos heróis, deuses e mágicos. Como em seus dias de menino. (SOUZA, 1983)³¹

³⁰ MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. **70 Anos de Augusto Rodrigues: Arte para ser e existir**. Rio de Janeiro: MNBA, 1983.

³¹ Ibid.,1983.

A Escolinha de Arte do Brasil - EAB nasceu em 08 de julho de 1948, no Rio de Janeiro e sempre contou com o apoio de colaboradores. Tiveram influência na fundação da EAB que primeiramente chamou-se Escolinha de Arte da Biblioteca Castro Alves, o pintor *Alberto da Veiga Guignard* e Javier Villafañe com teatro de bonecos, ambos influenciaram Augusto Rodrigues (1913-1993), além do inglês Herbert Read. Augusto conta que um dia o pintor Guignard havia comentado que teria feito na véspera o seu melhor quadro – uma paisagem. E acrescentou: “Mas o céu, Augusto Rodrigues eu roubei de uma criança”. (RODRIGUES, 1983) ³²

A EAB era um laboratório para todos que tinham alguma inquietação. A EAB não é a sede física, mas a ideia de renovação contra a repressão da criança, da experimentação e da criação, diz a arte-educadora e contadora de histórias, membro atuante da EAB, Maria Dolores Coni Campos ³³ (CAMPOS. 2003, p.303).



Fotografia 55 por Luis Ventura – entrevista com Dolores em sua residência, Copacabana - Rio de Janeiro/2009.

³² Id.,1983.

³³ Nasci no Arraial de São Francisco da Mombaça, distrito do município de Conceição do Almeida, recôncavo da Bahia. Vivi minha infância em Castro Alves, cidade vizinha, terra da família do poeta da liberdade. Meu marco maior na educação é a Escolinha de Arte do Brasil, situada no Rio de Janeiro. Meus mestres são Augusto Rodrigues, Noêmia Varela, Orlando DaSilva, entre outros. Em 2003 apresentou no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense/UFF-RJ a tese: “ENCONTROS ONTEM, ENCONTROS HOJE, CARTAS QUE VÃO, CARTAS QUE VÊM, ENTRE NA RODA VOCÊ TAMBÉM” que traz a memória de arte-educadores que são a história do Movimento de Arte-Educação no Brasil.

A arte nasce de um gesto, de um risco, de uma pegada. Nascer pressupõe um tempo anterior, o tempo da gestação, de um processualidade; o tempo de coisas novas. (FRANGE, 2001 apud VARELA, p.23).

Não à toa é muito forte na memória dos alunos/professores da EAB a frase de Henri Matisse, na parede da entrada, com letras enormes: *É preciso olhar a vida inteira com olhos de criança.*³⁴ Esta frase deixava claro que a grande mestre era a criança. A ideia de um total respeito à criança foi compreendida por muitos educadores que levaram consigo essa filosofia para onde suas vidas: *Havíamos decidido nos deixar guiar por elas: observar o que ela fazia; oferecer situações novas e verificar como reagia; analisar o que recusava; documentar como progredia; tudo o que fazia enfim, diante da oportunidade da atividade artística, foi motivo de estudo, registro e debates.* (CAMPOS, 2003 apud RODRIGUES, 1978).



Fotografia 56 - Henri Matisse (1945)³⁵

Maria Lúcia Varnieri comenta qual sentimento descobriu ao assistir várias as palestras de Augusto Rodrigues: *esse olhar sobre a criança que nos apaixonava, ele nos mostrava o*

³⁴ MATISSE, Henri. É preciso “olhar” a vida inteira com olhos de criança. In: MIRANDA, Orlando (Org.). **Coletânea do Jornal de Arte e Educação**. Rio de Janeiro: Teatral, 2009. p.10.

³⁵ **Henri Matisse (1869-1954)**: amava gatos. Ele viveu em La Reve, com *Minouche* e *Coussi*, e dizia que este tinha um "M" de Matisse em sua testa. Disponível em: www.henri-matisse.net

*que é a criança na sua espontaneidade, na sua naturalidade e na sua riqueza de expressão ele quando traduzia isso em palavras numa palestra, tu dizias: é isso que eu quero fazer!*³⁶



Fotografias 57 por Jacob Klintowitz e 58 por A.R.– acervo EA Augusto Rodrigues e as crianças, Rio de Janeiro/1970.

A filosofia da EAB está alicerçada, conforme cita, a arte-educadora, Lucimar Frange (FRANGE. 2001, p.33) numa tríade criadora: conteúdos interdisciplinares e acervos culturais; na filosofia e dimensões estética e ética, e por fim, na dimensão artística em experiências vivenciadas e ancoradas na arte e cultura. Muitos artistas, psicólogos e outros interessados em arte e educação fizeram a EA com suas ideias e práticas. O mais interessante é perceber que não houve um método, pois cada um aplicava sua expressão criadora de acordo com a sua percepção. A reunião de áreas já havia sido proposta do Dr. Ulysses Pernambuco, na década de 30 para sanear e renovar a educação, psicologia e psiquiatria local e coube perfeitamente na proposta de A.R.

É uma filosofia, não é um método. E é muito interessante, porque métodos passam a filosofia fica. É uma filosofia de vida, se as pessoas se dessem conta disso, não haveria tanto debate quanto a forma. Se olharmos assim cada aula, cada atelier de cada professor, cada professor tem um método, porque ele é livre na sua expressão.³⁷

³⁶ A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS. Direção e Produção: aprata. Intérpretes: Cecília Machado Bueno, Elton Manganelli, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri, Maria Dolores Coni Campos. Roteiro: Leocádia Costa. Música: Fabio Mentz. Porto Alegre: aprata, 2010. 1 DVD (30min), colorido.

³⁷ Ibid.,2010.

Na EAB haviam almoços e era comum participarmos sentadas ao redor da mesa, ao lado de educadores e artistas, muitos deles figuras fundamentais para o crescimento da filosofia, como relembra Dolores³⁸: Anísio Teixeira, Helena Antipoff, Nise da Silveira, Ferreira Gullar, Lívio Abramo, Fayga Ostrower, Orlando Dasilva, Lucia e Rubem Valentim, Abelardo Rodrigues, Aloísio Magalhães, Darcy Ribeiro, Mestre Vitalino, Heitor dos Prazeres, Carlos Cavalcanti, Maria Fux, Zoé Chagas Freitas, Abelardo Zaluar, a família Aderne, Cecília Conde, Maria Lúcia Freire, Jader Britto, Heloisa Marinho, Ilo Krugli, Pedro Touron, Maria Helena Novaes, Durmeval Trigueiro, Mariana Álvares da Cruz e de tantos outros.³⁹



Fotografias 59 e 60 – Mestre Vitalino e suas criações: descobertas por Augusto Rodrigues⁴⁰. [s.d]

³⁸ A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS, loc.cit.

³⁹ **Anísio Teixeira (1900-1971):** professor, educador, criador da Escola Parque Salvador, Diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) foi, sem dúvida, entusiasta da experiência da Escolinha de Arte do Brasil, como se pode ver em seus textos. Grande incentivador esteve presente em seus momentos de crise, mobilizando recursos financeiros e humanos. Era presença constante nos cursos, conferências, exposições, almoços e festividades.

Fayga Ostrower (1920-2001): chegou ao Brasil durante a Segunda Guerra devido à perseguição nazista. Começou a trabalhar em jornais ilustrando poemas de Manuel Bandeira, Jorge de Lima, entre outros. Descobriu que podia expandir sua arte. Lecionou cursos particulares e de crítica e, mais tarde, no MAM-RJ, deu aulas de composição e crítica. Seus livros falam dos processos de criação artística.

Mestre Vitalino (1909-1963): Preocupado em valorizar a arte popular A.R organiza em 1947 a primeira exposição de arte popular dos bonecos de cerâmica do Mestre Vitalino: *A arte popular é sempre o reflexo do estado de espírito e animo do povo. É uma arte como qualquer outra. É sempre uma arte primitiva e como tal revela perfeitamente a passagem de uma época.*

⁴⁰ Fotografia P&B disponível em: <http://capaduraemcingapura.blogspot.com/2009/08/mestre-vitalino.html> e colorida disponível em: <http://oficinadegerencia.blogspot.com/2009/01/dia-20-de-janeiro-barack-obama-toma.html>

O contrato com a Sociedade *Pestalozzi do Brasil* que trabalhou no campo da educação especial também foi fundamental na abertura dos ateliers para crianças e jovens especiais nas atividades da EAB expandindo essa possibilidade as co-irmãs brasileiras, espalhadas por vários Estados. A *Pestalozzi* era uma escola experimental numa área rural de Minas Gerais, na Fazenda Rosário, voltada principalmente para crianças deficientes e excepcionais, fundada em 1945. Foi um foco de pesquisas científicas, de informações, de educação e de estatística, além de editar publicações, na presença marcante e atuante de *Helena Antipoff*, educadora russa, que estudou medicina e se especializou em psicologia. Sua meta era educar através de atividades artísticas, em paralelo a um atendimento psicológico.



Fotografias 61 e 62 por A.R – acervo EA – Crianças na Escolinha de Arte do Brasil [s.d]

Helena promoveu intercâmbio entre todas as entidades (Sociedade *Pestalozzi*, Fazenda do Rosário e nas Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE) com a EAB, atuando em todas as áreas educacionais. Ela dizia: *o saber só tem sentido quando partilhado, quando bem comum, a educação leva o homem à descoberta de seus próprios caminhos e, quando criativa, ao conhecimento dos valores e disciplinas fundamentais a vida.*

Originando-se na sensibilidade, a criatividade representa um potencial de ordem geral. Todos os seres humanos que nascem, nascem com potencialidades. (CAMPOS apud OSTROWER, 2003).⁴¹

Foi na Sociedade *Pestalozzi* em 1946 que os primeiros cursos de teatro de bonecos aconteceram. O intercâmbio entre artistas e intelectuais brasileiros e europeus incentivou jovens que mais tarde tornaram conhecidos: *Cecília Meireles* (poeta), *Gianni Rato* (referência nas artes cênicas, participou da Cia. Teatral Teatro dos Sete), *Adolfo Celi* (primeiro diretor artístico do Teatro Brasileiro de Comédia), Chagas Freitas (dono do Jornal O Dia, responsável pela impressão dos jornais de Arte&Educação da EAB), *Olga Obry* (dirigiu o Teatro de Figuras no Leme, RJ), *Maria Clara Machado* (adaptou por muitos anos textos para teatro de bonecos, despertando o interesse de educadores que passaram a usar fantoches em suas atividades), *Augusto Rodrigues* (fundador da EAB, no RJ), *Tônia Carrero* (atriz), *Virginia Valli* (formou um grupo que era fusão de diversos outros, oriundos da Sociedade Pestalozzi), *Carmosina de Araújo* (fundou o Teatro de Marionetes Monteiro Lobato), *Antonieta Lex Leite*, *Suzana Rodrigues* etc.

É incrível constatar o quanto a história da EAB esta entrelaçada com a história das artes no Brasil e na construção de uma rede de educação em prol dessa filosofia de vida.

Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los imóveis, em carteiras enfileiradas e salas sem ar, perdendo tempo em exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. Argila, terra, madeira e ferramenta farão a criança criar o que seu coração deseja e seu cérebro inventa, em contato com a natureza e a realidade.⁴²
(CAMPOS apud ANTIPOFF, 2003)

⁴¹ OSTROWER, Fayga. Por que criar? In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. **Encontros Ontem, Encontros Hoje, Cartas que vão, Cartas que Vêm Entre na Roda você também**. 2003. 423 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. p.300.

⁴² Estas frases são de Helena Antipoff (1892-1974) e foram recolhidas por Carlos Drummond de Andrade, na crônica comemorativa dos 80 anos da educadora: *Obrigada, amiga* in Escolinha de Arte do Brasil. Estudos Pesquisas VI, coordenação Augusto Rodrigues. INEP/ MEC. Escolinha de Arte do Brasil, Brasília, 1980, pág. 19.

Nise da Silveira⁴³ junto com tantos outros pesquisadores contribuiu muito para a *Escolinha de Arte do Brasil*. Sua pesquisa e dedicação obra de Carl Gustav Jung despertou o interesse da coordenadora pedagógica da EAB, Dona Noêmia Varela⁴⁴ que frequentou de 1960 a 1992 o *Grupo de Estudos Junguianos*, coordenado por Nise.



Fotografia 63 – Noêmia Varela em depoimento para o vídeo integrante da Exposição *Noêmia Varela: uma vida, fazeres e pensares em homenagem aos seus 90 anos - 2007*.

⁴³ (1905-1999) Criou o Museu do Inconsciente, Casa das Palmeiras e os Grupos de Estudos da obra de Carl Gustav Jung – espaços e coletivos voltados a uma vida digna, mais humana aos seus pacientes e menos excludente socialmente. Em entrevista concedida a Revista *Época*, Nise da Silveira diz uma frase que consta no seu livro mais recente: “Remédio não me parece muito eficiente. Pode ter efeito paleativo, mas não curativo. Confio mais no afeto e na ação curativa da alegria.” (SILVEIRA, 1998).

⁴⁴ Noêmia Varela (1917) é natural do Rio Grande do Norte. Viveu sua infância e mocidade em Recife, onde participou de grupos de estudos com ênfase na educação especial na Escola Ulisses Pernambucano. Encontrou a Escolinha de Arte do Brasil em 1949 e ficou lá de 1959 a 1982. Em 1951 sua curiosidade pelas experiências no hospital psiquiátrico Pedro II, em Engenho de Dentro, a levou a conhecer a Dra. Nise da Silveira e a olhar o processo de desenvolvimento da criança através da arte. Em 1958 percebeu a dimensão estética e artística no último curso de Herbert Read. Nos anos 70 foi professora de graduação em Musicoterapia no Conservatório Brasileiro de Música. Em 1953, Noêmia chamou Augusto Rodrigues para dar um curso em Recife reunindo pessoas significativas no campo da arte e educação da cidade, inclusive Paulo Freire. A Escolinha do Recife fundada em 06 de março de 1953 possui cerca de 6.000 desenhos e 3.000 livros, além de uma coleção de cerâmica doada por Abelardo Rodrigues, com obras em cerâmica de José Caboclo, Lídia, Vitalino, dentre outros artistas e artesãos pernambucanos. Sua presença na Escolinha de Arte do Brasil é marcante e preciosa até 1982, quando volta ao Recife onde hoje mora.

Uma das relações que permeiam as pesquisas de Read, Nise e Jung, a partir do que Philip Meeson destaca sobre as questões básicas da arte-educação está na ideia de que “a arte é a expressão direta da mente inconsciente e, portanto, fonte profunda da criatividade humana, que gerou argumento não usual de que a arte deve ser veículo de ensino de todos os conteúdos escolares... É que a imagem que Read coloca em *Educacion through Art* é uma imagem onde todas as tendências ou potencialidades para se alcançar o conhecimento estão presentes no inconsciente, mas somente através da arte podem florescer em conjunto... Read tenta derivar as várias disciplinas de certos traços psicológicos observáveis, presentes em cada indivíduo e, dessa forma, outra vez retorna à mente inconsciente e a sua superestrutura de raciocínio consciente como seu modelo de educação.”



Fotografias 64 e 65 - Nise da Silveira com o gato Carlinhos e com Jung na exposição sobre o Museu do Inconsciente, em Zurich. [s.d]

A partir dessa visão de Philip Meeson⁴⁵ torna-se explícito o quanto é urgente melhorar o Ensino da Arte no Brasil, descobrindo com mais profundidade o que foi colhido nas pesquisas, por exemplo, da Dra. Nise da Silveira em relação à psicologia junguiana com vistas no aperfeiçoamento das práticas educativas. Por isso, durante todo o processo de construção da EAB a pesquisa de Nise conquistou seu espaço, auxiliando os arte-educadores na compreensão dos processos de criação.

A maneira como a educação fluía na EAB encantava os educadores que iam conhecendo as atividades que lá aconteciam. Conforme Dolores relata na entrevista

⁴⁵ MEESON, Philip. “In Search of Child Art” in *The British Journal of Aesthetics*, v.25, número 24, 1985. In: VARELA, Noêmia. *Movimento Escolinhas de Arte: Imagens e Ideias*. [s.d.]

concedida em 15 de setembro de 2009 (CAMPOS, 2009) e Iara Rodrigues registra na carta enviada à Dolores reproduzida a seguir num trecho do depoimento de *Maria Leda Martins de Macedo*⁴⁶ (uma das formandas, publicado no jornal inFORMA, do Centro de Desenvolvimento da Expressão – CDE - da Subsecretaria de Cultura SEC/RS), onde foi Diretora, até se aposentar. Diz Maria Leda:

Víamos as crianças se movimentando naquele espaço. Após as aulas, sentávamos para ouvir as explicações de Augusto Rodrigues sobre o que faziam. Depois de ver aquela maravilha de liberdade e respeito num lugar que as crianças chamavam de Escolinha, passamos a ir diariamente à Biblioteca do IPASE. Na semana seguinte, já estávamos ajudando a entregar material para as crianças. O professor Augusto nos disse que em Porto Alegre já tinha uma Escolinha, organizada naquele ano de 1949, por Edna e Fortunato de Oliveira. (...) Passamos, assim, na nossa volta, a freqüentar a primeira Escolinha do Rio Grande do Sul; a Escolinha de Arte do Círculo Militar de Porto Alegre – que era a segunda do Brasil. Ali aparecia, de visita, o presidente do Círculo Militar de Santa Maria, minha cidade natal – e para onde eu retornaria logo após a formatura. Via a Escolinha funcionando e logo quis fazer uma lá. Isto já era 1950. (...) A ideia de Educação Através da Arte não era nova. Vinha de Platão, guardadas as devidas conotações de Arte e Educação. Muitos estudiosos se ocuparam do assunto. (CAMPOS, 2003, p.317)

O conceito de *Movimento de Arte-Educação* que décadas mais tarde também serviu de embasamento teórico as *Escolinhas de Arte* tem um marco mais estruturado educacionalmente em 1897 com a criação da classe de arte infantil-juvenil de Franz Cizek, em Viena-Áustria expandindo-se pela Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Japão.

No início da década de 40, com Herbert Read e a vinda da exposição ao Brasil dos trabalhos (desenhos e pinturas) de crianças inglesas (contendo uma mensagem de confiança no futuro do homem, ameaçado pelas ações nazifascistas), seguida dois anos depois, na

⁴⁶ Nasceu em Santa Maria- RS. Concluiu o curso de Artes Plásticas no IA/UFRGS, em 1949. Em 1950 criou a *Escolinha de Arte do Círculo Militar de Santa Maria*, a primeira do interior do Estado do RS. Entre 1961 e 1982 fez parte da equipe de trabalho da Escolinha de Arte da Secretaria de Educação e Cultura, atual CDE/SEC, em Porto Alegre, onde foi diretora durante 18 anos. É artista plástica, participando de várias exposições, conquistando alguns prêmios em Salões.

Inglaterra, em 1943, da publicação do livro chamado “*Educação Através da Arte.*” A partir dessa obra tornam-se clara uma das diretrizes estruturais do Movimento Escolinhas de Arte (MEA).

Read postulou uma educação estética e não artística, ao afirmar: *o que em mente não é uma educação artística, mas uma educação estética, educação daqueles sentidos em que se baseia a consciência e finalmente, a inteligência e o raciocínio do ser humano.* (READ, 1986). A obra de Read tem a primeira tradução para o espanhol, em 1945. Durante vinte e seis anos, Read fez conferências por vários países, escreveu livros e artigos, que tiveram grande circulação em favor de um programa de ação chamado *educação através da arte.*

Aliás, a expressão Arte-Educação foi adotada pela associação de professores e educadores da Grã-Bretanha, e em 1954 teve desdobramento pela UNESCO, através da Sociedade Internacional para Educação através da Arte- INSEA (uma associação em bases universais para intercâmbio de experiências e impregnação dessa perspectiva na educação global. O Brasil tem a representação latino-americana) com muitas sucursais pelo mundo.

Neste período conforme relembra, Iara Rodrigues: *Lúcia Alencastro (hoje Valentim), que era professora na Escolinha junto com Augusto Rodrigues, traduzia Herbert Read do inglês, assim como outros autores; enfim, tudo o que se referia à evolução do trabalho gráfico-plástico das crianças, a filosofia da Educação Através da Arte e todos os subsídios que conseguiam, e enviavam cópias para Porto Alegre e Santa Maria. Este material atualmente se encontra no CDE (Centro de Desenvolvimento da Expressão).*

As conexões com a história brasileira entrelaçadas com a filosofia da EAB partem do contexto da Semana de Arte Moderna, de 1922, conforme pesquisa apresentada pelo Itaú Cultural:

As primeiras escolas especializadas em arte para crianças e adolescentes remontam à década de 1930, às experiências como as da Escola Brasileira de Arte, de São Paulo, dirigida por Theodoro Braga (1872 - 1953), e aos cursos de Anita Malfatti (1889 - 1964), oferecidos em seu ateliê e na Biblioteca Infantil Municipal do Departamento de Cultura de São Paulo, dirigido por Mário de Andrade (1893 - 1945) entre 1935 e 1938. Essas experiências se caracterizam pela *ideia da aprendizagem livre e do incentivo à expressão criativa*, na contramão do ensino oficial de artes tal como instituído em seguida no período do Estado Novo, quando as aulas de desenho geométrico e cópia de estampas são introduzidas na escola primária e secundária com a finalidade de orientar ao máximo a formação artística, adequando-a aos modelos e padrões vigentes.⁴⁷

Na década de 1940, no Brasil novas experiências na área da educação artística têm lugar no país, com o intuito de formar artistas e educar o gosto em função da liberdade expressiva. A *Escola Guignard, criada em 1943, na cidade de Belo Horizonte, é ótimo exemplo de um modelo não convencional de educação artística*. Em relação às crianças, especialmente, amplo trabalho é feito pelos artistas que abrem os seus ateliês para a experimentação livre. No Recife, por exemplo, *Lula Cardoso Ayres (1910 - 1987) fornece lápis, papel e tinta para as crianças, deixando que elas se expressem de modo não dirigido*. Também as escolas Waldorf incentivam a integração entre arte e educação, no Brasil, desde a década de 1950.

A existência da *Escolinha de Arte do Brasil- EAB* teve como consequência natural o *Movimento das Escolinhas de Arte- MEA* que difundiu a importância em criar uma nova classe de arte para crianças e deixar clara as diferenças entre o sistema escolar da rede oficial vigente e a proposta da Escolinha. A ideia da EAB não era padronizar o ensino e sim deixar claro que a proposta aberta, era inspiradora para novas Escolinhas de Arte, que traziam realidades e resultados que poderiam apontar para mudanças.

⁴⁷ Escolinha de Arte do Brasil: Histórico. **Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais**, São Paulo, nov./ 2005. Disponível em: www.itaucultural.org.br/enciclopedia. Acesso em: 27. abr. 2009

Augusto Rodrigues, Margareth Spencer e Lúcia Alencastro Guimarães (depois, Valentim) são fundadores e responsáveis pelo amadurecimento do MEA nos anos 40 e 50 no Rio de Janeiro e no Recife: seus fundadores formavam um pequeno grupo de artistas e professores. Os primeiros reencontravam na manifestação infantil fontes puras da ação; os segundos, que sentiam carência de alegria no trabalho, pela rotina imposta à escola tradicional, viram a possibilidade de ser, na classe também eles, indivíduos criadores, relembra Augusto Rodrigues.

O MEA é gestado nas experiências de pós-guerra (de sofrimento e desesperança) que levaram o ser - humano a um idealismo e a condições de se criar coisas que ajudassem na construção da paz, num futuro melhor para a humanidade.

Conforme lembrou Cornélius Castoriadi⁴⁸s, sobre a guerra, na conferência de 03 de outubro de 1981, na Universidade de Nova Iorque: o anthrôpos cria o sublime, mas é capaz de criar, igualmente, a monstruosidade (...) como se vê, ontem e hoje, é questão primordial educar o homem, formar o anthrôpos na busca de uma paz que se faça de modo criativo, dinâmico e incessantemente, a partir do confronto com o caos – compreendido como o indefinido e do cosmos – visto como criação da ordem.

Nos anos 60 chegaram a existir 130 Escolinhas de norte a sul do Brasil e algumas na América Latina: Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina, Equador, Peru e, na Europa, em Portugal. Nesta mesma década o curso (antes dirigido a professores que se limitava a atividades artísticas e recreativas) se transformou no Curso de Arte-Educação, com ênfase na função da criatividade no processo educativo. Mais de 25.000 pessoas das áreas de educação pré-escolar, ensino básico, segundo grau e universitário foram atendidos no Curso.⁴⁹

⁴⁸ _____ . Movimento Escolinhas de Arte: Imagens e Ideias. [s.d.]

⁴⁹ RODRIGUES, Augusto. Um caminho alternativo da educação criadora no Brasil. **Escolinha de Arte do Brasil**: Rio de Janeiro, 2000.

Em 1970 a criação do jornal Arte&Educação foi proposto por Zoé Chagas Freitas e o número zero circulou em setembro, com textos de A.R, Anísio Teixeira, Lúcia Valentim, Ilo Krugli⁵⁰, Nise da Silveira, Maria Helena Novaes, entre outros. Colaboraram outros nomes importantes tais como: Helena Antipoff, Pedro Figueiredo Ferreira, Arthur da Távola, Tom Hudson, Clarival do Prado Valladares, Rosza W. Vel Zoladz, a grande maioria escrevia para o jornal. A existência deste veículo dentro do contexto de comunicação da década de 70 é extremamente relevante para o registro, à circulação da filosofia, das ideias e a difusão das concepções de arte e educação, além de apresentar a pesquisa dos pensadores da arte educação em âmbito nacional, através de artigos e matérias.

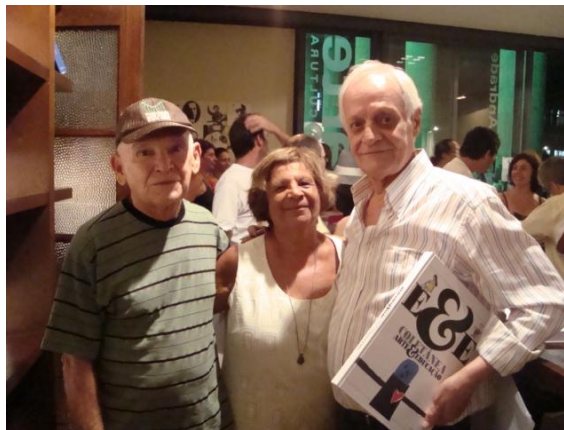


Fotografia 66 por Rogério Marcondes - Ilo Krugli no espetáculo “A História do Barquinho” 1980.

A produção apresentada nos jornais esclarece pontos de vista, abre discussão sobre as formas de ação e pontua *experiências* diversos nas áreas das artes cênicas, plásticas, musical, psicológica, social e cultural. Recentemente, em 2009 toda a produção publicada no jornal foi organizada pela EAB com apoio da Funarte através do MINC resultando na *Coletânea Jornais de Arte Educação*, desde o número zero até o numero 29, de janeiro de

⁵⁰ Em 1961, Ilo Krugli (Buenos Aires- AR, 1930): bonequeiro, diretor teatral, criador do Grupo Ventoforte e inspirador do Humbú, dois dos grupos teatrais mais importantes do país, ambos em atividade até hoje, o primeiro em São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro, chega ao Brasil, vindo da Bolívia, e começa a dar aulas na Escolinha. O texto “A História do Barquinho” foi produzida a partir de um curso de bonecos – projeto de teatro de animação, na Escolinha em 1963, sendo um dos maiores sucessos teatrais no Brasil, apresentado até hoje.

2009 - Edição Comemorativa aos 61 anos da EAB.⁵¹ No prefácio da Coletânea Zoé relembra o início dessa ideia: *em agosto de 1970, em Coventry/Inglaterra, estava eu entre os educadores brasileiros que foram ao Congresso da Educação pela Arte quando fui apresentada a um jornal que circulava entre os professores: o Art and Education. Há tempos eu, Augusto e Zaluar falávamos da necessidade de termos um jornal especializado. Encantados com a qualidade do periódico inglês, fomos em busca de apoio para editarmos no Brasil um tipo de publicação – embora mais criativa – que possuísse as mesmas características.* (MIRANDA apud FREITAS, 2009, p.6)



Fotografia 67 acervo Maria Dolores Coni Campos – (da esquerda para a direita): Jader, Dolores e Orlando no lançamento da Coletânea do Jornal *Arte&Educação* da Escolinha de Arte do Brasil/2009.

Além de inúmeras *Escolinhas* que se formaram inspiradas pela EAB podemos considerar como desdobramentos: o *Ateliê Infantil do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ*, criado em 1972 por Ivan Serpa (1923 - 1973) e os *Cursos de Licenciatura em Educação Artística*, instituídos em 1973.

⁵¹ **Jader de Medeiros Britto.** Foi o editor do jornal *Arte & Educação* da Escolinha de Arte do Brasil e também da revista *Brasileira de Estudos Pedagógicos* do INEP. Na *SOBREART*, foi secretário na presidência de Zoé Noronha Chagas Freitas.

Orlando Miranda é um empresário e produtor teatral nascido no Rio de Janeiro. Começou fazendo teatro no curso *Martins Pena* em fins dos anos 50. É dono do Teatro Princesa Isabel no Rio. O teatro foi fundado por Orlando, Pedro Veiga e Pernambuco de Oliveira em 27 de Janeiro de 1965. Nas décadas de 70 e 80 foi presidente do antigo Serviço Nacional de Teatro atual Funarte. Desde 1988 é presidente da Escolinha de Arte do Brasil, entidade educacional voltada para a arte-educação fundada por Augusto Rodrigues.

Em 18 de setembro de 1977 houve o I Encontro Latino Americano de Educação através da Arte (ELEARTE) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Este encontro aconteceu somente duas vezes, sendo a última o II Encontro Latino Americano de Educação através da Arte – no SENAI da Tijuca- Rio de Janeiro, em 1992.

A participação de Augusto Rodrigues no I ELEARTE deixou claro que um dos objetivos na volta em 1954 da Europa (quando apresentou os resultados dessa experiência EA) foi de que o foco deveria estar mais no intercâmbio entre os países da América Latina, do que olharmos para Europa. Augusto ressaltava a importância de levarmos em conta uma identidade, sobretudo, financeira que poderia reforçar essa união latina. Dessa forma, veríamos com maior nitidez quem somos como cultura e como potencial, almejando assim uma força representativa.

Essa reflexão trazia em sua origem uma reação a culturas que poderiam se sobrepor às nossas próprias culturas. Sendo assim o educador seria o porta-voz dessas transformações através das experiências criadoras – uma forma natural de educação. Dizia, Augusto:

O MEA começou porque queríamos preservar em nós a criança. A criança sofrida, através de uma escola repressiva que pretendia ensinar o que era o mundo atrás da criança, através de um círculo de giz no quadro negro. Enquanto, lá fora, havia todo um espaço para ser compreendido, amado e explorado.⁵² (RODRIGUES. 1977).

Augusto questionava ainda a questão educativa a partir da vivência de autoconhecimento humano e corporal. Essa ideia de educação mais sensível e integrada ao todo cósmico, considerando o próprio corpo como ponto de partida, pode ser comparada a visão da Pedagogia Waldorf (mais precisamente trabalhada na Eurytmia) que dialoga com o

⁵² ANAIS - I Encontro Latino Americano de Educação através da Arte. Rio de Janeiro, 1977. p.44.

ritmo do corpo mais a nível espiritual sem desconsiderar o aspecto científico que é presente na vida de qualquer ser vivo⁵³. Questiona Augusto:

Mas, como irei identificar-me com o universo se antes de tudo não me identifico com o micro-cosmo que sou eu mesmo, que é o meu corpo, síntese do universo? É próprio do artista desenvolver sua sensibilidade, alargar sua percepção, e, através das intuições, simbolizar o mundo, já que ele trabalha com símbolos plásticos ou rítmicos, enquanto é próprio do cientista trabalhar, com dados da realidade, procurar neles relações constantes, que possam ter algum alcance para compreensão dos mecanismos da vida e da comunidade, entre o inerte e o vivente. A educação para os novos tempos não poderá prescindir desses dois trabalhos, utilizando a simbologia da arte pela qual o homem vai exprimir a sua visão objetiva do real, o que ele tem de mais profundo e significativo, e ao mesmo tempo se apoiar na teoria da ciência para a descoberta da natureza começando pelos ritmos do seu próprio corpo⁵⁴. (RODRIGUES, 1977).

Segundo observava *Padre Lebret* em uma visão social e religiosa sobre o indivíduo que está disposto a educar-se: *esta (a educação) pode ser uma fonte permanente de alegria, se for um trabalho de descoberta, de renovação, pelo qual o homem possa perceber o universo e também ter o seu instrumento de busca de equilíbrio, de ordem, para ajudá-lo na descoberta da simplicidade e do poder de criar beleza e harmonia.*⁵⁵

⁵³ Segundo Margrethe Skou Larsen: *Na Eurytmia Pedagógica utilizamos a eurytmia para desenvolver uma boa conexão com o instrumento de expressão, com o corpo. Na realidade com nossos vários corpos que se desenvolvem, que nascem em épocas diferentes na nossa infância e juventude. O ser humano tem quatro corpos: corpo físico, corpo vital, corpo astral e corpo do eu. Rudolf Steiner apresenta este fato no livrinho “A Educação da Criança Segundo a Ciência Espiritual”, em 1907. Através de vivências que envolvem os quatro elementos, esta realidade pode facilmente ser verificada. No Espaço Vivo trabalhamos neste sentido. Investigamos os quatro corpos através do movimento. A prática regular de eurytmia serve para que a pessoa possa desenvolver uma boa relação com o seu corpo, com o seu instrumento. Para que ela, na vida adulta, possa ter uma alma rica saber expressar os seus sentimentos com facilidade e com prazer. A eurytmia na escola serve em primeiro lugar para melhorar a qualidade de vida. Quando adulto, o ser humano vai ter sua força de vontade à disposição. Não interessa o que ele vai escolher como profissão. Vai ser uma pessoa efetiva, porque o seu instrumento vai estar aí para lhe servir. O pensar, o sentir e o querer estarão conectados, e assim a vida flui!*

⁵⁴ *Ibidi.*,p.45

⁵⁵ Dejalma Cremonese (Professor do Departamento de Ciências Sociais da UNIJUÍ/RS e Doutorando em Ciência Política da UFRGS) mostrou a atuação no Brasil e a influência das idéias de Lebret, especificamente, nas lideranças locais, como a Mario Osorio Marques, que foi o principal articulador da fundação da *Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFI)* de Ijuí – RS e do *Movimento Comunitário de Base de Ijuí*, no final dos anos 50 e início dos anos, do século passado.

Em 1977, nasce a *NUCLEARTE* que chegou a atender 1280 alunos, 320 da rede municipal e 960 de origens diversas no Parque da Cidade, bairro de Pituba, Salvador - Bahia. A frase que A.R batiza a iniciativa na inauguração traz uma ideia filosófica presente nas EA do país: *O universo começa a partir de um e, um pressupõe a existência de um outro.*



Fotografias 68 acervo Maria Dolores Coni Campos – Inauguração da Pedra Fundamental/NUCLEARTE-1977.

O RS através das suas Escolinhas de Arte foi quem melhor entendeu a proposta segundo A.R e quando perguntado num painel realizado na TVE, em Porto Alegre, por ocasião dos 30 anos de nossa Escolinha, em 1990, a que ele atribuía essa quantidade de Escolinhas espalhadas em todo o Rio Grande do Sul, Augusto assim definiu: ... é um estado de fronteira, o que dá uma consciência de terra muito grande – tem uma economia bem distribuída, o que proporciona uma qualidade de vida melhor – e à colonização alemã e italiana, com estrutura cultural europeia, dando valor à arte. (CAMPOS, 2003 p.320)

4. A AVENTURA DE CRIAR: 50 ANOS DA ESCOLINHA DE ARTE DO RS

A lembrança é libertadora.

(Paulo Freire)



A *Escolinha de Arte no RS*⁵⁶ tem sua história e memória ligada ao *Instituto de Artes da UFRGS*⁵⁷, a *Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS*, através dos espaços (sede) e das pessoas (professores e ex-alunos) e à *Escolinha de Arte do Brasil* devido à formação de seus professores e a orientação filosófica compartilhada entre todos que nela trabalharam nos últimos 50 anos. É importante lembrar que os idealizadores da Associação/Escolinha pensavam em construir no Estado um núcleo de apoio, a partir dessa iniciativa – a *Escolinha de Arte do RS* - ao Movimento Mundial de Arte-Educação, iniciado no país por Augusto Rodrigues, na *Escolinha de Arte do Brasil*, no Rio de Janeiro, em 1948.

O Instituto de Artes da Universidade Federal do RS foi fundado em 1908 por um grupo de homens decididos e a participação de mulheres atuantes dispostos a criar um *Conservatório de Música* e uma *Escola de Artes*. Na ata de Fundação consta que o nome desse Instituto seria: Instituto Livre de Belas Artes.

⁵⁶ Os trabalhos (desenhos) que ilustram esse capítulo são do acervo da EA.

⁵⁷ Histórico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **UFRGS**, Porto Alegre, Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/index_a_ufrgs.htm Acesso em: 5 jun. 2009.

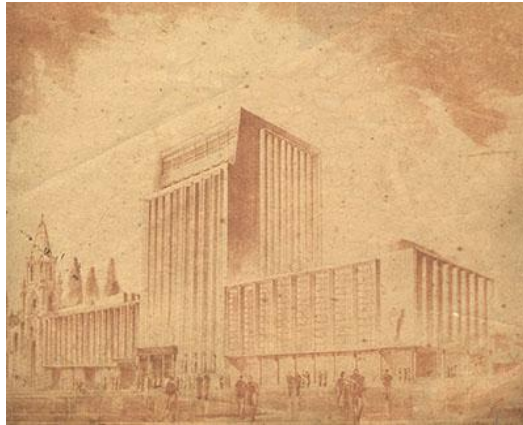
Diz a ata de instalação: aos vinte e dois dias do mês de abril de mil novecentos e oito, nesta cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, no salão nobre da Biblioteca Pública, à Rua Duque de Caxias, esquina Marechal Floriano, presentes os senhores Dr. Carlos Barbosa Gonçalves (Presidente do Estado), Dr. Olinto de Oliveira, Dr. João Birnfeld, Dr. Plínio Alvim, Dr. Rodolfo Ahrons, Cel. Carlos Pinto, Cel. Carlos Campos, Capitão-tenente Otávio de Lima e Silva, maestro Araújo Vianna, Libindo Ferrás, Cel. Aurélio de Bitencourt, Dr. Cirne Lima, Dr. Carvalho Freitas, Dr. José Montaury, major Gonçalves de Almeida, Dr. Possidônio da Cunha, José Gertum, Caldas Júnior, Ambrósio Orcher, José Morini, J. Peter, sen. G. Pfeiffer, Ezequiel Ubatuba, D. Julieta Felizardo Leão e as senhoritas Olinta Braga e Amália Iracema, membros da Comissão Central fundadora do Instituto Livre de Belas Artes, foi aclamado Presidente da sessão o senhor Plínio Alvim, que me convidou a mim, Ezequiel Ubatuba, para secretariá-la.⁵⁸ (CORONA, 1978)

A fundação do Instituto Livre de Belas Artes precisava de uma sede então o prédio situado à Rua Senhor dos Passos 248 foi adquirido. Seis presidências se sucederam entre (1908-1936) até que em 1910 a partir da proposta do pintor Libindo Ferrás é criada a Escola de Artes.

Durante a sua gestão como Diretor do Instituto de Belas Artes, Libindo Ferrás (1910-1936) convidou outros pintores para serem professores. O primeiro a ser contratado veio de Itália (Miro de Gasparello) entre os anos 1912-1913 e sua estada foi curta porque precisou retornar ao seu país para a Primeira Guerra Mundial falecendo nas trincheiras. Outros professores, tais como: Oscar Boeira, Augusto Luiz de Freitas, Eugênio Latour e Francis Pelichek (natural de Praga) lecionaram, além dos ex-alunos formados pelas Escolas *Francisco Bellama* e *Judith Fortes*.

Em 1938, Tasso Corrêa, então novo Diretor do Instituto de Belas Artes do RS adequou de acordo com o sistema federal de ensino, o ingresso dos alunos, aceitando somente aqueles que tivessem curso ginasial.

⁵⁸ CORONA, Fernando. Histórico do Instituto de Artes. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 abr. 1978. Caderno de Sábado, p. 7-9.



Fotografia 69 acervo IA - Projeto (não realizado) de Fernando Corona de conjunto arquitetônico com museu que iria até a esquina da Rua dos Andradas, Porto Alegre - RS.⁵⁹ [s.d]

Nesta época eram professores do Curso de Arte Plásticas, João Fahrion que lecionava *Desenho e Pintura de Modelo Vivo no Atelier*, Angelo Guido que lecionava *História da Arte e Paisagem*; e, Ernani Dias Corrêa que lecionava *Arquitetura Analítica e Decorativa*. Entretanto faltavam titulares para cadeiras que foram contratados pela Universidade somente em 12 de maio de 1938, entre eles: José Lutzenberger para *Geometria Descritiva e Perspectiva*, Luiz Maristany de Trias para *Anatomia Artística e Paisagem* e Fernando Corona que fundou a cadeira de *Modelagem para o Curso de Escultura*.

Tomando por base que a vida de todos é regida por ciclos em cinco de janeiro de 1939 através de um decreto do Governo do Estado do RS, número 7.672 desanexou o Instituto da Universidade. Entre tantos boatos que envolviam questões econômicas e conceituais chegamos a uma questão que um Secretário de Estado teria levantado: “Como pode um tocador de trombone ganhar igual a um professor de Medicina?” A resposta ao apelo para reconsiderar a importância do Instituto de Artes na formação do ser-humano foi: “Arte não interessa ao Estado.” Nada mais perfeito para exemplificar o que Dra. Nise da Silveira relatou

⁵⁹ Histórico. **Acervo Instituto de Artes UFRGS**. Porto Alegre, [s.d] Disponível em:

http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/mastop_publish/?tac=Hist%F3rico Acesso em: 20. jul. 2009

em suas entrevistas incessantemente referindo-se ao poder da arte na transformação do indivíduo.

Em função dessa afirmação uma mobilização organizou-se para reconhecer a nível federal os cursos do Instituto, liderada por Tasso Corrêa. Para melhor as instalações do prédio da Rua Senhor dos Passos a alternativa de criação dos *Amigos das Belas Artes* foi sugerida para viabilizar o projeto de uma nova sede, no mesmo terreno com projeto arquitetônico de Ernani Corrêa e Fernando Corona.

Cerca de 700 “legionários” foram reunidos em prol dessa melhoria, mas os recursos foram insuficientes num primeiro momento. A hipoteca de casas particulares dos professores ajudou a completar o dinheiro e a obra foi realizada. O prédio antigo foi derrubado, as aulas transferidas para um prédio na Rua da Praia e, em primeiro de julho de 1943 inaugurada a nova sede reconhecida pelo Governo federal, decreto 7.197 de 20 de maio de 1941.

Somente em 04 de dezembro de 1962 o IBA foi reincorporado a Universidade. De 1941 a 1962 variadas criações aconteceram (1944- criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo; 1950- a Universidade passa a ser chamada de UFRGS; 1957 – criação do Curso de Arte Dramática, etc) entre elas, mais precisamente e que é foco de nosso interesse: em 1959 nasce a *Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS* durante a gestão do diretor do Instituto de Belas Artes na época, Angelo Guido.

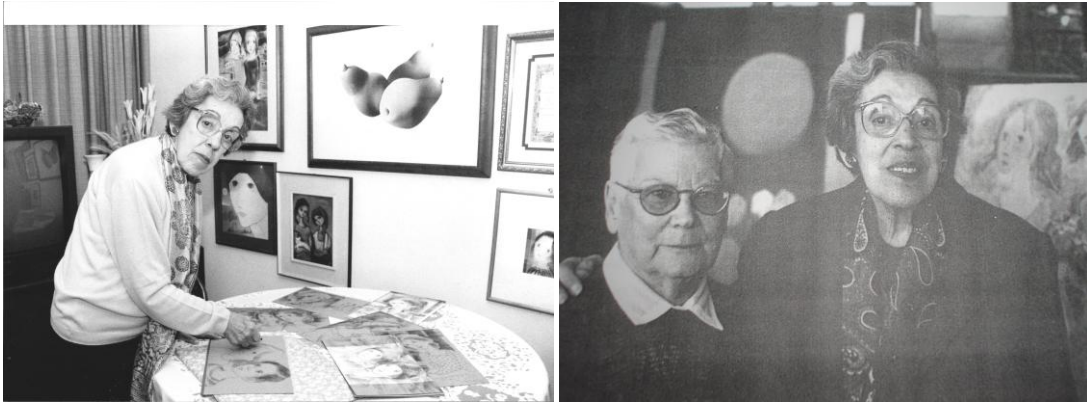


Fotografia 70 acervo IA – Professores do Instituto de Artes da UFRGS (da esquerda para a direita) - em pé: Fahrion (segundo), Ernani Corrêa (terceiro), Mancuso (sexto), Corona (sétimo), Ado Malagoli (nono); sentados: Alice Brüeggemann (segunda), Alice Soares (terceira) e Tasso Correa (quarto). [s.d]

Criada por um grupo de artistas e professores do Instituto de Arte da Universidade liderados por *Alice Soares*⁶⁰, Fernando Corona, Angelo Guido, Ado Malagoli, Alice Brüeggemann, Leda Flores, *Cristina Balbão* e Lygia Rothmann. O primeiro Presidente foi o professor Rubens Galant Costa Cabral e a vice-presidência da professora Alice Soares. Iara de Mattos Rodrigues⁶¹ em carta à amiga e colega arte-educadora, Maria Dolores Coni Campos comenta o início da estruturação da EA do RS:

⁶⁰ **Alice Soares (1917-2004):** Formou-se em Pintura no Instituto de Belas Artes - RS em 1943, onde dois anos depois passou a lecionar. Diplomou-se também em escultura, em 1947, e concluiu aperfeiçoamento em 1949. Fez cursos com Andre Lhote, Wilbur Olmedo e Iberê Camargo. Pertenceu à geração pioneira de mulheres que se dedicou de forma profissional à arte. Participou da I Bienal de São Paulo, em 1951. Em 1959, realizou individual de pinturas e desenhos no MARGS, em Porto Alegre. A partir de então, desenvolveu intensa atividade artística, realizando sucessivas exposições pelo país e exterior. Participou de inúmeros salões e obteve diversos prêmios, a maioria em desenho. Em 1960, foi uma das fundadoras da Escolinha de Arte da UFRGS. Em sua trajetória, a temática das "meninas" foi presença constante. Recebeu o título de Professora Emérita da UFRGS, em 1980. Dividiu por mais de 40 anos atelier com a pintora Alice Brüeggemann.

⁶¹ **Iara de Mattos Rodrigues (1933-2005)** - Foi Bacharel em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS. Professora-Adjunto do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Foi professora de Educação Artística da Escola Técnica da UFRGS e também professora e coordenadora da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Arte, desde 1995 no *Projeto Escolinha de Arte da UFRGS*.



Fotografia 71 por Luis Ventura - (Alice Soares, em seu atelier-casa, 1999) e

Fotografia 72 por Achutti - Duas Alices, 1997 (Brüggegemann – à esquerda e Soares – à direita)

Pelo que sei, tudo aqui começou em julho de 1949, com uma viagem de estudos de 30 formandos da turma de Artes Plásticas (do hoje Instituto de Artes da UFRGS) ao Rio de Janeiro. Um dos objetivos era conhecerem e conversarem com Portinari, em seu atelier. Professoras (Alice Soares e Cristina Balbão) e alunos, como estudantes, passaram a almoçar no restaurante do IPASE Instituto de Pensões e Aposentadorias de Servidores do Estado – parece ser assim. Para chegar ao andar do restaurante, tinham que passar pelo corredor que dava para a Biblioteca Castro Alves. Encontraram ali Augusto Rodrigues, dando aula. (CAMPOS, 2003, p.317)



Fotografia 73 acervo EA – Iara de Mattos Rodrigues [s.d].

Em 1959, 20 professoras da UFRGS, por iniciativa da professora Yara Rodrigues, foram ao Rio de Janeiro, a fim de conhecerem e adquirirem conhecimento sobre a experiência inovadora do que seria a *Escolinha de Arte do Brasil*, além de estudarem com a psicóloga Helena Antipoff. Retornaram ao Sul, para aplicar essa experiência. Este intercâmbio entre

professores, artistas e alunos nunca deixou de acontecer, aliás, gradativamente ampliou-se muito, envolvendo uma troca de experiências e informações a nível nacional.⁶²

Em 1960 a diretoria da nova Associação Cultural cria sua *Escolinha de Arte*, movida pelo ideal de poder proporcionar a crianças e adolescentes uma formação complementar à escola, oferecendo-lhes meios para que pudessem desenvolver sua sensibilidade através da *livre expressão*, construindo dessa forma, sua personalidade.

O Instituto de Artes - apesar de ser uma escola de espírito acadêmico, por tradição, era uma escola de vanguarda; seus professores já tinham um olhar diferenciado. As aulas eram modernas, onde cada aluno podia se sentir acompanhado, respeitado e estimulado a buscar o seu estilo. Eu diria até que já tivéramos quatro anos de Escolinha de Arte, na nossa vida de estudantes universitários. A maioria dos nossos professores do Instituto conhecia Augusto Rodrigues, como artista, como jornalista e como educador. Alice Soares e Cristina Balbão, além de serem as professoras que chefiaram a viagem de estudos ao Rio, estavam impregnadas com a filosofia e os princípios pedagógicos característicos dessa nova proposta de educação. Ado Malagoli, professor de Pintura do Instituto, era paulista, morando no Rio. Viera para o Instituto de Artes da UFRGS, mediante concurso, para ocupar a cadeira de Pintura. Era amigo de Augusto e conhecia a EAB. Além desses, a presença dos professores Fernando Corona e Angelo Guido, então Diretor do Instituto, grandes incentivadores e facilitadores da criação da nossa Escolinha. (CAMPOS, 2003, p.322).

Iara que anos mais tarde coordenou a Escolinha de Arte da UFRGS e considerava a *livre expressão* o ponto mais marcante e significativo da ideia de educar através da arte:

Ali está tudo; deixar a criança livre, esperar o seu tempo, confiar nela, permitir que ela seja, e acreditar que a arte oportuniza os impulsos vitais para que o ser em crescimento se desenvolva harmoniosamente e em plenitude. Conhecer-se e conquistar-se a si mesmo não seria possível sem o exercício da liberdade. A liberdade de criação e o respeito ao outro estão implícitos nessa proposta de educação inovadora. Muitos não a entendem ou não podem suportar essa atitude libertária. É na livre expressão que a criança, o adolescente e o adulto conhecem o significado da liberdade. E, uma vez conhecido, jamais poderão prescindir dela. (CAMPOS, 2003, p.321).

⁶² BRITTO, Jader de Medeiros (Org.). **60 anos de Arte-Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. do Livro, 2008. p.41-42.

Essa possibilidade de expressar-se é natural do ser-humano. Muitas vezes essa dimensão não está tão aparente quanto às demais habilidades que pressupõe a guarda fundamental da existência. A artista plástica Fayga Ostrower considera o homem um ser formador, capaz de estabelecer relações entre eventos múltiplos ao redor e dentro dele, uma relação entre os processos e os seus sonhos:

Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado. Nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma. (...) Nessa busca de ordenações e de significados reside a profunda motivação humana de criar. ⁶³ (OSTROWER, 1983)

Faziam parte da Escolinha também como professores-fundadores Berenice Gorini, Maria Elizabeth Prates, Dione Greca e Iara de Mattos Rodrigues. O então diretor e incentivador dessa proposta Angelo Guido cede instalações para a Escolinha de Arte, dentro do IA que passa a existir a partir de 15 de setembro de 1960, na cobertura do prédio anexo ao Instituto de Artes, dirigida pela professora e artista plástica Alice Soares. Teresa Poester, hoje Professora do IA relatou nos 80 anos de Alice, comemorados em 1997 sua vivência com Dona Alice:

Tive a sorte de ser sua aluna antes dela se aposentar. Dona Alice foi a primeira pessoa que comprou um trabalho meu e que me deu a confiança que eu necessitava para abandonar outros caminhos. Ela me ensinou a ver a pureza dos desenhos mais distraídos, descobrir a espontaneidade do gesto, desvendar a verdade de cada linha, anotar o pensamento, raciocinar com os dedos. A escolha para o curso de Artes apareceu nos tempos em que eu era criança e freqüentara a Escolinha de Arte, fundada em 1960 por Alice Soares e Alice Brüeggemann que é, até hoje, Presidente da Associação que a mantém. ⁶⁴

⁶³ OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 3ª edição. Vozes, 1983. p.9.

⁶⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Dois Alices**: exposição em homenagem às alunas do Instituto de Bellas Artes Alice Brüeggemann e Alice Soares comemorando seus 80 anos. Programa Unicultura: Porto Alegre, 1997.

Para outros artistas que construíram sua trajetória profissional em outras cidades brasileiras, a exemplo de Regina Silveira que vive em São Paulo há muitos anos, a lembrança dessa passagem por Alice Soares e a formação no IA ficaram gravadas na memória:

Nos anos cinquenta e sessenta, de minha formação e dos primeiros passos da carreira artística em Porto Alegre, visitava com frequência o atelier das duas Alices, onde convivía também com Rubens Cabral e Fabrício Soares. A amizade e o respeito profissional nasciam naturalmente de nossa história comum, no Instituto de Artes e no circuito artístico fechado e reduzido da cidade. Neste período já sabia muito bem o quanto devia à Alice Soares – e a Cristina Albão, as duas professoras de Desenho que, no contexto do Instituto de Artes daquela visão mais moderna do desenho e do ensino da arte em geral. Quando pude entender melhor de onde vinha a sua energia e o repertório do qual derivavam as propostas e os processos de desenho em suas classes, comecei internamente a liquidação dos princípios da formação acadêmica que eu vinha há tempos construindo cuidadosamente, como “preparação” aos sonhados estudos superiores de arte. Primeiros conflitos, primeiras percepções da ética, implicada nas escolhas: quarenta anos depois, isto continua sendo um marco em minha memória.⁶⁵

Aqui em Porto Alegre várias Escolinhas se organizavam: a *Escolinha de Arte da Associação Rio-grandense de Imprensa* e também as *Escolinhas do Círculo Social Israelita* e a do *IPA* (Instituto Porto Alegre – escola particular), *Escolinha de Arte de Porto Alegre* – *Escolinha de Arte de Petrópolis* – *Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS*, o *Centro de Desenvolvimento da Expressão/SEDAC*, e mais outros dois, da mesma Secretaria Estadual, um em Bagé e outro em *Passo Fundo* – e *Escolinha de Arte Tia Leda* e *Escolinha de Arte de Bagé*, também em Bagé - *Escolinha de Arte da Universidade de Santa Maria* – *Escolinhas de Arte de Uruguaiana, Rio Grande, Pelotas* (3), *Escolinha de Arte*, em Cruz Alta, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, Novo Hamburgo e Santo Antônio da Patrulha. Em 1950, também começava a funcionar em Cruz Alta a *Escolinha de Arte Francisco Lisboa*, fundada pela professora Teresa Gruber - esta Escolinha chegou a completar 25 anos. No RS foram criadas 30 Escolinhas em 17 municípios. (CAMPOS, 2003, p.319)

Essa expansão de EA aconteceu em todo o território brasileiro, mas no RS a quantidade de Escolinhas indicava a integração da filosofia com os propósitos da Arte-

⁶⁵ Ibid.,1997.

Educação. A existência de Escolinhas no interior do RS marcou a vida de muitas crianças que mais tarde buscaram na arte e na educação subsídios profissionais e existenciais, como no caso da professora de arte, Maria Lúcia Strapazzon⁶⁶, ex-aluna da Escolinha de Arte da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- FIDENE que existiu em sua cidade natal (Ijuí-RS). Ela se lembra dessa experiência que dimensiona não somente o ambiente físico de uma Escolinha, mas a grande parte das vivências experienciadas dentro e fora do espaço da sala de convivência (atelier, sala, etc):

As lembranças são carregadas de imaginação, sensibilidade, fantasia, criação e conhecimento. A sala de aula tinha uma mesa comprida e materiais coloridos que saltavam aos olhos, organizados nas prateleiras baixas: potes de tinta, papeis, vidros com pinceis, lápis de cor, giz de cera, cola, tesouras... Entre as diversas atividades propostas, estava a contação de histórias, onde a professora lia um capítulo por dia de livros como: *A fada que tinha ideias* e *O menino do dedo verde*; depois desenhávamos formando o nosso livro de ilustrações. Realizávamos atividades de sensibilização sonora, cantando e tocando instrumentos de percussão e também praticávamos exercícios de expressão corporal. Criávamos com a xilogravura, a pintura e a modelagem. Os trabalhos coletivos foram marcantes, como o teatro de bonecos, onde produzíamos “grandes espetáculos” com cenários, objetos de cena e gravações das vozes das personagens e da trilha sonora. Lembro dos estudos relacionados à natureza, quando íamos para o bosque dos padres “capuchinhos” conhecer as árvores: o descobrimento das texturas através do toque, dos sons dos galhos e das folhas se movimentando, a história daquele tipo de árvore, dos seus frutos, sua função, as lendas relacionadas. Mas, no momento do fazer, da representação visual, a interferência da professora era mínima. O despertar dessas sensações me leva a crer hoje que não são apenas os tradicionais cinco sentidos os responsáveis pela aprendizagem e sim, o corpo inteiro, como um lugar de conhecimento.

Durante muito tempo a *Escolinha de Arte* da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS/Escolinha ocupou a pequena cobertura do prédio anexo ao Instituto de Artes. Recorda Iara Rodrigues: *Éramos 9 ou 10 professores, atendendo a 3 e, às vezes, a 4 horários por dia; com turmas das 9 às 11h, das 13:30 às 15:30h, das 16 às 18h e, à noite, das 19 às 21 horas. O espaço era diminuto, mas a clientela, muito grande. Chegávamos a distribuir fichas, nas filas, no primeiro dia de matrícula. Talvez nos dessem mais créditos, ainda, por estar dentro de uma instituição federal de arte, famosa por sua história, desde*

⁶⁶ STRAPAZZON, Maria Lúcia. **Sou o que aparento: a pose no retrato fotográfico do adolescente**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação e Especialização em Arte/Educação ICHLA, FEEVALE, Novo Hamburgo, 2011.

1908, por seus professores, por seus artistas plásticos, por seus maestros, por seus pianistas e violinistas.

Desde o início da Escolinha de Arte/Associação houve um intenso convívio com os alunos do Instituto de Artes. Eles chegavam no “espaço anexo” para conhecer o que estava sendo feito, observavam as aulas, solicitavam informações sobre a linha filosófica do trabalho ali desenvolvido. E dessa forma, entre 1965/66 foram criados os primeiros cursos para atender esses anseios e ampliar horizontes profissionais, no RS - dessa forma os CIAES – Cursos Intensivos de Arte-Educação foram criados⁶⁷. Dona Alice Soares atuou como professora até 1965 quando começaram a nascer seus “desenhos de meninas” e ela dedicou-se novamente às artes plásticas, repassando a direção à Prof.^a Iara de Mattos Rodrigues que permaneceu atuante até 2005.

Ana Mae que através de Paulo Freire descobriu interesse pela educação concentrando-se, mais tarde, na educação artística possui inúmeros estudos acadêmicos e procura registrar a história e memória do MEA espalhadas pelo país. Em um de seus artigos publicados no Art Education / EUA destaca que com a lei federal de 1971 tornou-se obrigatória a disciplina de Arte, nas escolas de primeiro e em alguns cursos de segundo grau, assim os novos professores correram às Escolinhas, à procura de orientação. Conforme comenta Ana Mae (BARBOSA, 1979): *Até 1973 as Escolinhas eram a única instituição permanente para treinar o arte-educador. Graças a essa maneira não competitiva e mesmo cooperativa, pela qual sempre se orientaram, elas puderam sempre contar com a ajuda e o suporte da comunidade intelectual*

⁶⁷ O CIAE de 1961 até a lei 5692/71 foi o único curso de especialização para professores em Educação através da Arte na Escolinha de Arte do Brasil. Após a lei foi ministrado em outras escolas, com a criação de cursos de Educação Artística. A equipe dos CIAES criada por A.R tinha contratava o professor com titulação nas artes, o artesão, o jornalista, o técnico de futebol, o poeta, o cientista, ou seja, todo indivíduo capaz de alargar a percepção do professor-aluno. Essa diversidade era um fator de renovação e transformação do Curso. No transcorrer dos anos, os programas foram sendo planejados em curtos espaços de tempo sempre focados no despertar da capacidade do aluno, possibilitando uma compreensão do comportamento do homem e a função da arte no processo da educação.

em que estavam implantadas.⁶⁸ O verbo “treinar” utilizado por MAE mesmo que intencione simbolizar “formação” não se adequa a filosofia da EA. Os CIAES eram e continuam sendo uma oportunidade de acesso à filosofia, aos aspectos pedagógicos norteadores e, até mesmo, a percepção de que os arte-educadores deveriam prestar atenção em sua própria descoberta artística para então somente propiciar ao outro, com maior consciência e responsabilidade o trabalho de arte-educação.



Fotografia 74 acervo EA – Revista Comemorativa dos 10 anos da EA-UFRGS (15/09/1970).

Em 1972 firmou-se entre a UFRGS e a Associação um convênio que deixava claro o compromisso da *Escolinha de Arte* em ministrar Cursos Intensivos da Arte-Educação com duração de um semestre letivo, para os alunos das três áreas do IA: Música, Artes Cênicas e Artes Visuais. Em contrapartida a Universidade asseguraria à Escolinha o espaço físico e uma pequena verba para materiais. A Escolinha de Arte atendeu até 1996 mais de 3.000 alunos de Arte do Bacharelado e Licenciatura. Elida Tessler relembra em seu depoimento:

Este trânsito entre o que se chama Instituto de Artes e o anexo. Esse é o espaço permeável. De sair do elevador aquele elevador antigo e ainda ter que fazer mais um andar e aquele andar pra mim ali era fundamental, ele é que fazia a marca da diferença entre o lá fora e o lá dentro e das possibilidades daquele espaço particular, daquelas duas salas, onde pra mim naquela época era onde tudo podia acontecer.⁶⁹

⁶⁸ BARBOSA, Ana Mae. Os equívocos no Brasil. **Escolinha de Arte do Brasil**: Rio de Janeiro, julho/1979. p.12.

⁶⁹ A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS. Direção e Produção: Aprata. Intérpretes: Cecília Machado Bueno, Elton Manganelli, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri, Maria Dolores Coni Campos. Roteiro: Leocádia Costa. Música: Fabio Mentz. Porto Alegre: Aprata, 2010. 1 DVD (30min), colorido.



Fotografia 75 acervo EA – Alunos na escadaria que ligava o IA às salas da EA/UFRGS - 1970.

A Escolinha de Arte do RS constitui-se num espaço de atividades criadoras múltiplas, oferecendo aos alunos aulas de pintura, desenho, modelagem, fotografia, madeira, colagem, origami, sensibilização musical, jogo dramático, construções em três dimensões e outros meios de expressão, em regime de trabalho diverso do ensino formal da escola regular.

A produção de materiais específicos para o ensino de arte é outra inovação da Escolinha de Arte do Brasil, que sistematiza, pela primeira vez, técnicas pouco conhecidas e, até hoje, utilizadas pelas escolas: lápis de cera e anilina; desenho de olhos fechados; impressão e pintura a dedo; mosaico de papel; recorte e colagem sobre papel preto; carimbo de batata; bordado; desenho raspado e de giz molhado; entre outras. E também a tentativa de ampliação do repertório artístico pela inclusão de elementos da arte popular e do folclore (por exemplo, teatro de fantoches e bonecos), na intensificação do diálogo entre as diferentes modalidades artísticas.⁷⁰

Oferece uma ou duas vezes por semana em turmas divididas por faixa etária: três anos e meio a cinco anos, de seis a oito anos, de nove a doze anos, e, posteriormente, turmas de adolescentes e adultos. As aulas têm duração de duas horas. Cada turma tem em média doze alunos sendo que as turmas de jovens e adultos podem chegar a vinte pessoas. Seus professores são formados pelo Instituto de Artes da UFRGS, com cursos de extensão, graduação, especialização e pós-graduação, além dos cursos específicos de Arte-Educação,

⁷⁰ STRAPAZZON, 2011 p.4.

promovidos pela Escolinha de Arte do Brasil e a Sociedade Brasileira de Educação através da Arte- SOBREART⁷¹ (criada em 1973 sendo Zoé Chagas Freitas Presidente, Augusto Rodrigues Presidente de Honra e, em 1984, Fayga Ostrower, a última Presidente).

A *Escolinha de Arte do RS* tem por objetivo⁷² evidenciar e valorizar a expressão criadora de crianças e adolescentes, procurando levar a seus alunos, através do livre exercício criador, a ideia do fazer artístico como um processo natural de vida. No relato espontâneo de uma ex-aluna da EA, Betina Stampe, hoje professora de arte percebemos a importância dessa experiência em sua vida: *A Escolinha foi para mim um período de descobertas. As escolhas que fiz no campo profissional vem desta experiência.*⁷³

⁷¹ RODRIGUES, Iara de Mattos. Projeto Escolinha de Arte da UFRGS. **Associação Cultural dos ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS**: Porto Alegre, 1995.

⁷² A arte não tem o mesmo significado para a criança e para o adulto. Para o adulto a arte está geralmente vinculada ao campo da estética ou da beleza externa. Para a criança, a arte é, primeiramente, um meio de expressão. Não há duas crianças iguais, na realidade, cada criança difere, inclusive, de si mesma, na medida que vai crescendo, que percebe, compreende e interpreta o meio circundante. As crianças são seres dinâmicos; a arte para elas é uma linguagem do pensamento e, a medida que crescem, sua expressão muda. No desenho, na pintura, na modelagem, na dramatização, na experiência criadora com os sons, a criança revela seus pensamentos, seus sentimentos, seus interesses, sua maneira de ver e sentir; sua capacidade de perguntar e achar respostas, de reestruturar; de descobrir forma e ordem. Para ela, a arte é uma atividade absorvente que harmoniza tudo isso, num processo constante de assimilação e projeção. O resultado é um reflexo da criança em sua totalidade. Às vezes, estes trabalhos tem muito pouco a ver com a “beleza”. Alguns podem nos entusiasmar como exemplos de genuína arte espontânea. No entanto, cuidado com as sugestões sobre cores, proporções e formas. Acabaremos por perturbar a confiança nos seus próprios meios de expressão. Se centralizarmos nossa atenção no produto do ato criador, poderemos diminuir o efeito deste processo sobre o amadurecimento e o crescimento da criança. O importante, o essencial, é a criança. Este é o nosso objetivo. (Texto impresso na apresentação final do ano aos pais dos alunos da Escolinha de Arte da UFRGS. LOWENFELD, Viktor. 1960, acervo EA).

⁷³ Depoimentos de ex-aluno extraído do acervo da EA.

A Escolinha faz parte da *Sociedade Internacional de Educação através da Arte* (INSEA) que é ligada a UNESCO e tem por princípios filosóficos:

1. Que a criação artística responde a uma necessidade comum a todos os homens; 2. Que a Arte é um dos mais nobres meios de expressão e de comunicação; 3. Que a Educação através da Arte é, para o indivíduo, em todos os estágios de seu desenvolvimento, um meio natural de cultura, porque ela ensina os valores e as disciplinas essenciais ao seu pleno desenvolvimento intelectual e social. (RODRIGUES, 1995).

Iara Rodrigues deixa claro no texto que convida a comunidade em 2004 para conhecer a exposição anual da EA os verbos e as crenças que regem a filosofia desse grupo: (...) *Ideias como liberdade, acreditar nas possibilidades do outro, confiar indefinidamente no processo criativo, imaginar até as últimas consequências, coragem de ousar e de romper parâmetros, apostar na alegria, estimular a descoberta, desconfiar de métodos muito rígidos, desafiar preconceitos arraigados no mundo que nos cerca, ver a vida como um presente eterno, num espaço tempo de descobertas sem fim... Fazem parte da filosofia da Escolinha de Arte.*⁷⁴

A importância dos professores no dia-a-dia de construção da EA é ressaltado: *Quero destacar, especialmente, a presença e a importância do foram os professores que trabalharam ali, marcando, de forma indelével, a vida da Escolinha e do grupo de professoras que vem atuando na Escolinha hoje. Através delas, presto homenagem aos demais; Clecy Pasquetti, Eneida Alves de Moraes, Eunice Ramos Coelho, Gabrielle Michelin, Gení Gasparoto Mabília, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Campos Varnieri e Nalu Faria.* (CAMPOS, 2003, p.325)

⁷⁴ Texto extraído de um folder do CIAE/2004, de autoria de Iara de Mattos Rodrigues.



**Fotografia 76 acervo EA – Professores da EA/UFRGS (da esquerda para direita):
Jailton Moreira, Clecy Pasquetti, Marcus Camino, Iara Rodrigues, Maria Lúcia Varnieri (em pé),
Eunice Coelho, Suzy Possapp Rocha, Maria Beatriz Noll, Gení Mabília [s.d].**

(...) A Escolinha é um laboratório de sensibilidade. Age como um núcleo de provocação, complementando e ao mesmo tempo questionando a educação formal. Sua situação na Universidade não está definida. Este trabalho tem 43 anos e ainda enfrenta dificuldades para continuar existindo.⁷⁵

Segundo Teresa Poester: *a Escolinha ocupava um lugar no Instituto de Artes que legalmente ele não tava assegurado, isso é verdade, agora era um lugar quase que por um uso capião que conquistou que deveria ter conquistado uma importância que é vital, porque na verdade ela trazia pro Instituto de Artes essa coisa de trazer gente que não era diretamente ligada ao Instituto e fazia esse respiro que por definição a Universidade, o conceito de Universidade é essa ideia de um respiro com a comunidade, de uma troca*⁷⁶ alicerçada em seu espaço físico e apoiada pela Universidade, ela promoveu e realizou regularmente os seguintes projetos, além de palestras, encontros, seminários divulgando suas experiências à comunidade interessada.

⁷⁵ Texto extraído de um folder do CIAE/2004, de autoria de Iara de Mattos Rodrigues.

⁷⁶ A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS. loc.cit

Faz parte das ações da EA às **exposições anuais** que envolviam todos os alunos que frequentavam as atividades da Escolinha. O objetivo das exposições era chamar atenção para a importância e necessidade da realização permanente do impulso criador, existente em cada ser humano. Aprendendo a olhar você se descobre ou você identifica possibilidades suas que você não imaginava existirem.⁷⁷



Fotografia 77 acervo EA – Exposição [s.d].

Parece a mim que a educação deveria incluir, em seu processo, o poético, a pesquisa, a perplexidade. Digo perplexidade porque sempre estou perplexo em face da criança. E a estímulo a projetar o que há dentro dela para que ela própria revele quem é, o que aspira, o que deseja, seja como sentimento de alegria ou tristeza. Só assim poderemos conhecê-la em sua essência. O que pode advir desse conhecimento me deixa sempre perplexo. Lembro-me de que, muitas vezes, uma criança tímida, cuja realização do desenho, da pintura era pobre (e, talvez, até pudéssemos catalogá-la como débil mental), de repente, sai daquela projeção de desenhos, pobres e tristes, para atingir um grau de beleza, de equilíbrio, de harmonia porque, ao superar a sua problemática, sua timidez, reencontrou-se e nos traz uma imagem nova.⁷⁸ (RODRIGUES, 1983).

⁷⁷ O universo da arte: Fayga Ostrower. Instituto Arte na Escola. Direção: Cacá Vicalvi. Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão São Paulo. Autoria de Tarcísio Tatit Sapienza. Coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006. DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor. 15 min.

⁷⁸ MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. **70 Anos de Augusto Rodrigues: Arte para ser e existir**. Rio de Janeiro: MNBA, 1983.

O projeto *Aldeia das Descobertas*⁷⁹ (CAMPOS, 2003) iniciou em 1975, quando à convite da esposa do Prefeito de Santo Antônio da Patrulha, Teresinha Bier, a EA implantou uma Escolinha naquele município – uma espécie de filial da EA/UFRGS. Foi lá, conta Iara, na manhã da inauguração do prédio da nova Escolinha – uma casa antiga, histórica, colonial, toda remodelada e adaptada, que Augusto Rodrigues– que afortunadamente estava em Porto Alegre - criou, na mesa do Salão Nobre da Prefeitura, os três Projetos: *Casa das Artes do Fazer, Casa da Memória e Aldeia das Descobertas*.⁸⁰

Durante a realização do I ELEARTE na parte relacionada aos processos pedagógicos, Iara Rodrigues (representante da EA, no evento) informou sobre essa iniciativa comunitária, registrando: *o município que criou em 07/10/1975 - uma Escolinha com apoio da Prefeitura para desenvolver o plano de arte/educação e comunidade, concebido por A.R, proporcionando as crianças oportunidade para um contato com a natureza e descobri-la, sendo este uma ideia-chave do plano*. Relatou também as experiências criativas dos adolescentes em filmes super-8: “O caminho de onisciência”, “Esperando”, “Rita” e “Nas ruas”, além, de experiências de crianças e adolescentes em slides, usando a linguagem dos quadrinhos.

Ainda relembra Iara em carta à Dolores: depois de algum tempo, nós da Escolinha dos Ex-Alunos, resolvemos executar, pela primeira vez, o Projeto **Aldeia das Descobertas** com as nossas crianças e adolescentes. Eram crianças de cidade grande, e talvez precisassem, mais do que as do interior, de uma familiarização maior com a natureza. Assim, a partir de 1977, começamos a realizar o Projeto, que se desenvolveria por etapas, com várias idas à Estação Experimental Agronômica da Universidade (campo de estudos e treinamento de alunos das Faculdades de Agronomia e Veterinária - fazenda onde são realizadas atividades de pecuária e agricultura, tais como, ovinocultura, suinocultura, cultivos de plantações, culturas da época (soja, milho, arroz, cevada, etc.), pomar, horta e outras especialidades).

⁷⁹ CAMPOS, Maria Dolores Coni. **Encontros Ontem, Encontros Hoje, Cartas que vão, Cartas que Vêm Entre na Roda você também**. 2003. 423 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. p.223-224.

⁸⁰ A cidade de Santo Antônio da Patrulha fica a 80 km da capital, a caminho do litoral.



Fotografias 78, 79 e 80 acervo EA – Aldeia das Descobertas – 1985.

Com 1.800 hectares de terra, a fazenda está localizada em Eldorado do Sul, a 50 km de Porto Alegre. O Projeto *Aldeia das Descobertas* tem como objetivos promover experiências de integração cidade/meio rural, buscando incentivar a relação direta criança-natureza. É uma iniciativa desenvolvida em período escolar, como abertura espaço-escola, e descoberta ou redescoberta da natureza, através de processos que promovam a valorização da terra e suas implicações com saúde e meio-ambiente. Foi um aprendizado constante. Com várias idas à fazenda da UFRGS nos fins de semana, crianças em dia inteiro e adolescentes em dois dias, o Projeto comprovou a necessidade da realização de programas como este, continuamente.

O projeto *Arte na Praia* levava a Escolinha de Arte ao CECLIMAR da UFRGS, no litoral do RS, situado na praia de Tramandaí durante o período de férias de verão. O atendimento era realizado por alunos do IA oriundos dos CIAES.

O projeto *Arte na Praça* proporcionava aulas abertas nas praças, parques e feiras da cidade de Porto Alegre: Parque Farroupilha (Redenção), Praça da Alfândega, Feira do Livro de Porto Alegre e outras, propiciando o estudo e pesquisa da natureza em meio urbano. O atendimento era realizado por alunos-monitores do IA oriundos dos CIAES e professores da Escolinha.



Fotografia 81 acervo EA – Parque Farroupilha (primavera/2009).



Fotografia 82 acervo EA – Dobraduras na 55ª Feira do Livro de Porto Alegre/2009.

A *Programação de Férias do Centro Cultural da UFRGS* foi realizada quando o Reitor Sr. Francisco Ferraz repassou à EA/UFRGS a coordenação e estruturação da programação do módulo infantil-juvenil entre 1986 e 1987. Cerca de 5.000 crianças e jovens entre 03 a 15 anos freqüentaram 18 ateliers e oficinas, incluindo: capoeira, cozinha experimental, informática, vídeo, fotografia, biodança, madeira, teatro, HQs, entre outras atividades. Na terceira edição participaram como professores convidados do Seminário de Arte-Educação (em paralelo à programação): Noêmia Varela e Maria Lúcia Freire (RJ), Maria Dolores Coni Campos (BA), Bartolomeu Campos de Queiroz (MG), Marly Ribeiro Meira (RS) e Fanny Abramovich e Julio Medaglia (SP).

A partir de 1965, e oficialmente em 1972, mediante Convênio assinado pela Presidente da Associação e pelo Reitor da UFRGS, passamos a ministrar Cursos Intensivos de Arte-Educação, com a duração de um semestre letivo, para alunos interessados, das três áreas do Instituto; Música, Artes Cênicas e Artes Plásticas ou Visuais. Na verdade, e desde o início, os alunos de arte passaram a não sair mais da Escolinha – vinham observar as aulas, solicitavam bibliografia, queriam dar aulas daquele jeito, nas escolas.⁸¹

O **Curso Intensivo de Arte Educação** sempre realizado a cada semestre letivo, para adultos interessados (professores, psicólogos, recreadores, pais, aposentados e outros), ultimamente acontece em parceria com o *Centro de Desenvolvimento da Expressão CDE*– Secretaria de Cultura do Estado do RS. Busca-se instrumentalizar a todos aqueles interessados em trabalhar com crianças, adolescentes e adultos, dentro dos princípios filosóficos desenvolvidos pelas Escolinhas. Além disso, o CIAE divulga a contribuição das Escolinhas de arte na formulação da teoria e da prática da arte-educação, instrumentalizando o aluno-professor para o trabalho e, - devido à abrangência dos temas desenvolvidos, - demonstra a importância da arte e da educação no desenvolvimento integral e harmonioso do potencial criador da personalidade humana.



Fotografia 83 acervo EA– Mãos dos alunos do CIAE janeiro/2009 (desenho com Prof. Elton Manganelli).

⁸¹ RODRIGUES, Iara de Mattos. Projeto Escolinha de Arte da UFRGS. **Associação Cultural dos ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS**: Porto Alegre, 1995.

Em março de 1995, após 34 anos de atividades a Escolinha/Associação foi transferida do espaço cedido e ocupado no prédio do IA por Angelo Guido, para a instalação do Curso de Pós-Graduação do Departamento de Artes Visuais. Em caráter emergencial e a convite da então Diretora (Iara de Mattos Rodrigues) da Escola Técnica do Comércio da UFRGS passou a ocupar a sala de artes dessa instituição para suas atividades e guarda do acervo de desenhos e pinturas, onde permaneceu até o final de 2008.

Assim tem sido nossa estrada, com uma história cheia de histórias. Continuamos lutando para dar continuidade ao propósito inicial de arte educação. Não tem sido fácil, em meio a tantas dificuldades, sobretudo com relação a estrutura funcional e espaço físico.⁸²



Fotografia 84 acervo EA – Festa de Aniversário da EA/UFRGS [s.d].

Ainda em 09 de setembro de 1995, alguns dias de completar 35 anos de atividades, na gestão do Reitor Héglio Trindade foi assinado a incorporação da Escolinha de Arte à Universidade, através da Pró-Reitoria de Extensão e da FAURGS. Daí em diante passou a ser denominada de *Projeto Escolinha de Arte da UFRGS*.

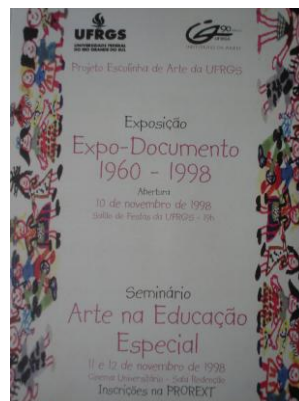
O *Projeto Escolinha de Arte da UFRGS* realizou, em 1982 e 1998, duas exposições com 46 e 250 ex-alunos, hoje adultos respectivamente, denominadas **Expo-**

⁸² Ibid., 1995.

Depoimento⁸³ e **Expo-Documento**.⁸⁴ O acervo da Escolinha, com cerca de 60 mil trabalhos, catalogados desde 1960, se constitui num registro de pinturas e desenhos que nos falam do imaginário dessas crianças e adolescentes, com suas etapas formais, dentro de uma linguagem universal e cronológica de expressão. Retratam, também, acontecimentos históricos do Brasil e do mundo, na visão espontânea de seus autores. Esse acervo é, possivelmente, o maior do gênero, no Brasil e, certamente, o único dentro de uma Universidade. (CAMPOS, 2003, p.330)



Fotografias 85 e 86 acervo EA – EXPO-DEPOIMENTO/2004.



Fotografia 87 acervo EA – Folder EXPO-DOCUMENTA/1960-1998.

⁸³ A EXPO-DEPOIMENTO/2004 reuniu 80 ex-alunos no mesmo ano em que a UFRGS comemorava seus 70 anos de existência.

⁸⁴ A EXPO-DOCUMENTO/1960-1998 contou com a presença de Fayga Ostrower na abertura foi realizada para comemorar os 38 anos da Escolinha de Arte do RS e os 90 anos da UFRGS. A mostra retrospectiva apresentou trabalhos de ex-alunos (na época em idade adulta) celebrando assim a história da Escolinha de Arte. Essa mostra pretendia fornecer subsídios para estudo, análise e pesquisa dos processos desenvolvidos. Nesta mesma ocasião nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 1998, aconteceu o Seminário *Arte na Educação Especial*. O propósito era chamar a atenção para a necessidade da realização do impulso criador presente em todo o ser humano, discutindo as possibilidades construtivas no desenvolvimento psicossocial do indivíduo.

O *Projeto Escolinha de Arte da UFRGS* previa a expansão do espaço físico dentro da Universidade e objetivava a construção de um núcleo aberto à pesquisa interdisciplinar focalizada no ato criador e nos processos criativos. Além disso, seria um núcleo-ponte permanente e atuante entre a comunidade e a Universidade promovendo a troca, o debate e a reflexão, através de ateliers e oficinas para crianças, jovens e adultos, porém em 2008 quando a Escolinha de Arte foi despejada por tempo indeterminado pela nova Direção da Escola Técnica com consentimento da Universidade.

Desde fevereiro de 2009 quando a entidade perdeu as duas salas que ocupava na antiga Escola Técnica, recentemente encampada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), as aulas foram suspensas por falta de estrutura. O problema deixou pais, professores, alunos e artistas plásticos indignados.

Conforme a professora Maria Lucia Varnieri, relatou em entrevista a jornalista Juliana Bublitz⁸⁵: *Os educadores foram comunicados da mudança pouco antes do Carnaval, quando 10 alunos já estavam matriculados. Os móveis e o material das salas, segundo ela, foram retirados e levados para outra peça do prédio. Servidores do IFRS teriam informado que as aulas não poderiam mais ocorrer ali, porque precisavam do espaço. Esperamos que não desprezem a história que construímos – afirmou Maria Lúcia. Em nenhum outro lugar do mundo a gente veria uma coisa desse tipo acontecer. Algo precisa ser feito.* - declarou a artista plástica, Marilice Corona. O vice-diretor do IFRS, Júlio Heck, afirma que a mudança foi necessária porque a Escola Técnica deixou de integrar a Universidade. A Escolinha estaria em situação irregular junto à UFRGS, por pertencer à Associação Cultural de Ex-Alunos do IA, e não, propriamente, à instituição. Esta, entretanto não é a verdade dessa história, tampouco, condiz com os fatos que marcam a trajetória da EA.

⁸⁵ BUBLITZ, Juliana. Entidade ocupava duas salas na antiga Escola Técnica da UFRGS. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 abr. 2009.

Segundo o vice Pró-Reitor de Extensão *Ângelo Ronaldo Pereira da Silva*, os documentos para regularizar a situação já estão em fase de avaliação. Se aprovados, a Escolinha deverá receber novas salas na Universidade. Todo o impasse gerado pela ausência de um espaço físico tanto para a guarda quanto para a realização das atividades regulares da EA afetou muito a estrutura de funcionamento dos cursos. O único que continuou sendo proposto até este momento foi o CIAE em parceria com o CDE/RS. Os ateliers com as crianças, jovens e adultos foram suspensos, assim como o acesso ao Acervo (boa parte inacessível à consulta por causa das condições precárias de guarda).

Durante o ano de 2009, entretanto, as reuniões semanais aconteceram no CDE/RS divididas entre a tomada de providências para solucionar esse impasse e os preparativos das comemorações pelos 50 anos da EA. Ainda não houve mudança, tampouco novas alternativas propostas pela UFRGS, em relação ao Convênio e ao espaço físico dentro da Universidade. Desde setembro de 2010 muitas instituições tem demonstrado estima e apreço por esses 50 anos de trabalho da EA e oferecido parcerias para que o trabalho da EA continue.

Em 25 de setembro de 2010 a EA lançou sua *Revista Comemorativa* e o filme “*A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS*”. Todo o processo de construção desses materiais foi construído coletivamente através de apoio e trabalho voluntário dos envolvidos, em reuniões semanais com a presença de professores, ex-alunos e colaboradores. O resultado registra um pouco da essência das memórias afetivas e históricas da Escolinha de Arte do RS.



Fotografia 88 por Luis Ventura - acervo EA – Integrantes da Escolinha de Arte do RS (da esquerda para direita): Em pé - Cecília Bueno Machado, Marilice Corona, Susy Possapp Rocha, Teresa Poester, Mariana Ramos, Maria Lúcia Varnieri, Patrícia Haussen, Elton Manganelli, Maria Beatriz Noll, Ana Luisa Azevedo, Eunice Coelho. Sentadas - Leocádia Costa, Isabel Siegle e Ieda Ruschel Ranieri. Porto Alegre, RS – 25/09/2010.



Fotografias 89, 90, 91 e 92 por Luis Ventura - acervo EA – Exibição do Filme “A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS” e Revista Comemorativa 50 anos da EA no Santander Cultural (Porto Alegre, RS – 25/09/2010).



Fotografia 93 por Luis Ventura acervo EA – (da esquerda para direita): Maria Lúcia Varnieri (Professora da Escolinha de Arte), Ângelo Ronaldo Pereira da Silva (Vice Pró-Reitor de Extensão da UFRGS), Ana Luiza Azevedo (Diretora do Cine Santander Porto Alegre) e Maria Helena Gaidzinski (Coordenadora da Ação Educativa do Santander Cultural) Porto Alegre, RS – 25/09/2010.



Fotografia 94 por Luis Ventura acervo EA – Três das cinco mulheres que trazem o Mar em seus nomes, com Leocádia Costa (da esquerda pra direita): Maria da Paz (primeira), Maria Lúcia Varnieri (segunda) e Maria Beatriz Noll (quarta). Porto Alegre, RS – 25/09/2010.

4.1 A aventura de criar: a memória da Escolinha de Arte do RS

De fevereiro de 2009 a 25 de setembro de 2010 a ação semanal que mobilizou o grupo EA do RS para as comemorações dos 50 anos foi a construção coletiva de dois materiais sintetizadores da filosofia da EA: a revista comemorativa e o filme-documentário. Organizar o processo criativo destes materiais junto aos depoimentos dos aspectos mais relevantes sobre a filosofia, o papel do professor, o desenvolvimento da criança, os aspectos e personagens históricos norteadores da arte-educação e a continuidade da existência de um trabalho ligado ao humano, ao social e ao meio ambiente.

Definidas as ações faltava então convocar as pessoas que pudessem disponibilizar seu tempo e suas habilidades (talentos e contatos) para a concretização das metas para setembro de 2010, mês de aniversário da Escolinha. Um grupo “peso pesado” de professores e ex-professores comprometidos em alcançar as metas se formou: Cecília Machado Bueno, Elton Manganelli, Eunice Coelho, Eneida Moraes, Gení Mabília, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri e Patrícia Haussen. Minha participação a princípio como ouvinte das reuniões tornou-se ativa, mas como ex-aluna, voluntária da EA e produtora com alguns contatos que mais adiante fariam diferença na viabilização das nossas ideias.

O primeiro passo foi a criação de uma identidade visual (no caso, uma logomarca) que pudesse representar o nome da Escolinha de Arte, ao mesmo tempo, reunida com a associação dos Ex-Alunos do Instituto de Arte da UFRGS. Ficou definido que o Prof. Elton Manganelli⁸⁶ faria a criação.

⁸⁶ Nasceu em Porto Alegre, RS- 1948. É bacharel em desenho pela UFRGS, Professor da Escolinha de Arte/UFRGS e pertenceu ao grupo “Nervo Óptico” (1976), do qual faziam parte Ana Alegria, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Álvares, Carlos Asp, Carlos Athanázio, Telmo Lanes, Jesus Escobar e Vera Chaves Barcellos. Mostras de 2009: *Jogos formais*, Galeria Iberê Camargo/Usina Gasômetro. *Vasos comunicantes* - Galeria Goethe Institut. Professor do Curso Extra de desenho do Atelier Livre Prefeitura.



Fotografia 95 - logomarca EA/2009.



Fotografia 96 por Luis Ventura – Elton Manganelli em seu atelier, Auxiliadora- Porto Alegre/2009.

Formada a equipe de organizadores o desafio era desbravar o acervo existente da EA com foco primeiro na Revista⁸⁷ que foi o primeiro material finalizado. O acervo foi consultado em meio às dificuldades de seu acesso, por causa da situação de despejo em que a EA se encontrava. Muitos documentos foram deslocados da Escola Técnica para o CDE/RS

⁸⁷ ANEXO 1

por receio de que pudessem ser extraviados, destruídos ou até mesmo sofressem danos por causa da umidade e falta de um acondicionamento adequado.

Dessa forma textos, fotografias, trabalhos das crianças, citações, depoimentos foram surgindo a cada semana, causando entusiasmo em mim (porque tudo era novidade e descoberta) e provocando no grupo um contato direto com os objetos e símbolos que construíram a história coletiva presente na memória de todos. Foi muito emocionante presenciar a representatividade do tempo desses 50 anos e o quanto da vida de cada educador estava comprometido com esse espaço chamado afetivamente de Escolinha: *tempo e espaço são inseparáveis na mente humana. Na cultura letrada, durante séculos, o espaço serviu para medir o tempo.*⁸⁸ (FICHTNER; BROSE 2009)

A importância desse acesso ao acervo da EA estava diretamente ligado ao que precisava ser registrado. Durante muitas semanas, nas reuniões foram discutidos quais critérios elegeriam a escolha dos textos e das imagens. Optamos pelo seguinte: alguns textos de Fayga Ostrower, Augusto Rodrigues, Iara de Mattos Rodrigues, Alice Soares e Noêmia Varella seriam incluídos, todos eles faziam parte do acervo da EA primeiramente. Neles as questões norteadoras estariam pontuando o pensamento sobre a área da arte-educação em âmbito geral, criando assim uma imagem coesa da arte-educação brasileira. Convidaríamos representantes da Universidade para deixar seus textos, esses redigidos em 2009 livremente sobre a existência da EA assinados por: Carlos Alexandre Netto (Reitor da UFRGS), Lenora Lerrer Rosenfield (Coordenadora da Escolinha de Arte) e Alfredo Nicolaiewsky (Diretor do IA/UFRGS).

Entre a vida cotidiana, a vida suada do MEA e sua história restará sempre uma realidade não revelada: fatos, produções, dúvidas, desacertos, hipóteses – um inexplorado acervo de memórias ainda não transformado em texto escrito. Acervo que se resguarda, disperso pelas Escolinhas (surgiram do Amapá ao Rio Grande do Sul) e na memória dos que nelas trabalharam ou ainda estão, em outras instituições, na procura de uma educação criadora. De qualquer forma, trata-se de um acervo precioso, que não se negará à competência do pesquisador que souber descobrir a “esmeralda”.⁸⁹



⁸⁸ FICHTNER, Marília Papaléo; BROSE, Elizabeth R.Z. **Metodologia do ensino de literatura: do olhar adulto ao olhar infantil**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009. p.42.

⁸⁹ VARELA, Noêmia. *Movimento Escolinhas de Arte: Imagens e Ideias*. [s.d.]



O trabalho no acervo da EA continuava porque a meta era descobrir quais depoimentos de ex-alunos poderiam ser inseridos na Revista. Nosso critério de escolha foi deixar claro que não somente artistas haviam passado pela EA e sim, pessoas de variadas áreas que levaram essa vivência para as suas vidas e seus ofícios. Seria interessante para o público em geral saber um pouco sobre: *Quem seriam hoje aqueles que frequentaram a Escolinha e incorporaram ao seu viver atividades criadoras, num clima de liberdade e respeito à expressão de cada um? Foram marcados significativamente, criativamente, humanisticamente? Quem são eles, hoje, como seres humanos e como profissionais?* Estas eram perguntas que mais tarde lendo a carta da Iara a Dolores descobri serem questões norteadoras a respeito afinal do perfil dos alunos da EA e que de certa forma me traziam inquietação. (CAMPOS, 2003, p.330)

Tão logo tínhamos reunidos relatos ao longo dos anos de médicos, economistas, psiquiatras, publicitários, escritores, veterinários, psicólogos junto aos relatos de designers, artistas, educadores e atores, etc naturalmente. O mais importante era preservar em cada depoimento aquilo que era essencial, como nas palavras da ex-aluna, Núbia Carolina Huff, artista plástica: *A liberdade e o carinho que eu tinha eram parecidos com os que eu tinha em casa.*⁹⁰

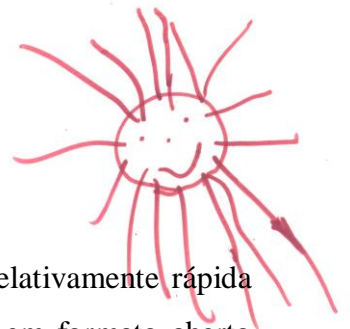
As informações mais específicas da história da EA foram apresentadas através da linha cronológica de tempo do Movimento de Arte-Educação no RS, no mundo e no Brasil, da listagem dos Professores da Escolinha de Arte entre 1960 a 2010 que somados aos textos de autoria coletiva da equipe dos 50 anos foram ressaltando: aspectos da criança (suas etapas gráficas), a questão do brincar, os aspectos sociais, os princípios filosóficos, a proposta e o

⁹⁰ Depoimento de ex-aluno extraído do acervo da EA.



programa da EA. Sob minha responsabilidade ficou a apresentação de um *projeto gráfico* que pudesse renovar a Revista de maneira mais contemporânea.

A etapa de seleção das imagens (fotos e trabalhos) foi surgindo junto com os textos. Quase 99% das imagens são do acervo da EA. Algumas fotos foram inseridas ao conteúdo, tais como: a imagem de Dona Alice Soares trabalhando em seu atelier/1999 e a foto da Maria Dolores Coni Campos e Iara de Mattos Rodrigues, em debate no RJ/2003. Ambas cedidas gentilmente por Luis Ventura e Dolores que também nos cedeu um fragmento da carta trocada com Iara.



A etapa de criação (conteúdo) e projeto gráfico da Revista foi relativamente rápida porque em meados de maio de 2009 estava definida. O projeto gráfico em formato aberto lembrando outdoors havia sido aprovado pelo grupo da EA.

A etapa de design levou um tempo semelhante a anterior teve a participação do ex-aluno do IA, Alex Medeiros, através da Type Design (sua empresa) que também finalizou o convite do lançamento⁹¹. Os processos mais demorados foram às parcerias para a impressão, finalização e acabamento da Revista, e depois, a realização dessas etapas.

Nesta etapa das ‘parcerias’ tivemos apoiadores trabalhando em conjunto: a Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS através da *gráfica da UFRGS* que nos cedeu o papel para impressão. A gráfica *Algo Mais* fez a impressão da revista e inseriu o wire-o em 2.000 exemplares. Este processo ficou pronto em março de 2010. A participação da *Algo Mais* foi possível a três fatores: a relação de confiança entre a *Algo Mais* e a aprata, a dedicação do

⁹¹ ANEXO 2

atendimento Sr. César Assis e a compreensão, respeito e a valorização do trabalho da EA em 50 anos de existência. Conforme divulgamos em release do lançamento:



A **Revista Comemorativa** é uma ação de aniversário da Escolinha. *Quando completou 10 anos, contou com a colaboração do escritor e desenhista, amigo da Escolinha – Ziraldo. Para a edição de 2010, vários profissionais selecionaram textos e imagens do Acervo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS, contando com um projeto gráfico diferenciado. Textos, imagens, depoimentos de ex-alunos, filosofia da Escolinha e citações de professores, parceiros e idealizadores do Movimento Escolinha de Arte daqui e de outros Estados, tais como: Iara de Mattos Rodrigues, Augusto Rodrigues, Maria Dolores Coni Campos, Fayga Ostrower, foram selecionados pela comissão organizadora dos 50 anos, assim constituída: Cecília Machado Bueno, Elton Manganelli, Eunice Coelho, Eneida Moraes, Gení Mabília, Leocádia Costa, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri e Patrícia Haussen. O projeto gráfico é de Leocádia Costa e Carolina Costa da aprata, o design gráfico de Alex Medeiros da Type Design, as fotografias de Luis Ventura e Jacob Klintowitz. A impressão ficou a cargo da gráfica Algo Mais e o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS.*⁹²

Terminada a Revista iniciava-se a construção do filme-documentário⁹³ material sugerido por mim e aceito com entusiasmo, numa das reuniões do primeiro semestre de 2009. Minha vontade em contar histórias verdadeiras é imensa. Naquele momento a curiosidade e a inquietação por informações que pudessem nutrir minhas perguntas sobre a história, trazendo à tona a memória da EA eram maiores do que as dificuldades que enfrentaríamos na viabilização do filme-documentário meses adiante. Conforme diz Ecléa Bossi em *Memória e Sociedade*, a história é compreendida como memória: nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. (BARBOSA, 2008, p.217).

Em nosso release de divulgação do lançamento, destacamos:

⁹² Cf. Release do lançamento da Revista e Filme dos 50 anos da EA/ set, 2010.

⁹³ ANEXO 3 : www.aprata.com.br e <http://www.youtube.com/watch?v=QD5UD7BxMAo>

O Filme “*A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS*”, apresentado em formato digital/DVD, com 28 minutos de duração e versão para o inglês, traz vários aspectos da memória, da história e da essência deste trabalho através da fala de ex-professores e ex-alunos. Participam do filme: *Fabio Mentz, Elida Tessler, Jailton Moreira, Teresa Poester, Maria Dolores Coni Campos e Marilice Corona* além de alguns membros da comissão organizadora. A captação de imagens é de *Luis Ventura*, o roteiro e produção executiva/artística da *aprata*, a versão para o inglês de *Cleiton Echeveste*, a trilha sonora de *Fabio Mentz* (composta especialmente para a Escolinha de Arte – “Cantiga de Roda” e duas canções especialmente cedidas “Vamu brincá?” e “Valsinha/ Chacarera do Hipogrifo”), a edição e autoração é de *Cristiane Laurentiz*, através do apoio da *Ray Produtora*. Participam ainda o Estúdio SOMA.⁹⁴

Tive total liberdade para roteirizar o filme e essa foi para mim uma condição muito importante, entretanto, a definição dos nomes dos entrevistados, da linha de diálogo entre o filme e a Revista, assim como o conteúdo foram definidos em grupo. Acordamos que o filme seria no formato documentário trazendo as entrevistas junto com os depoimentos escritos e trabalhos/fotos. A partir daí descobrimos o acervo de imagens que estavam guardadas com o ex-professor da EA Jailton Moreira e outros arquivos da EA que reuniam matérias e registros das atividades em VHS e enriqueceram o material.

O roteiro tem uma *contadora de histórias* (no caso Maria Dolores Coni Campos) que narra através de uma memória coletiva que é também parte da sua memória pessoal, fragmentos onde surgem os personagens, a filosofia e, com o apoio de depoimentos, ajudam o espectador a construir um panorama rico que compõem o universo da EA do RS.

Narrar, seja a si próprio ou a outros, o que foi ou o que será seu projeto pessoal de vida é uma estratégia identitária como apropriação do vivido para dar sentido às condições de trabalho. De acordo com essa argumentação, a história de vida (*récit de vie*) torna-se um meio privilegiado para pesquisar a construção narrativa das identidades. Nesse relato, o sujeito dá sentido aos acontecimentos que conta, delimitando etapas, transições. Continuidades ou rupturas inscritas em sua experiência pessoal. “É contando nossas próprias histórias que damos a nós mesmos, uma identidade, segundo Ricoeur. Nós nos reconhecemos nas histórias que contamos sobre nós mesmos.” (RICOEUR apud BOLIVAR, 2007, p.15)

⁹⁴ Cf. Release do lançamento da Revista e Filme dos 50 anos da EA/ set, 2010.

Os nomes dos entrevistados foram sendo listados, um a um, em sua maioria ex-alunos, ex-professores e professores da EA, além de uma convidada especial. São eles: Elida Tessler, Fabio Mentz, Jailton Moreira, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri, Marilice Corona, Teresa Poester, Gení Mabília, Cecília Machado Bueno, Elton Manganeli e Maria Dolores Coni Campos. Dolores foi escolhida para integrar o filme por ter sido amiga direta de Iara de Mattos Rodrigues e estar ligada à Escolinha de Arte do Brasil, até hoje. A cada entrevista íamos tecendo a memória da EA, uma autobiografia coletiva, onde todas as identidades estão preservadas. Através de Antônio Nóvoa percebi que *“não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo, numa profissão fortemente impregnada de valores e ideias e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”*. (BARBOSA, 2008, p.217). Sendo assim fomos adequando cada entrevista ao que de maneira espontânea acontecia, muitas vezes em função da emoção aliada à memória.

Por meio da memória, o homem pode representar todas as distorções temporais para dar conta dos acontecimentos de uma vida. (...) Santo Agostinho propõe o espaço da memória e do desejo como um enigma a ser enfrentado por toda autobiografia (...) Segundo Santo Agostinho, a memória é o lugar de encontro do ‘eu’ consigo mesmo, cujo referente espacial é a palavra, a escrita, entendida como a morada do ser. (...) Assim, em relação ao ‘eu’, a memória dos espaços habitados na infância é o primeiro patamar da identidade do sujeito. (...) Logo a memória é o primeiro lugar em que se fixa uma identidade. A memória oferece uma experiência de certa duração; ali, o ‘eu’ encontra-se consigo mesmo. Nessa acepção, a fixação espacial é o principal antídoto que o homem tem contra o passar do tempo; daí a necessidade do adulto de voltar aos lugares em que passou na infância. (FICHTNER; BROSE, 2009, p. 42-43)

Outro enfoque importante tratado no filme é o papel do professor. Fica evidente que a maneira de ensinar, assim como a maneira de ser interligam-se. A missão do professor é chegar a cada aluno, harmonizar o seu viver, conhecer e trabalhar os seus valores, de ordem puramente humana e afetiva, o que implica em relacionamentos, companheirismo e integração social. A arte tem o poder de transformar, de redimensionar, de humanizar, de levar às raízes da nossa própria essência, da nossa fórmula única. (CAMPOS, 2003, p.329)

A música *Cantiga de Roda* de Fabio Mentz pontuaria a questão dos ciclos da EA. Entretanto não estava claro se a escolha seria por reproduzi-la na íntegra ou não. Ao final do roteiro optei por incluir três canções do Fabio e seu quarteto, que inclusive já haviam disponibilizado o material caso optássemos por essa sonoridade na trilha. *Cantiga de roda* pontua o tempo de maneira visual, introduzindo assim as vivências da EA nos primeiros minutos do audiovisual. Conforme Elida Tessler, afirmou: *É o mesmo lugar em tempos diferentes. Então são flashes fortes desse Movimento, dessa cadência quase que se faz, é uma cadência, são ciclos das coisas acontecendo, mas é esse acontecimento prolongado.*⁹⁵

São narradores dessa história, junto com Dolores:



Fotografia 97 por Luis Ventura – Cecília Machado Bueno, CDE - Porto Alegre/2009.⁹⁶

⁹⁵ A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS. loc.cit.

⁹⁶ Arte-educadora, pedagoga e artista plástica. Dirigiu a creche da UFRGS por muitos anos.



Fotografia 98 por Luis Ventura – Gení Mabília, CDE - Porto Alegre/2009.⁹⁷



Fotografia 99 por Luis Ventura – Maria Lúcia Varnieri no atelier Manganelli, Auxiliadora - Porto Alegre/2009.⁹⁸

⁹⁷ Arte-educadora formada pelo IA/UFRGS.

⁹⁸ Nasceu em Porto Alegre, RS- 1948. Formação superior: Bacharelado em Artes Visuais – IA/ UFRGS (1974), Especialização em Arte-Educação: Escolinha de Arte - UFRGS (1970) e CDE/SEDAC(1971). Atuação profissional: EA/UFRGS, professora, coordenadora do Curso Intensivo Arte-Educação (1973/2010). CDE/SEDAC, diretora (2005/2010).



Fotografia 100 por Luis Ventura – Maria Beatriz Noll em sua residência, Menino Deus - Porto Alegre/2009.⁹⁹



Fotografia 101 por Luis Ventura – Jailton Moreira no Torreão, Bom Fim - Porto Alegre, 2009¹⁰⁰



Fotografia 102 por Luis Ventura - Marilice Corona em seu atelier, Petrópolis - Porto Alegre/2009.¹⁰¹

⁹⁹ Nasceu em Porto Alegre, RS- 1943. Possui Licenciatura em Educação Artística / Música pelo IA/UFRGS. Especialização em Arte-Educação. Bacharel em Música-violão pelo Conservatório Palestrina. Professora da Escolinha de Arte/UFRGS. Trabalha técnica vocal para a voz cantada e falada. Atende pessoas com necessidades especiais relativas à voz.

¹⁰⁰ MOREIRA, Jailton. Escultura Gaúcha. Disponível em: <http://www.esculturagaucha.com.br/jailtonmoreira.htm> Acesso em: 10. dez. 2010.

¹⁰¹ CORONA, Marilice. Exposição arquivos abertos. **Koralle**. Disponível em: http://www.koralle.com.br/detalhe_da_noticia.asp?id=529 Acesso em: 10 dez. 2010



Fotografia 103 por Luis Ventura - Teresa Poester no Torreão, Bom Fim- Porto Alegre, 2009.¹⁰²



Fotografia 104 por Luis Ventura – Elida Tessler no Torreão, Bom Fim- Porto Alegre, 2009.¹⁰³



Fotografia 105 por Luis Ventura – Fabio Mentz no Torreão, Bom Fim- Porto Alegre, 2009.¹⁰⁴

¹⁰² POESTER, Teresa. **Acervo Instituto de Artes UFRGS**. Porto Alegre, [s.d]. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=POESTER,%20Teresa> Acesso em: 10. dez. 2010

¹⁰³ TESSLER, Elida. **Currículo**. Disponível em: http://www.elidatessler.com/curriculo/curriculo_elida.htm Acesso em: 10. dez. 2010

¹⁰⁴ MENTZ, Fabio. **Verbete Fabio Mentz**. Disponível em: <http://musicosdobrasil.com.br/fabio-mentz>. Acesso em: 27 ago. 2009

Ao final do filme quis registrar o começo da minha história com a arte-educação e fiz uma homenagem às mulheres que me ajudaram a descobrir esse caminho. Descobri meses depois que a mesma sigla MAR estava presente na história da Escolinha com outras simbologias e gostei muito dessa sintonia. Diz Iara:

A criança, desde o seu nascimento, tem etapas de desenvolvimento. E é preciso que esse desenvolvimento seja tão tranquilo, tão facilitado pela compreensão do educador, que seja tão simples como um rio caminhando para o mar. (grifo meu). E eu digo do mesmo jeito que Augusto Rodrigues – do rio (Rio de Janeiro, onde ele começou), caminhando para o mar. **MAR** (poderíamos dizer Movimento Augusto Rodrigues?). (CAMPOS, 2003, p.334)

Nossa realidade financeira durante toda esta realização foi concretizada somente porque tivemos apoiadores. Mais uma vez, aprata reuniu empresas (Estúdio Soma, Ray Produtora e um número grande de profissionais que constam nos créditos do filme) que se aliaram a proposta e trabalharam conosco até dias antes do lançamento ocorrido em 25 de setembro de 2010. Após lançarmos o filme/revista surgiu a ideia de realizarmos a versão do filme para o idioma espanhol. A versão por ficou pronta em novembro de 2010. A legendagem será concluída no mês de janeiro/fevereiro de 2011 e congratulará as três versões: português, inglês (de Cleiton Echeveste) e espanhol (de Elizabeth Castillo Fornés).

5. CONCLUSÃO

Durante muitos anos a exposição direta de informações sobre as trocas, as relações humanas, os processos e as ideias existentes dentro da **Escolinha de Arte da Associação Cultural dos ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS** foi acessível somente aos profissionais diretamente ligados a Associação. Por isso a tentativa de registro da memória e da história viva de seus participantes e mantenedores junto aos principais momentos lá vividos é uma das contribuições que essa pesquisa oportunizou.

O que existe sobre a **Escolinha de Arte da Associação Cultural dos ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS** evidencia que nestes cinquenta anos houve pouquíssimo material escrito divulgando o que aconteceu no RS, perdendo-se assim a chance de preservação da memória de algumas pessoas fundamentais que ajudaram a criá-la e mantê-la como instituição e, que hoje, podem ser consideradas responsáveis por parte da formação da nova geração, inclusive, de artistas contemporâneos gaúchos.

É reconhecido que as Escolinhas de Arte do país sempre mantiveram suas “figuras centrais” que no decorrer do tempo se destacaram, por se tornarem referências dos núcleos de apoio e desdobramento, a partir do eixo central estabelecido no RJ, com Augusto Rodrigues. Estas figuras centrais são no Recife, Dona Noêmia Varela; e, em Porto Alegre, Iara de Mattos Rodrigues. A história das Escolinhas de Arte contada sob o viés dos seus pioneiros é relativamente conhecida e, por vezes, criticada por estar organizada a partir de Augusto Rodrigues, mas as entrelinhas, as trocas, as relações humanas estabelecidas e os processos, até pouco tempo eram guardados como parte dos acervos institucionais, longe do acesso de suas comunidades.

Ter acesso e conhecimento a todas essas trocas e sobre o que mantém a **Escolinha de Arte da Associação Cultural dos ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS** ativa foi uma das motivações que me ajudou a tecer um primeiro panorama sobre a sua história e memória.

A descoberta e compreensão dos *princípios pedagógicos e filosóficos* tornando-os claros e acessíveis as pessoas interessadas em conhecer o trabalho da Escolinha de Arte foi um desafio porque não está documentada em uma única publicação – ela pertence a construção de um coletivo, a todos que contribuíram para a existência da Escolinha e que foram depurando-a com sua dedicação e trabalho. Esse é o centro polarizador de todas as ações decorrentes da *educação através da arte* sendo o foco de resistência desse grupo.

O *princípio pedagógico* é a própria capacidade criadora inerente ao ser- humano e única em cada indivíduo. A partir do momento em que eu trabalho minhas potencialidades criativas, eu transformo a mim e, conseqüentemente, transformarei o meio social, cultural, humano onde estiver inserido, sendo um indivíduo ativo. Os *princípios filosóficos* priorizam o respeito ao outro, ou seja, preservando a vida, amenizando preconceitos, exercendo a fraternidade e, criando assim, um ser-humano mais construtor e sensível. O resultado dessa combinação entre princípios e filosofia está presente na vida de cada pessoa que passou pela Escolinha de Arte e no indivíduo ativo que buscou da sua maneira ocupar seu lugar no mundo, seja através da arte, das leis ou da ciência.

No universo das Escolinhas de Arte existentes no país a **Escolinha de Arte da Associação Cultural dos ex-alunos do IA-UFRGS (Escolinha de Arte do RS)** é um exemplo que merece destaque, porque soube preservar - apesar da forte ligação e influência direta dos princípios pedagógicos e filosóficos estruturados no mesmo espaço de tempo com a *Escolinha de Arte do Brasil* - sua própria identidade sem esquecer sua ligação com suas origens e com o mundo.

É interessante observar que a memória da Escolinha de Arte respeita o aspecto coletivo dessa construção faltava o registro com os devidos créditos. Como em todo Movimento há um trabalho de base constante que não deve ser esquecido realizado com dedicação por inúmeros educadores e alunos das Escolinhas de Arte espalhadas pelo Brasil. Esse recorte é claro nas entrevistas com as pessoas que tem suas histórias de vida entrelaçadas com a Escolinha de Arte do RS.

O resgate dessa memória aconteceu quando descobrimos através das reflexões individuais sobre o trabalho da Escolinha de Arte – depoimentos encantadores e surpreendentes. Em todas as entrevistas há vida, há emoção, respeito e admiração pelo ser humano, sem esquecer humildemente da nossa condição humana. Isso é um aprendizado inesquecível, pois nos ajuda a dimensionar nossa dimensão humana na medida exata. Conhecer as pessoas, compreender seus processos, seus trajetos, suas histórias de vida é uma maneira de contribuir para a valorização da arte e da cultura nacional. Divulgar suas relações com a educação criadora promove os educadores e os comprometem perante a sociedade, com a continuidade dessa filosofia transformadora.

Se olharmos para a história desse grupo com tanto tempo de existência e transformador na vida de tantas pessoas, constataremos que ainda há muito por fazer. A possibilidade de conhecer os processos criativos e seus desdobramentos que estão relacionados aos processos de resgate e reconstrução da memória, se justifica pela importância em registrar o que aconteceu para que a partir disso, possamos construir algo novo, diferente, complementar, como num espelhamento das belezas e dos equívocos realizados. É um momento de reflexão e análise para que os ciclos se renovem e continuem atuando de acordo com o tempo de sua existência.

6. REFERÊNCIAS

A Arca de Noé. Rio de Janeiro: Polygram 1980, In: MORAES, Vinícius de. A Casa. Versão em italiano Bardotti & Endrigo, 1974.

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Bonecos no Brasil e em São Paulo de 1940 a 1980**. São Paulo: COM-ARTE, 1994. 80 p.

ANAIS - I Encontro Latino Americano de Educação através da Arte. Rio de Janeiro, 1977. 294 p.

ANTUNES, Arnaldo; BANDEIRA, João (org.). **40 escritos**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000. 150p.

Artistas. **Acervo Instituto de Artes UFRGS**. Porto Alegre, [s.d] Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=WiwiHome> Acesso em: 20. jul. 2009.

A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS. Direção e Produção: Aprata. Intérpretes: Cecília Machado Bueno, Elton Manganelli, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri, Maria Dolores Coni Campos. Roteiro: Leocádia Costa. Música: Fabio Mentz. Porto Alegre: Aprata, 2010. 1 DVD (30min), colorido.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008. 349 p.

_____. Os equívocos no Brasil. **Escolinha de Arte do Brasil**: Rio de Janeiro, julh/1979.

BOLÍVAR, Antônio. **O esforço reflexivo de fazer da vida uma história**. Pátio, número 43, p. 13-15, Ano XI, Ago/Out 2007.

BRITTO, Jader de Medeiros (Org.). **60 anos de Arte-Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. do Livro, 2008. 150 p.

BUBLITZ, Juliana. Entidade ocupava duas salas na antiga Escola Técnica da UFRGS. **Zero Hora**, Porto Alegre, 3 abr. 2009.

CAMPOS, Maria Dolores Coni. **Encontros Ontem, Encontros Hoje, Cartas que vão, Cartas que Vêm Entre na Roda você também**. 2003. 423 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

CORONA, Fernando. Histórico do Instituto de Artes. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 abr. 1978. Caderno de Sábado, p. 7-9.

CORONA, Marilice. Exposição arquivos abertos. **Koralle**. Disponível em: http://www.koralle.com.br/detalhe_da_noticia.asp?id=529 Acesso em: 10 dez. 2010

COSTA, Amanda. **Astrologia: o cosmos e você**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003. 174p.

CREMONESE, Djalma. A influência das ideias do Padre Louis-Joseph Lebret nas Ciências Sociais do Brasil. Monografias.com, Ijuí, fev./2006, Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos915/lebret-sociais-brasil/lebret-sociais-brasil2.shtml> - Acesso em: 12. dez. 2010.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** Campinas: Papirus, 1983. 85p.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança – a abordagem de Reggio Emilia na educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

Escolinha de Arte do Brasil: Histórico. **Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais**, São Paulo, nov./ 2005. Disponível em: www.itaucultural.org.br/enciclopedia. Acesso em: 27. abr. 2009

FICHTNER, Marília Papaléo; BROSE, Elizabeth R.Z. **Metodologia do ensino de literatura: do olhar adulto ao olhar infantil**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009. 101p.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Noêmia Varela e a arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. 288p.

FERRARI, Márcio. Bruna Elena Giacopinni: cada criança é um indivíduo. **Revista Nova Escola**, São Paulo, edição 197, nov/2006. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/> Acesso em: 14 nov, 2010.

Gonzaguinha. **O que é, o que é?** Disponível em: http://www.gonzaguinha.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=185:o-que-e-o-que-e&catid=35:letras&Itemid=54 Acesso em: 02 out, 2010.

GRUPO AÇÃO VOLUNTÁRIA FRANCISCO DE ASSIS. Disponível em: <http://ong.portoweb.com.br/grupofranciscodeassis> Acesso em: 15 out, 2010.

GUEDES, Cleide (Org). **Astrologia Doze Portais Mágicos**. São Paulo: Editora Talento, 2001. 224p.

Histórico da UFRGS. **UFRGS**, Porto Alegre, Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/index_a_ufrgs.htm Acesso em: 5 jun. 2009.

Histórico. **Acervo Instituto de Artes UFRGS**. Porto Alegre, [s.d] Disponível em: http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/mastop_publish/?tac=Hist%F3rico Acesso em: 20. jul. 2009

KLEE, Paul. **Diários**: Editora Martins Fontes, 1990.

KLINTOWITZ, Jacob; RODRIGUES, Augusto. **50 anos de arte: a arte como anotação do cotidiano**. São Paulo: Raízes, 1980.

KRUG, Rosana. **Livro de Artista**. Programa de Pós-Graduação Especialização em Arte/Educação: Arte, Ensino e Linguagens Contemporâneas. *Disciplina Processos de Criação e Percepção*. Feevale, 2009.

LARSEN, Margrethe Skou. **Currículo**. Disponível em: www.euritmiaviva.com. Acesso em: 20. set. 2010

MAFRA, Regina Maria Ruiz. **Linha e Rodinha: exercícios para Expressão Corporal, Musical, Psicomotricidade, Recreação e “Linha”**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 202p.

MASCHEVILLE, Emma Costet de. **Luz e Sombra: elementos básicos de Astrologia**. Brasília: Editora Teosófica, 1997. 77p.

MATISSE, Henri. É preciso “olhar” a vida inteira com olhos de criança. In: MIRANDA, Orlando (Org.). **Coletânea do Jornal de Arte e Educação**. Rio de Janeiro: Teatral, 2009. p. 10.

MELLO, Luiz Carlos (org). **Encontros Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. 240p.

MENTZ, Fabio. **Verbetes Fabio Mentz**. Disponível em: <http://musicosdobrasil.com.br/fabio-mentz>. Acesso em: 27 ago. 2009

MIRANDA, Orlando (Org.). **Coletânea do Jornal de Arte e Educação**. Rio de Janeiro: Teatral, 2009. 400 p.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele.** 5. ed. São Paulo: Summus editorial, 1986. 427p.

MOREIRA, Jailton. Escultura Gaúcha. Disponível em: <http://www.esculturagaucha.com.br/jailtonmoreira.htm> Acesso em: 10. dez. 2010.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. **70 Anos de Augusto Rodrigues: Arte para ser e existir.** Rio de Janeiro: MNBA, 1983.

NOVAES, Aduino (org.). **O olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 495p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** 3ª edição. Vozes, 1983. 196 p.

_____. Por que criar? In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. **Encontros Ontem, Encontros Hoje, Cartas que vão, Cartas que Vêm Entre na Roda você também.** 2003. 423 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. p.300.

O universo da arte: Fayga Ostrower. Instituto Arte na Escola. Direção: Cacá Vicalvi. Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão São Paulo. Autoria de Tarcísio Tatit Sapienza. Coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006. DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor. 15 min.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Guanabara-koogan, 1978.

_____. **A noção de tempo na criança.** Rio de Janeiro: Record, [s.d.]

POESTER, Teresa. **Acervo Instituto de Artes UFRGS**. Porto Alegre, [s.d]. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=POESTER,%20Teresa>
Acesso em: 10. dez. 2010

RAMOS, Mariane Sobrosa. **Eurythmia e expressão artística**. Porto Alegre, ago./ 2005.
Disponível em: <http://euritmiaviva.com/entrevst.htm>. Acesso em: 20. set. 2010

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 367p.

_____. **A Redenção do Robô**. São Paulo: Summus, 1986.

Revista Comemorativa dos 30 anos da Escolinha de Arte da UFRGS do RS. Porto Alegre, RS: Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Arte, 1990.

Revista Comemorativa dos 50 anos da Escolinha de Arte da UFRGS, Porto Alegre, RS: Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Arte, março/2010.

RODRIGUES, João Rocha. **Papo cabeça com Lydia Hortélio: É preciso brincar para afirmar a vida**. Revista Almanaque Brasil da Cultura Popular, out/2008. Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/papo-cabeca/e-preciso-brincar-para-afirmar-a-vida>.
Acesso em: 31 out, 2009.

RODRIGUES, Augusto. Educação criadora: Preparação para a paz. In: MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. **70 Anos de Augusto Rodrigues: Arte para ser e existir**. Rio de Janeiro: MNBA, 1983. p.135

_____. Um caminho alternativo da educação criadora no Brasil. **Escolinha de Arte do Brasil**: Rio de Janeiro, 2000.

_____. O movimento das Escolinhas de Arte e suas perspectivas . In: MIRANDA, Orlando (Org.). **Coletânea do Jornal de Arte e Educação**. Rio de Janeiro: Teatral, 2009. p. 196

RODRIGUES, Iara de Mattos. Projeto Escolinha de Arte da UFRGS. **Associação Cultural dos ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS**: Porto Alegre, 1995.

SILVEIRA, Nise. Felinos e as janelas da mente. [5 out. 1998] Entrevistador: Anabela Paiva. São Paulo. **Revista Época**. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/19981005/cult4.htm>
Acesso em: 1. out. 2010.

SOUZA, Alcídio Mara de. **Volta ao maravilhoso**. In: MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. 70 Anos de Augusto Rodrigues: Arte para ser e existir. Rio de Janeiro: MNBA, 1983.

STEINER, Rudolf. **A educação da criança: segundo a Ciência Espiritual**. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996. 47 p.

STRAPAZZON, Maria Lúcia. **Sou o que aparento: a pose no retrato fotográfico do adolescente**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação e Especialização em Arte/Educação ICHLA, FEEVALE, Novo Hamburgo, 2011.

TESSLER, Elida. **Currículo**. Disponível em: http://www.elidatessler.com/curriculo/curriculo_elida.htm Acesso em: 10. dez. 2010

TOSCANI, Oliviero. **A publicidade é um cadáver que nos sorri**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 187p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Duas Alices**: exposição em homenagem às alunas do Instituto de Bellas Artes Alice Brueggemann e Alice Soares comemorando seus 80 anos. Programa Unicultura: Porto Alegre, 1997.

VARELA, Noêmia. **Noêmia Varela: uma vida, fazeres e pensares**. Disponível em: <http://il.youtube.com/watch?v=oekpINIGedQ&feature=related> Acesso em: 27 jun, 2010

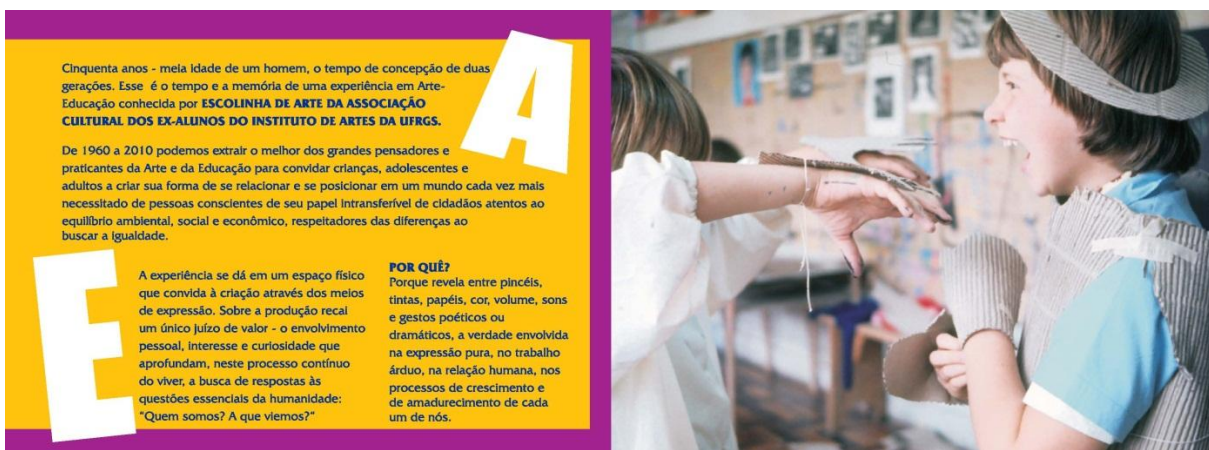
_____. Movimento Escolinhas de Arte: Imagens e Ideias. [s.d.]

7. ANEXOS

ANEXO 1 REVISTA (formato fechado, 40x15cm, com wire-o, tiragem: 2000 unidades)



Capa





Página 1




Página 2

O AMOR ESTÁ NA ORIGEM DE TODA A CRIAÇÃO

* A criança ao nascer já traz, como estrutura em evolução, um equipamento orgânico que a predispõe à criatividade. É ao fazer atividade criadora que ela se capacita para a apreciação da obra de arte. Essa capacitação acaba se tomando o problema-chave, porque a criança vai imprimindo em sua sensibilidade as impressões de sua convivência, e dependendo da qualidade das influências que recebe, sua preparação emocional tenderá ou não para o conformismo e como tal essa educação digestiva não pode produzir indivíduos criadores, pois seu caráter servil, repetitivo, tende a esmagar as virtualidades particulares de cada indivíduo. Por outro lado, mal nascido, é a criança submetida a um processo de massificação de imagens pré-fabricadas, em função dos interesses da indústria cultural, que perturba sua visão e sua capacidade de descobrir ou selecionar o que lhe podem oferecer a natureza e o artista."

Augusto Rodrigues






"Mistura!
É por que não?
falhas de grandes árvores
com ramalhinhos de agnido
o tempo encolando
e o fogo da paixão
a música do céu descida
e o mata puro canto do chão."
(Augusto Rodrigues)

A qualidade essencial da arte-educação está na possibilidade de usar a expressão criadora como processo de conhecimento.



O Programa Escolhinhos de Arte da UFRGS constitui-se num espaço de atividades criadoras múltiplas, oferecendo a seus alunos aulas de pintura, desenho, modelagem, maquiagem, montagem, colagem, origami, sensibilização musical, jogo dramático, construções em três dimensões e outros meios de expressão, em regime de trabalho diverso do ensino formal da escola regular.




"O Movimento Escolhinhos de Arte do Brasil conseguiu inspirar uma cadeia de processos objetivos de pensamentos e uma série de procedimentos práticos, de núcleos de estudo e trabalho prático-poético que sobrevivem seja como Escolhinhos de Arte, seja como idéias mobilizadoras em outras áreas onde se faz realmente arte-educação."

Noêmia Varela

"Na perspectiva desses anos vividos intensamente na Escolhinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS permanece ainda e sempre a convicção de estarmos engajados em um processo-mundo que fará surgir um novo homem, co-responsável e participante ativo nas mudanças vitais da nossa sociedade."

Fortalecido pelo exercício constante do fazer criador, respirando e entendendo arte como vida, identificando com sua imagem interior, consciente de sua própria originalidade e de suas limitações, esse novo homem caminha corajosamente pelo terceiro milênio, em meio a um desafio sem precedentes.



Generoso, afetivo, aberto, disponível, forte, íntegro, curioso, inquieto, inconformado, renovador ele mudará a face deste planeta."

Apostar nesta utopia e viver este sonho tem sido uma das coisas mais gratificantes que vem acontecendo na minha vida."

Iara de Mattos Rodrigues

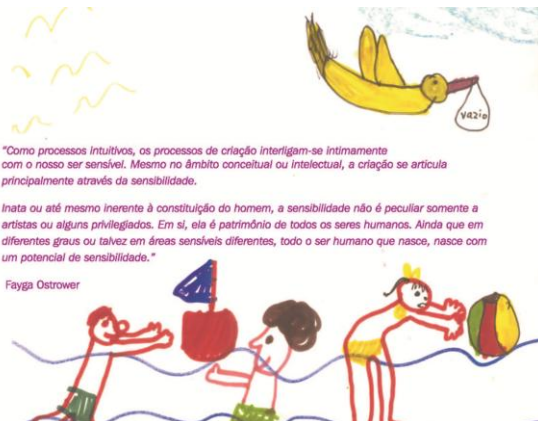




Para realizar-se como ser social, sensível, cultural e consciente o homem precisa se adaptar ao meio ambiente. Ao criar seus símbolos e dar forma significativa aos conteúdos que recebe, interioriza e organiza, constantemente, ele consegue esta adaptação.

No limite da folha de papel, no volume da argila, no movimento do seu corpo e de seu olhar, nosso aluno, na Escolinha de Arte, desenvolve sua sensibilidade estética, exercita suas escolhas, motricidade e intuição, ordena seu ritmo e percebe-se único. O desafio que experienciou torna-se referência de conhecimento. Transformando a matéria, ele se transforma.

Acreditamos que a arte como meio de expressão e de auto-conhecimento é também educação.



"Como processos intuitivos, os processos de criação interligam-se intimamente com o nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade.

Inata ou até mesmo inerente à constituição do homem, a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns privilegiados. Em si, ela é patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes, todo o ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade."

Fayga Ostrower



Existe uma grande distância entre a imaginação e a materialização da forma.

Trabalhar para a concretização formal do imaginário vem sendo um dos maiores desafios a que se propõe a Escolinha.



"(...) Considero a livre expressão como o mais significativo e marcante ponto que caracteriza a idéia de educar através da arte. Ali está tudo; deixar a criança livre, esperar o seu tempo, confiar nela, permitir que ela seja, e acreditar que a arte oportuniza os impulsos vitais para que o ser em crescimento se desenvolva harmoniosamente e em plenitude. Conhecer-se e conquistar-se a si mesmo não seria possível sem o exercício da liberdade. A liberdade de criação e o respeito ao outro estão implícitos nessa proposta de educação inovadora. É na livre expressão que a criança, o adolescente e o adulto conhecem o significado da liberdade. E, uma vez conhecido, jamais poderão prescindir dela (...)."

"O arte-educador é um facilitador? um promotor? um provedor? um estimulador? Sim, é tudo isto. Mas, certamente, não é um repetidor de modelos."

Carta de Iara de Mattos Rodrigues à Maria Dolores Coni Campos



"A Escolinha de Arte de Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS, no limiar de seu cinquentenário cumpre o seu papel no cenário riograndense.

Através da expressão artística, os povos desenvolvem sua cultura, expressando o seu cotidiano das mais diferentes formas. A partir desses registros vão sendo elaboradas as memórias do passado, os integrantes de nosso presente, e os rumos de nosso futuro.

Esta obra retrata, de forma significativa a trajetória da Escolinha de Arte ao longo desses cinquenta anos."

Carlos Alexandre Netto
Reitor da UFRGS



A natureza e o homem estão interrelacionados.

Na experiência da

ALDEIA DAS DESCOBERTAS

a criança toma consciência, naturalmente, de si mesma e sua relação com o meio ambiente.

A convivência continuada com a força e a legitimidade da expressão criadora de crianças e adolescentes, nos encoraja a reafirmar, cada vez mais, a importância e a necessidade de um trabalho que provoque, estimule e respeite o potencial do indivíduo, fonte para a estruturação e desenvolvimento do pensamento criativo.

Página 12

"Quando aceitei ser coordenadora da Escolinha de Arte, pensei em tudo o que havia ganho lá quando criança, e como seria importante para mim, retornar para o mundo e para lá o que recebi."

Lemora Lerner Rosenfield
Coordenadora da Escolinha de Arte

Os professores-orientadores que atuam na Escolinha de Arte são em sua maioria ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS com formação acadêmica especializada nas áreas de Arte e da Educação.

Consciente de sua responsabilidade e necessidade de expandir seu trabalho a Escolinha vem promovendo e realizando anualmente:

- Atividades criadoras múltiplas, com crianças, adolescentes, jovens e adultos da comunidade universitária e em geral;
- Exposições anuais e outras mostras;
- Projeto Aldeia das Descobertas (criança-natureza);
- Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE).

Página 13

A proposta da Escolinha de Arte está baseada em princípios filosóficos da Sociedade Internacional de Educação Através da Arte, INSEA / UNESCO: "a criação artística responde a uma necessidade comum a todos os homens; a educação através da arte é, para o indivíduo, em todos os estágios de seu desenvolvimento um meio natural de cultura, porque ensina os saberes e as disciplinas essenciais ao seu pleno desenvolvimento intelectual e social."

Página 14



Movimento de Arte-Educação

1897 - Criação da Classe de Arte-Infante Juvenil de Franz Cizek, em Viena, Áustria. A partir desta data, há expansão do Movimento pela Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Japão, que seria chamado de Arte-Educação.

1941 - Exposição de trabalhos de crianças inglesas, apresentada no Brasil pelo crítico Herbert Read (1893-1968).

1943 - Publicação do livro "Education Through Art" de autoria de Herbert Read, estudioso e organizador do pensamento filosófico do Movimento. Somente em 1955 este livro seria publicado em espanhol, sob o título: "Educación por El Arte" e em português, na década de 70.

1948 - Em 08 de julho, Augusto Rodrigues, cria a Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro com a participação de artistas e educadores. A partir deste ano, inspirada por esta iniciativa, há a criação de outras Escolinhas no Brasil e na América Latina. No mesmo ano, em 10 de dezembro há a publicação da Declaração dos Direitos Universais do Homem pela ONU.

1949 - Em Porto Alegre é criada a Escolinha de Arte do Círculo Militar.

1950 - Em Santa Maria, surge a Escolinha de Arte do Círculo Militar e em Cruz Alta, a Escolinha de Artes Francisco Lisboa.

1954 - É criada a Sociedade Internacional de Educação através da Arte (International Society of Education through Art- INSEA) UNESCO, tendo como Presidente, Herbert Read sendo Augusto Rodrigues um dos Membros do Conselho.

1960 - Em Porto Alegre, no dia 15 de setembro, cria-se a Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS, fundada por Alice Soares liderando um grupo de professores e ex-alunos do Instituto de Arte como: Fernando Corona, Ado Malagoli, Angelo Guido, Rubens Galant Costa Cabral, Alice Brieglebmann, Leda Flores, Lygia Tisich de Mesquita Rothmann e Cristina Baldo. Alice Soares dirigiu a Escolinha até 1965 e Iara de Mattos Rodrigues, até 2005. Na sequência são coordenadores Rodrigo Nuñez, Patrícia Haussen e atualmente, Lenora Lerrer Rosenfield. Em 1966 é oferecido o primeiro Curso Intensivo de Arte-Educação - CIAE, sendo realizado anualmente, ainda hoje.

1961 - Em Porto Alegre, no dia 12 de abril, cria-se a Escolinha de Arte da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, atualmente, Centro de Desenvolvimento de Expressão, ligado a Secretaria de Cultura.

1973 - Cria-se a Sociedade Brasileira de Educação através da Arte (SOBREART), tendo Zolê Chagas Freitas como Presidente e Augusto Rodrigues como Presidente de Honra. Em 1984 a Presidente foi Fayga Ostrower.

1984 - Cria-se a Associação Gaúcha de Arte-Educação (AGA), numa iniciativa da Escolinha de Arte | UFRGS e do CDE | Porto Alegre que reuniram representantes das Escolinhas de Arte do RS. A primeira Presidente foi Mari Ribeiro Meira.

1987 - Cria-se a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB).

1989 - Publica-se os Direitos da Criança (ONU).

1990 - Publica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente | Brasil.

"(...) A Arte como ponto de partida para a Educação manteve a Escolinha de Arte atenta e perseverante. Sua luta foi dar à criança a oportunidade de se tornar um adulto mais consciente em suas atitudes, mais preparado para a vida, mais livre, mais feliz (...)"

Alice Soares - 1985

Professores da Escolinha de 1960 a 2010

Adriana R. Carneiro Leão Alice Esther Brieglebmann Ana Lúzia Azevedo Ana Maria Pereira Estrela Beatriz Fleck Berenice Cortel Betina Stamppe Carlos José Pasqueti Cecília Machado Bueno Clecy Pasqueti Dione Greca de Moraes Élda Tessler Elton Manganeli Enéida Alves de Moraes Eunice Ramos Coelho Fábio Augusto Mentz Gabriela Siqueira Geni Gasparotto Mubilla Gisela Wietge Heloísa Schneiders Iara de Mattos Rodrigues Ieda Ruschel Ranziet Iracema Cafunil Isabel Cristina Slegie Jullion Moreira Leda Flores	Lygia Tisich de Mesquita Rothmann Marcus Camilo Maria Beatriz Rurtdo Rahde Maria Beatriz Noll Maria Elisabeth Prates Dias Maria Lúcia Martins de Macedo Maria Lúcia Campos Varnieri Mariana Ramos Marilisa Sacknies Barreto Marilice Corona Marly Nunes Marta Colares Noema de Almeida Schreiner Nair Rara Patrícia Rodrigues Haussen Regina Oliveira Ricardo Augusto Becker Rosa Accordi Sandra Simons Richter Susy Possapp Rocha Teresa Poester Valquíria Borba Vera Leonardi Callegari Yeddo Tietze Zenil Moraes
--	---

*Há quase cinco décadas, a Escolinha de Arte da UFRGS trabalha para alimentar a imaginação e a sensibilidade de seus alunos, incentivar o desenvolvimento do senso crítico e, mais do que tudo, o amor ao fazer artístico e à arte. Muitos professores e técnicos do Instituto de Artes trabalharam duro durante toda a existência da Escolinha para mantê-la viva e atuante, mesmo diante de todas as adversidades que se apresentaram.

 A dedicação total, o comprometimento nuclear de algumas pessoas com a Escolinha fez com que a iniciativa marcasse de forma profunda a vida de todos que se envolveram com ela. É preciso destacar aqui o nome da professora Iara de Mattos Rodrigues, arte-educadora que fez da Escolinha um projeto de vida.

 Alfredo Nicolaiewsky
 Diretor do Instituto de Artes da UFRGS

"Na Escolinha aprendi a buscar dentro de mim, o que parece estar mais escondido numa pessoa; a capacidade de mudar o rumo da vida e de interiorizar socialmente. Lá eu não tinha obrigação nenhuma, nunca tive. Eu podia fazer os trabalhos que eu quizesse. O máximo que me exigiram é que o resultado dos trabalhos me satisfizesse, que eu tentasse de todas as maneiras obter um resultado verdadeiro, inteiro."
Wilson Nardotti, escritor.

"A Escolinha desenvolveu meu gosto pela beleza das coisas naturais."
Carlos Hoeker Ferreira, médico-veterinário.

"Na Escolinha aprendi caminhos, arrisquei atalhos, exercitei independência de criar e de aprender e foi, com certeza, uma época muito feliz."
Cristina Klotz, enfermeira obstetriz/plástica.

"Lembro do estímulo de buscar algo mais, de sempre tentar algo novo, de ouvir. Isso me marcou muito e trago comigo até hoje."
André Rodrigues, economista.

"A Escolinha foi a iniciação ao ato criativo (...) a ideia de que posso ser original."
Felipe Brandão Netto, psicólogo.

"A Escolinha foi, talvez, a experiência fundamental."
Vitor Krjuzin, publicitário.

"A Escolinha foi uma parte feliz da minha infância. Lembro de significativo: a integração professora-aluno."
Maribel C. P. Oliveira, cabeleireira.

"Meu processo de criar? Natural como respirar, comer, dormir, brincar - continue tentando modificar as coisas que o mundo talvez em não consentar, dentro da minha área de atuação."
Christopher Mendonça de Boer, geólogo.

"A Escolinha sempre orientava as atividades inclusive incorporando novos conhecimentos (...)"
Eduardo de Lima Fernandes, cirurgião-dentista.

"...Na escola me prometiam sucesso se eu fizesse o que eles queriam, na Escolinha, eu já tinha sucesso, fazendo o que eu queria."
Ricardo Becker, pianista e artista plástico.

*"Espaço sagrado em meu coração
Aonde eu for estará presente me lembrando quem sou."*
Teresa Lucena, educadora.

depoimentos

Imagens (fotografias, desenhos, pinturas e demais técnicas)
depoimentos e textos extraídos do Acervo da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS

Execeto Fotografias copyright by
Jacob Klintowitz (páginas 03 e 05) e Luis Ventura (página 17 - Foto Alice Soares)

DVD
Captação de Imagens Luis Ventura **Roteiro aprata**
Trilha Sonora "Cantiga de Roda" pra Escolinha de Arte da UFRGS by Fábio Mento
Edição e Autoração Cristiane Laurentiz | Ray Produtora

Textos
por Augusto Rodrigues (1913/1993), Fayga Ostrower (1920/2001) e Carta extraída da Tese "Encontros ontem, Encontros hoje, Cartas que vão, Cartas que vêm, Entre na roda você também" UFF/RJ-2003 by Maria Dolores Coni Campos.

Organizadores
Cecília Machado Bueno | Elton Manganelli | Eunice Coelho | Eneida Moraes
Geni Mabilia | Leocádia Costa | Maria Beatriz Noll | Maria Lúcia Varnieri | Patrícia Haussen

Projeto Gráfico aprata
Design Gráfico Type Design

Aceitamos todas as hipóteses de função da arte mesmo reconhecendo que algumas manifestações se identificam conosco: arte como formação, conhecimento, forma de expressão ou de consumo. Falando, escrevendo, ouvindo, lendo, comunicamos nosso pensar utilizando a linguagem verbal. Já as artes visuais estão radicalmente ligadas ao olhar, ao ato de ver.

Uma oficina de arte deve propor o livre exercício com os meios de expressão porque intensifica e interliga diferentes linguagens com seu alfabeto e seus códigos. Este é um dos propósitos da Escolinha de Arte nestes 50 anos.

Realização
Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS

Blog | E-mail
escolinhadeartes.blogspot.com | escolinhadearte@hotmail.com

Primeira tiragem março de 2010 | Porto Alegre | Brasil

Apoio Cultural

ALGOMAS UFRGS UFRGS aprata RAY PRODUTORA UFRGS

ANEXO 2 CONVITE (formato 21x15cm, tiragem impressa: 200 unidades)



Frente



Verso

ANEXO 3 DVD (filme nas versões português, inglês e espanhol + trailer)

Para adquirir o DVD acesse: acultrs.blogspot.com